

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

Giselle Carvalho de Pádua Pedrosa

**Doce Epifania: A construção do ser e o resgate do amor-próprio em
uma história em quadrinhos, sob influência da individuação
junguiana e da lírica do BTS.**

GOIÂNIA
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Giselle Carvalho de Pádua Pedrosa

Título do trabalho: Doce Epifania: A construção do ser e o resgate do amor-próprio em uma história em quadrinhos, sob influência da individuação junguiana e da lírica do BTS.

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Edgar Silveira Franco, Professor do Magistério Superior**, em 26/11/2025, às 12:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Giselle Carvalho De Pádua Pedrosa, Discente**, em 10/12/2025, às 01:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

Giselle Carvalho de Pádua Pedrosa

Doce Epifania: A construção do ser e o resgate do amor-próprio em uma história em quadrinhos, sob influência da individuação junguiana e da lírica do BTS.

Trabalho de conclusão de Curso (TCC) apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Bacharel em Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Orientador: Prof. Dr. Edgar Silveira Franco

GOIÂNIA

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Carvalho de Pádua Pedrosa, Giselle

Doce Epifania: A construção do ser e o resgate do amor-próprio em uma história em quadrinhos, sob influência da individuação junguiana e da lírica do BTS. [manuscrito] / Giselle Carvalho de Pádua Pedrosa. 2025.

CXXIII, 123 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Edgar Silveira Franco.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais, Goiânia, 2025.

Bibliografia.

1. História em Quadrinhos. 2. Processo criativo. 3. Autoconhecimento. 4. Amor-próprio. 5. Psicanálise Junguiana. I. Silveira Franco, Edgar, orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos vinte e seis dias do mês de novembro do ano de 2025 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Doce Epifania: A construção do ser e o resgate do amor-próprio em uma história em quadrinhos, sob influência da individualização junguiana e da lírica do BTS”, de autoria de Giselle Carvalho de Pádua Pedrosa, do curso de Artes Visuais - Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pelo prof. Dr. Edgar Silveira Franco - orientador (FAV/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: prof.^a Dr.^a Flávia Leme de Almeida (FAV/UFG) e Ms. Rachel Cosme Silva dos Santos (PPGACV/FAV/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 9,4 (nove vírgula quatro), tendo sido o TCC considerado **aprovado**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Edgar Silveira Franco, Professor do Magistério Superior**, em 26/11/2025, às 12:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rachel Cosme Silva Dos Santos, Usuário Externo**, em 26/11/2025, às 19:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Flavia Leme De Almeida, Professora do Magistério Superior**, em 27/11/2025, às 21:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5792991** e o código CRC **25BD1AA9**.

“Talvez eu tenha cometido um erro ontem, mas o eu de ontem ainda sou eu. Sou quem sou hoje, com todos os meus defeitos. Amanhã posso ser um pouquinho mais sábio, e isso também sou eu. Esses defeitos e erros são o que eu sou, compondo as estrelas mais brilhantes na constelação da minha vida. Aprendi a me amar por quem eu era, por quem eu sou, e por quem eu espero me tornar.”

(KIM, Namjoon, 2018)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, aos meus pais, Tarcízio e Gislene e à minha irmã Michelle, que sempre me apoiaram a seguir os meus sonhos, sejam eles quais fossem e sempre me ofereceram o mais puro e lindo amor incondicional. Obrigada por me darem tanto apoio para concluir a faculdade, por serem uma família maravilhosa e por cuidarem tão bem de mim, eu amo vocês imensamente.

Quero dedicar esse espaço também a todas as minhas amigas, especialmente Gleici e Bruna, que estiveram comigo durante todos os anos de faculdade. Foram várias as vezes que vocês foram os principais motivos para que eu tivesse vontade de seguir no curso, e eu agradeço com todo o meu coração por terem ficado ao meu lado mesmo em momentos difíceis e me ajudarem a ver o melhor de mim, eu amo muito vocês.

Também sou imensamente grata ao meu namorado Lucas que, além de ser o meu amor, é meu companheiro e meu amigo e foi quem mais cuidou de mim durante o processo de TCC. Obrigada por cuidar de mim não somente durante esse processo, mas por nunca me deixar duvidar do significado de amor incondicional, eu te amo com todo o meu coração!

Agradeço também ao meu professor e orientador Edgar por ter sido a única pessoa dentro da faculdade que não só acreditou em mim, como também me mostrou que sou muito mais do que posso imaginar. Eu gosto demais de você, Edgar, espero que você tenha uma vida linda pela frente. Para mim, você é como um verdadeiro herói!

Agradeço aos meninos do BTS que, há 10 anos estão sendo a minha segunda família, todos os dias têm me ensinado a ser a melhor versão de mim e a procurar pelo amor-próprio. Eu amo vocês sete imensamente!

Por fim, agradeço a mim mesma. Acredito que eu não poderia deixar de pensar em mim mesma após longos meses pesquisando sobre amor-próprio.

RESUMO

A presente pesquisa configura-se como uma autoficção que resultou na elaboração de uma história em quadrinhos ambientada em um universo ficcional, fantástico e simbólico. A narrativa construída explora, de forma metafórica, o processo de busca por autoconhecimento e, sobretudo, de amor-próprio na trajetória de uma personagem que reflete experiências internas da autora. Para a construção da narrativa quadrinhística foram articulados ao processo criativo conceitos da psicanálise junguiana com reflexões sobre amor e autoconhecimento presentes em perspectivas contemporâneas, além de diálogos sensíveis com produções musicais do grupo BTS, que contribuíram para a criação de atmosferas, cenários e metáforas. Enquanto a base teórica possibilitou a elaboração da simbologia e da estrutura psíquica da narrativa, as canções auxiliaram na transformação desses conceitos em imagens e sentimentos, permitindo traduzir conflitos internos em elementos visuais que estruturam a problemática vivida pela personagem.

PALAVRAS-CHAVE: História em Quadrinhos. Processo criativo. Autoconhecimento. Amor-próprio. Psicanálise Junguiana.

ABSTRACT

This research is configured as an indirect autofiction that resulted in the creation of a comic book set in a fictional, fantastic, and symbolic universe. The constructed narrative explores, metaphorically, the process of seeking self-knowledge and, above all, self-love in the journey of a character that reflects the author's internal experiences. For the construction of the comic book narrative, concepts from Jungian psychoanalysis were articulated with reflections on love and self-knowledge present in contemporary perspectives, in addition to sensitive dialogues with musical productions by the group BTS, which contributed to the creation of atmospheres, scenarios, and metaphors. While the theoretical basis enabled the elaboration of the symbolism and psychic structure of the narrative, the songs helped transform these concepts into images and feelings, allowing the translation of internal conflicts into visual elements that structure the problems experienced by the character.

KEYWORDS: Comic book. Creative process. Self-knowledge. Self-love. Jungian psychoanalysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. O MAPA DA ALMA.....	12
1.1 Individuação.....	12
1.2 Autoconhecimento como primeiro passo para o amor-próprio.....	16
1.2.1 Aceitar as falhas.....	18
1.2.2 Abandonar as máscaras.....	18
1.3 Como surge o amor próprio.....	19
1.3.1 Saber pedir ajuda.....	20
1.3.2 Libertar-se dos complexos.....	20
1.3.3 Amor-próprio e individuação.....	20
1.4 Amando a si mesmo, é possível amar ao próximo.....	21
1.4.1 A influência de um ambiente amoroso na construção do amor-próprio...	21
2. INTERLÚDIO.....	22
2.1 Materialidade: História em Quadrinhos.....	23
2.2 O que inspira.....	24
3. EPIFANIA: A CRIAÇÃO DO SER.....	33
3.1 Floresta das Sombras.....	44
3.2 Teatro Persona: Baile dos Mil Eus.....	50
3.3 Complexos.....	53
3.3.1 Complexo da Perda da Inocência: Torre dos Fragmentos de um sonho	54
3.3.2 Complexo do Não Pertencimento: Torre Desconexa.....	57
3.3.3 Complexo da Falta de Amor-próprio: Castelo do Ego.....	60
3.4 Sinopse e resultado final.....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
REFERÊNCIAS.....	122

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa parte do objetivo e da necessidade particular de investigar, compreender e refletir sobre as múltiplas camadas que envolvem o processo de resgate do amor-próprio e a busca pelo verdadeiro “eu”. O interesse por esse tema surge de experiências traumáticas individuais que despertaram o desejo de compreender, de forma mais profunda, como sentimentos de deslocamento, perda de identidade e distanciamento de si podem se desenvolver e, sobretudo, de que forma é possível superá-los. Simultaneamente à pesquisa teórica, foi produzida uma história em quadrinhos de autoficção chamada *Doce Epifania*, com uma narrativa que explora, com simbologia e afeto, esses processos.

No primeiro capítulo, é apresentado um estudo detalhando alguns aspectos da psicologia analítica de Carl Gustav Jung, cujos conceitos sobre individuação, ego, sombra, persona e *self* oferecem uma base consistente para compreender as dinâmicas internas que estruturam a subjetividade humana. Além disso, a pesquisa dialoga com perspectivas contemporâneas sobre amor e autoconhecimento, sobretudo através de autores como Jiddu Krishnamurti, Thich Nhat Hanh e bell hooks, que abordam o amor-próprio como prática, responsabilidade e caminho de retorno ao “eu”. Essas leituras sustentam a compreensão de que amar a si mesmo envolve a aceitação das próprias fragilidades, a escuta honesta da própria dor e a construção de ambientes internos e externos que favoreçam o cuidado e a cura. A articulação entre psicologia, filosofia e práticas de compaixão constrói um referencial rico para o processo artístico.

No segundo capítulo são exploradas obras literárias e visuais que contribuíram para a construção da história em quadrinhos, elas exploram, com delicadeza e profundidade, temas como vulnerabilidade, acolhimento e transformação. Entre elas, destaca-se *O menino, a toupeira, a raposa e o cavalo*, de Charlie Mackesy, cuja sensibilidade poética influenciou diretamente a atmosfera acolhedora, afetiva e simbólica da narrativa visual desenvolvida

neste trabalho. Assim como na obra, a HQ busca criar um espaço em que escuta, gentileza e afeto atuam como elementos transformadores.

Por fim, o terceiro capítulo dedica-se à apresentação do processo criativo, detalhando como conceitos, vivências, músicas e simbologias se transformaram na narrativa ficcional quadrinizada *Doce Epifania*. Nesse percurso, algumas das canções do grupo musical de K-pop BTS tiveram papel significativo, servindo como referência emocional e imagética para a construção dos espaços simbólicos e para a expressão dos conflitos internos da personagem. As músicas funcionaram como ponto de apoio sensível na tradução de experiências subjetivas em elementos visuais, contribuindo para a atmosfera que sustenta o universo da HQ.

A partir dessa articulação entre teoria e prática, entre vida e metáfora, entre psicologia e imagem, esta pesquisa busca compreender e expressar, através da arte sequencial, a delicada jornada do reencontro com o “eu” verdadeiro.

1.0 MAPA DA ALMA

1.1 Individuação

Levando em consideração o desejo de se abordar o processo de autoconhecimento nessa pesquisa, tomei como base especialmente o conceito de individuação, desenvolvido por Carl Gustav Jung, utilizando como referência para estudo o livro “Jung: O Mapa da Alma”, de Murray Stein (2006). A escolha de se utilizar esse livro e não diretamente as obras de Carl Jung se deve ao fato de que Stein resumiu as teorias de Jung, que originalmente ocupam 18 volumes, em uma iniciação acessível para estudantes e psicanalistas em treinamento, por isso, para mim que nunca havia tido contato com o estudo da psicanálise, a compreensão dos conceitos pelas palavras de Stein foi mais simples e satisfatória.

Em primeira instância, conforme a perspectiva junguiana, a individuação é entendida como um processo de desenvolvimento psicológico contínuo, que visa à construção de uma personalidade única, na qual os conteúdos conscientes e inconscientes são unificados. Trata-se de um caminho de autoconhecimento que busca a totalidade do ser, permitindo que o indivíduo

torne-se verdadeiramente quem é.

Jung usou o termo individuação para falar sobre desenvolvimento psicológico, que ele define como o processo de tornar-se uma personalidade unificada mas também única, um indivíduo, uma pessoa indivisa e integrada (Stein, 2006, p. 156).

Jung considera que a individuação se estende por toda a vida e se divide em duas partes. A primeira metade é a fase em que o desenvolvimento está centrado na construção do ego e na adaptação ao meio social. A segunda metade entende-se como o processo final da individuação, é quando o sujeito unifica a consciência do ego com inconsciência e se conecta ao *self* ou Si-mesmo, conceito que será apresentado adiante.

Para compreender de que forma esse desenvolvimento ocorre, deve-se, primeiramente, entender o que é a consciência e o ego. A consciência é como um campo onde há a percepção de nossos próprios sentimentos e no centro desse campo existe um “eu”, que entende-se como o ego. É a experiência que a pessoa tem de si mesma como um centro de vontade, de desejo, de reflexão e ação.

O ego é como um “sujeito” a quem os conteúdos psíquicos são apresentados, tudo aquilo de que temos consciência teve esse contato com o ego. Além disso, entende-se que consciência é o que se conhece e inconsciência é tudo aquilo que é ignorado pelo ego.

Para Jung, o ego forma o centro crítico da consciência e, de fato, determina em grande medida que conteúdos permanecem no domínio da consciência e quais se retiram, pouco a pouco, para o inconsciente (Stein, 2006, p. 25).

O ego é quem organiza a psique humana, é o centro da tomada de decisões e do livre arbítrio. Porém, a liberdade do ego é limitada, visto que ele é facilmente influenciado por estímulos psíquicos internos e ambientais externos.

Fazendo uma simples analogia, a psique humana é como o sistema solar, onde a consciência do ego é a Terra, o espaço ao redor dela, cheio de satélites, é o inconsciente e tais satélites são os complexos. Complexos são

perturbações da consciência criadas a partir de situações traumáticas.

Mais adiante, ao ocupar-se da estrutura do complexo, Jung descreve-a como sendo composta de imagens associadas e memórias congeladas de momentos traumáticos que estão enterradas no inconsciente e não são facilmente acessíveis para recuperação pelo ego. São as lembranças reprimidas (Stein, 2006, p. 25).

Além disso, quando os complexos são alimentados por mais eventos traumáticos, eles tornam-se capazes de adentrar a consciência. É o que Jung descreve como uma perturbação, quando o ego está perturbado, está tomado por tal complexo.

O que o ego pode fazer, se for suficientemente forte, é conter em si mesmo parte da energia do complexo e minimizar assim os súbitos impulsos emocionais e físicos (Stein, 2006, p. 25).

Os complexos não são fixos, através da busca por autoconhecimento, eles podem se integrar à consciência, de forma a reduzir seu poder de influência negativa, permitindo maior equilíbrio psicológico. Como menciona o monge zen-budista Thich Nhat Hanh (2015, p. 42), “A liberdade verdadeira implica libertar-se de todos complexos”. Ou seja, um ego liberto é um ego não perturbado.

Ademais, arquétipos são espécies de padrões universais e inatos de comportamento, são como modelos mentais que influenciam nossa percepção e interação com o mundo e residem na camada mais profunda da psique, chamada “inconsciente coletivo”.

Para Jung, todos os indivíduos possuem os mesmos arquétipos, e para a pesquisa, serão estudados a persona, a sombra, os complexos e o *self* ou si-mesmo.

Sombra refere-se a um campo da inconsciência onde está tudo aquilo que o ego deseja esconder. Frequentemente, o material associado a ela é visto como maligno, mas não necessariamente é sobre isso. A sombra pode ser pensada simplesmente como o contrário da Persona.

O que a consciência do ego rejeita torna-se sombra; o que ela positivamente aceita, aquilo com que se identifica e absorve em si,

torna-se parte integrante de si mesma e da persona (Stein, 2006, p.100).

A persona é como uma máscara que o ser humano utiliza, de forma a passar a imagem que ele deseja passar, é moldada. Por mais que seja falsa, ela é necessária, precisa-se dela para aprender a viver em sociedade de forma agradável.

A persona é o rosto que envergamos para o nosso encontro com outros rostos, para sermos como eles e para que gostem de nós (Stein, 2006, p.112).

Além disso, o desenvolvimento da persona pode estar associado a uma importante armadilha que será abordada nesta pesquisa: quando o indivíduo preocupa-se excessivamente em agradar aos outros e se adaptar ao meio social, ele passa a considerar que essa identidade construída é o que realmente define quem ele é, deixando de lado sua essência verdadeira.

O indivíduo preocupa-se excessivamente em agradar e adaptar-se ao mundo social e passa a acreditar que essa imagem construída é tudo o que importa para a formação da personalidade. (Stein, 2006, p.108).

Stein (2006) também apresenta a importância que o sentimento de vergonha tem na formação da persona e da sombra. Stein cita que a vergonha é algo que anula completamente o sentimento de valor próprio, é provavelmente uma das emoções mais primitivas e destrutivas e é a persona que vem a proteger o sujeito da vergonha. Como mencionado antes, o que está presente na sombra não necessariamente é algo maligno. Dentro desse contexto, entende-se que o conteúdo da sombra é vergonhoso, e a vergonha sim é vista como algo ruim, por isso o que está ali fica guardado e reprimido.

Embora algumas coisas sejam, na verdade, ruins e destrutivas, frequentemente o material da sombra não é maligno. É sentido como tal somente por causa da vergonha que lhe está associada, em virtude de sua não conformidade com a persona (Stein, 2006, p.112).

Entende-se que o processo de integrar sombra e persona ao consciente depende completamente do ato do indivíduo primeiro entender e depois aceitar a si mesmo. O grande objetivo da individuação é aceitar que as

máscaras da persona e as partes ruins da sombra fazem parte do ser. Dessa forma, como diz o filósofo Krishnamurti (2016, p. 26): “Sem o conhecimento de si mesmo, a ordem não é possível”, e por isso entende-se que o autoconhecimento faz parte do processo de individuação. Antes de se atingir a aceitação, é necessário, primeiramente, que a pessoa conheça a si mesma, conheça sua persona, sombra, ego e complexos.

Por fim, o *self* ou si-mesmo representa o arquétipo da totalidade. Sua função é equilibrar e unificar todos os aspectos da psique. O encontro com o *self* é o último ponto da individuação, é a unificação de consciente e inconsciente, representando o verdadeiro “eu” de uma pessoa. Ou seja, após aprender a conhecer e a aceitar os elementos de sua psique, é nesse momento que o indivíduo compreende que tudo isso faz parte de quem ele verdadeiramente é.

Embora Jung aponte que o encontro com o *self* geralmente ocorra na segunda metade da vida, por volta dos 30 anos, quando surgem crises existenciais e reflexões sobre o sentido da própria existência, compreender esse conceito é essencial, pois ele orienta o caminho da individuação em qualquer etapa da vida.

Diante disso, esta pesquisa teórico-prática busca compreender como os processos psíquicos, especialmente as dinâmicas entre o ego, os complexos e os arquétipos da persona e sombra, influenciam diretamente na formação da identidade e como o autoconhecimento e individuação contribuem para a construção do amor-próprio.

1.2 Autoconhecimento como primeiro passo para o amor-próprio

Antes de se adentrar à parte da pesquisa dedicada ao estudo da conquista do amor-próprio, é essencial demarcar a diferença entre os conceitos de individuação e autoconhecimento. A individuação é o processo central e mais abrangente da psicologia analítica, sendo a jornada de desenvolvimento que busca a integração total da personalidade em torno do *self*. É um caminho que dura a vida toda, focado na diferenciação do indivíduo e na assimilação do material inconsciente.

O autoconhecimento, por sua vez, não é o processo em si, mas sim uma ferramenta indispensável e a primeira grande conquista para o indivíduo. Trata-se do ato de tomar consciência dos próprios conteúdos psíquicos, como as qualidades, os defeitos e os complexos. Dessa maneira, eu entendo o autoconhecimento como o primeiro passo ativo da individuação: a consciência clara de quem eu sou é a condição essencial para iniciar o trabalho de integração e, conseqüentemente, para o resgate do amor-próprio.

Além disso, cabe ressaltar que Jung acredita que a individuação é algo que dura por toda a vida, ela não é um ponto de chegada, mas sim um objetivo final. Como menciona Krishnamurti (2016, p.36) “O autoconhecimento é obviamente um processo, não um fim em si”, ou seja, autoconhecimento e individuação são processos recorrentes da vida. Em todos os momentos em que um indivíduo se desconecta de si mesmo, ele tende a passar pelo processo de conhecer a si mesmo, o que o leva à individuação.

Adentrando agora à parte da pesquisa dedicada à compreensão do amor a partir do estudo de filosofias contemporâneas, o foco do estudo não será apenas o amor-próprio, mas também a compaixão e o modo como o processo de conhecer a si mesmo pode favorecer o surgimento do amor num contexto geral. Segundo o monge zen-budista Thich Nhat Hanh (2015, p. 96), “Para que surja o amor verdadeiro, devemos nos sentir completos em nós mesmos”. Assim, entende-se que compreender a si mesmo e atingir a individuação são etapas indispensáveis para que essa completude seja possível e duradoura.

A primeira coisa a se compreender é que o amor-próprio não surge de forma imediata. Antes disso, é preciso atravessar o processo de autoconhecimento. Considerando a perspectiva de Krishnamurti, o primeiro movimento em direção ao conhecimento de si exige a libertação de qualquer forma de autoridade externa. O autor enfatiza que nenhuma autoridade pode conduzir alguém à verdade interior, pois “A autoridade, em sua própria natureza, impede a plena consciência de si mesmo” (Krishnamurti, 2016, p. 39).

Diante disso, para se atingir o autoconhecimento, é de extrema importância que o indivíduo opte por se desprender e não se deixar ser influenciado por

autoridades externas. Ele deve se tornar a sua própria referência para que, dessa forma, consiga olhar para si mesmo sem a interferência de terceiros.

1.2.1 Aceitar as falhas

Dentro dessa reflexão, apesar de ter sido explicado anteriormente que a aceitação faz parte da individuação, no momento em que o indivíduo aceita os conteúdos de seu inconsciente e os integra à consciência, a aceitação também existe dentro do autoconhecimento porque, a partir do momento que um indivíduo nega a si mesmo, ele não se conhece por completo.

A sombra, que corresponde à parte da psique que abriga tudo aquilo que foi reprimido, rejeitado ou temido, torna-se o foco central nesse primeiro passo de aceitação, onde aceitam-se as falhas. Esse processo começa pela escuta de si, pois somente ao ouvir suas contradições, tensões e vulnerabilidades torna-se possível compreender o que se oculta no inconsciente e o que provoca sofrimento.

Krishnamurti (2016, p. 18) afirma que “Se você escutasse..., no sentido de estar consciente de seus conflitos e contradições sem pressioná-los para pertencer a algum padrão particular de pensamento, talvez eles pudessem cessar totalmente”. Diante disso, a partir dessa escuta, o indivíduo é convocado a aceitar os aspectos reprimidos de sua personalidade. Essa aceitação não significa permitir que as falhas dominem o ego, mas reconhecê-las como parte legítima da experiência humana. Nenhuma ferida pode ser curada enquanto permanece negada, e admitir a existência dessas fragilidades é o primeiro gesto em direção ao amor.

Hanh (2015, p. 69) reforça essa ideia ao afirmar que “O amor verdadeiro inclui um sentimento de responsabilidade e aceitação do outro como ele é, com todos os seus pontos fortes e fracos”. O mesmo princípio vale para o amor dirigido a si mesmo.

1.2.2 Abandonar as máscaras

Após a aceitação das falhas, o processo de autoconhecimento exige

compreender como as máscaras sociais, ou a persona na psicanálise junguiana, moldam nossa identidade. Embora necessária, a persona se torna um problema quando passa a se distanciar tanto do ego que o indivíduo começa a se esquecer de quem é verdadeiramente.

bell hooks (2021, p. 90) descreve esse processo com clareza. Ao comentar como criamos versões de nós mesmos para esconder inseguranças, ela afirma: “Criar um ‘eu’ falso para mascarar os medos e as inseguranças se tornou tão comum que muitos de nós esquecemos quem somos e o que sentimos sob o fingimento”. Diante disso, essa perda de si impede qualquer possibilidade real de amor, já que não é possível amar algo que não se conhece.

Krishnamurti (2016, p. 37) reforça esse ponto ao afirmar que “O indivíduo precisa se conhecer como ele é, não como deseja ser”. Portanto, abandonar as máscaras não significa deixar de desempenhar papéis sociais, mas compreender que eles não podem substituir a identidade real. Sem esse desprendimento, o autoconhecimento simplesmente não ocorre.

Aceitar as próprias vulnerabilidades e se desprender de máscaras são características que compõem o âmbito do autoconhecimento, e por isso ele é essencial. Ao se enxergar com sinceridade, o indivíduo aprende a acolher a si mesmo e a oferecer a si aquilo que sempre buscou no outro. Assim, o amor-próprio começa, pouco a pouco, a surgir.

1.3 Como surge o amor-próprio

Compreendido a forma como o autoconhecimento é importante e funciona como primeiro passo em direção ao amor-próprio, cabe ao referente momento entender realmente de que forma ele surge e como a individuação é importante nesse processo, especialmente tratando-se de alguém que o perdeu em algum momento ou nunca chegou a atingi-lo.

1.3.1 Saber pedir ajuda

Refletir sobre amor-próprio exige reconhecer que uma das principais etapas para que esse processo ocorra é a honestidade diante do próprio sofrimento,

de forma a ter coragem de pedir por ajuda. Como afirma Thich Nhat Hanh (2015, p.51) “Abra sua boca e diga, com todo o seu coração e toda a sua concentração, que você está sofrendo e precisa de ajuda”.

Alinhado aos processos ligados ao autoconhecimento citados anteriormente de aceitar as falhas, entende-se que admitir vulnerabilidade não é fraqueza, mas um passo fundamental para que o indivíduo consiga se cuidar. Assim, pedir ajuda é o processo inicial para tudo isso, é um gesto de abertura para o outro e, ao mesmo tempo, um movimento inicial de cuidado consigo mesmo.

1.3.2 Libertar-se dos complexos

Aqui surge talvez o principal e mais marcante empecilho para a conquista do amor-próprio: os complexos, principalmente quando se tornam tão fortes que assumem o controle do ego. Segundo Hanh (2015, p.42) “Normalmente, não conseguimos amar a nós mesmos e aos demais quando estamos repletos de complexos”. Diante disso, essa compreensão dialoga diretamente com Jung, pois os complexos são formados a partir de experiências emocionais traumáticas que moldam a forma como percebemos a nós mesmos. Quando o sujeito está dominado por esses conteúdos, passa a se enxergar por lentes distorcidas, dificultando a construção do amor-próprio. Assim, para que haja cuidado de si, é necessário confrontar essas camadas internas que impedem o indivíduo de acessar a própria essência.

Jung reforça em sua teoria que complexos nunca vão embora, sempre terão o seu espaço dentro do inconsciente. Mas, é fundamental que o indivíduo trabalhe para que tais complexos não tomem conta de seu ego.

1.3.3 Amor-próprio e individuação

Por fim, entende-se que o amor-próprio é uma conquista que se manifesta a partir do autoconhecimento. Embora a consciência de si seja o ponto de partida onde o amor-próprio é viabilizado, é o processo contínuo da individuação que garante sua profundidade, autenticidade e estabilidade. O verdadeiro amor-próprio é, portanto, o reflexo do indivíduo que, em sua busca pela totalidade, aceitou e integrou todas as partes do seu ser, conforme a

individualização.

Portanto, o surgimento do amor-próprio vem a depender apenas do autoconhecimento, mas para que se consagre, é necessário que o indivíduo passe pelo processo da individualização.

1.4 Amando a si mesmo, é possível amar o próximo

Mergulhando agora na parte da pesquisa referente à compaixão e empatia, entende-se que ao atingir o amor-próprio, o indivíduo torna-se capaz de dar amor ao próximo. Assim como menciona a autora bell hooks (2021, p.106), “Amor-próprio é a base de nossa prática amorosa” e, a partir desse pensamento, cabe ao referente momento compreender-se de que maneira o amor ou a falta dele vindo de terceiros pode influenciar na construção do amor-próprio.

1.4.1 A influência de um ambiente amoroso para a construção do amor-próprio

É de extrema importância compreender que, apesar de ser primordial que o indivíduo se desprenda de autoridades para se reencontrar com si mesmo, isso geralmente ocorre quando influências externas já o prejudicaram de tamanha forma que somente após ter a sua estima prejudicada é que se toma a consciência de que precisa se desprender de terceiros.

Diante disso, uma das principais razões para que uma pessoa venha a perder o amor-próprio é o ambiente em que está inserida. Para bell hooks (2021, p.94) “Aprender como nos amar e como amar os outros dependerá da existência de um ambiente amoroso”, ou seja, a depender da maneira que uma pessoa é tratada em determinado lugar, isso vem a influenciar na maneira como vê a si mesma. Esse conceito dialoga diretamente com a experiência interna que me incentivou a começar essa pesquisa, que explicarei no capítulo seguinte.

Dessa forma, conclui-se que é um processo cíclico, pois a partir do momento em que uma pessoa aprende a amar a si mesma, possui a capacidade não só de construir ambientes que venham a fornecer amor para outras pessoas,

mas também de ser um verdadeiro porto seguro, de maneira a compreender e entender o próximo. Na visão de Hanh (2015, p.10) “Entender o sofrimento do outro é o melhor presente que podemos oferecer ao nosso semelhante, a compreensão é outro nome para amor. Quem não compreende, não ama.”

2. INTERLÚDIO

Compreendida e apresentada a parte teórica, cabe ao referente momento explicitar de que maneira toda essa vertente será aplicada ao trabalho. Esta pesquisa nasce do propósito e da necessidade pessoal de investigar, compreender e refletir sobre as diversas camadas que constituem o processo de reconstrução do amor-próprio e da busca pela autenticidade do “eu”. O interesse surge a partir de uma experiência pessoal que vivi durante os anos de graduação em Artes Visuais, onde aos poucos fui me questionando sobre as minhas habilidades como artista, visto que, em muitas situações, meu trabalho como ilustradora foi rebaixado e incompreendido por professores que, em sua grande maioria, se apegam aos ideais de arte tradicional, tratando-se não somente da materialidade ao priorizar a tradição artística validada, mas também da simbologia sombria e dolorosa que acreditam que a arte deva carregar.

Foi então que percebi não apenas meu amor-próprio e minha autoconfiança esmorecerem aos poucos, mas também o meu amor pela arte. Na canção *Black Swan*, do grupo musical BTS, utiliza-se a metáfora da “primeira morte” para retratar o sentimento de um artista que perde sua paixão pela própria prática, especificamente, um cantor que já não encontra vida na música. Assim, quando um artista perde o amor pela arte, essa experiência pode ser compreendida como uma espécie de primeira morte, e foi dessa forma que me senti, visto que, com todas as críticas, tudo aquilo que eu mais amava aos poucos deixava de fazer sentido para mim e fui enterrando aos poucos a minha prática artística.

“지금 날 위한 행보는
이게 나를 더 못 울린다면
내 가슴을 더 떨리게 못 한다면
어쩔 이렇게 한 번 죽겠지 아마
*(Se isso não consegue ressoar
Não faz mais o meu coração vibrar
Então isso pode ser considerado a minha primeira morte)*
BTS, Black Swan, 2020

Diante disso, como trabalho final, surge a vontade de visitar esse túmulo e desenterrar o que um dia pensei ter morrido e dar a mim mesma uma segunda chance, aprendendo a me reencontrar e valorizar o que é meu. A partir do momento em que me encontrei perdida em mim mesma, decidi que gostaria de explorar como tema central o amor-próprio e o autoconhecimento.

2.1 Materialidade: História em Quadrinhos

Simultaneamente à pesquisa teórica, desenvolvi também uma obra que, de maneira simbólica, pudesse representar todos os conceitos estudados e, ao mesmo tempo, contar um pouco de minha história pessoal. Pensando na materialidade, decidi, por fim, desenvolver uma história em quadrinhos, visto que, devido à alta gama de possibilidades dessa linguagem artística singular, uma HQ me permitiria traduzir sentimentos em arte de maneira mais detalhada. Edgar Franco (2009, p.28) fala sobre uma das definições das histórias em quadrinhos, o que caracteriza a sua unicidade em “[...] a união entre texto, imagem e narrativa visual, formando um conjunto único e uma linguagem sofisticada com possibilidades expressivas ilimitadas”, reforçando a ideia de que os quadrinhos permitem uma quantidade significativa de possibilidades para se desenvolver uma obra.

Muito desse extenso potencial artístico que as histórias em quadrinhos carregam, Edgar Franco (2009, p. 39) destaca que se dá principalmente pela união de imagem e texto: “Muito já foi dito sobre o potencial didático das histórias em quadrinhos por unirem imagem e texto, expressão visual e escrita”, e, por isso, foi um dos principais motivos para que eu escolhesse essa vertente, de forma que pudesse não somente explorar melhor minhas

habilidades como ilustradora, mas também para que pudesse contar uma história de maneira mais detalhada.

O meu interesse em traduzir sentimentos difíceis em um quadrinhos surge em julho de 2023, quando, ao passar por um dos meus momentos mais complicados dentro do curso de bacharelado em Artes Visuais da FAV-UFG, quando tive vontade de desistir por não me sentir ali pertencente, desenvolvi, na disciplina optativa Histórias em Quadrinhos de Autor - ministrado pelo professor Edgar Franco - um quadrinho denominado “Isso não é sobre sapatos” (Figura 1) que explorou, por meio de uma metáfora, esse sentimento de se forçar a continuar no mesmo lugar, mesmo sentindo que não é para você.

Figura 1: *Isso não é sobre sapatos (2023)*



Fonte: *Acervo pessoal da autora, 2023*

2.2 O que inspira

Entrando no campo dos quadrinhos, a minha principal referência, tratando-se não somente da construção da HQ em si, mas também a forte inspiração no

traço de desenho da autora, foi o mangá *Amour Sucré - Le SMS mystère*, do jogo *Amor Doce*, jogo esse pelo qual tenho bastante carinho e que foi uma das minhas primeiras iniciativas para começar a desenhar. Apesar de, como escolha pessoal, eu preferir adotar uma construção de quadrinhos mais direta, levando em conta o prazo de entrega da pesquisa, os mangás me possibilitaram estudar alguns aspectos dos quadrinhos. O primeiro deles foram as diferentes maneiras de se dispor um personagem dentro da página, como o posicionamento da personagem em primeiro plano, fora do enquadramento, como no exemplo das Figuras 2 e 3, e o vazamento de elementos para fora dos enquadramentos, principalmente das cabeças dos personagens, como no exemplo das Figuras 4, 5 e 6. Todas essas disposições me serviram de referência para a construção da história em quadrinhos e na Figura 7, que trata-se de uma das páginas da HQ, trago como exemplo de como essas duas características aparecem na minha obra.

Figura 2: Detalhe de página do mangá “*Amour Sucré - Le SMS mystère*”.

Uso parcial para fins de análise acadêmica.



Fonte: “*Amour Sucré - Le SMS mystère*”, Chinomiko, Beemov, 2011

Figura 3: Detalhe de página do mangá “Amour Sucré - Le SMS mystère”.

Uso parcial para fins de análise acadêmica.



Fonte: “Amour Sucré - Le SMS mystère”, Chinomiko, Beemov, 2011

Figura 4: Detalhe de página do mangá “Amour Sucré - Le SMS mystère”.

Uso parcial para fins de análise acadêmica.



Fonte: “Amour Sucré - Le SMS mystère”, Chinomiko, Beemov, 2011

Figura 5: Detalhe de página do mangá “Amour Sucré - Le SMS mystère”.

Uso parcial para fins de análise acadêmica.



Fonte: “Amour Sucré - Le SMS mystère”, Chinomiko, Beemov, 2011

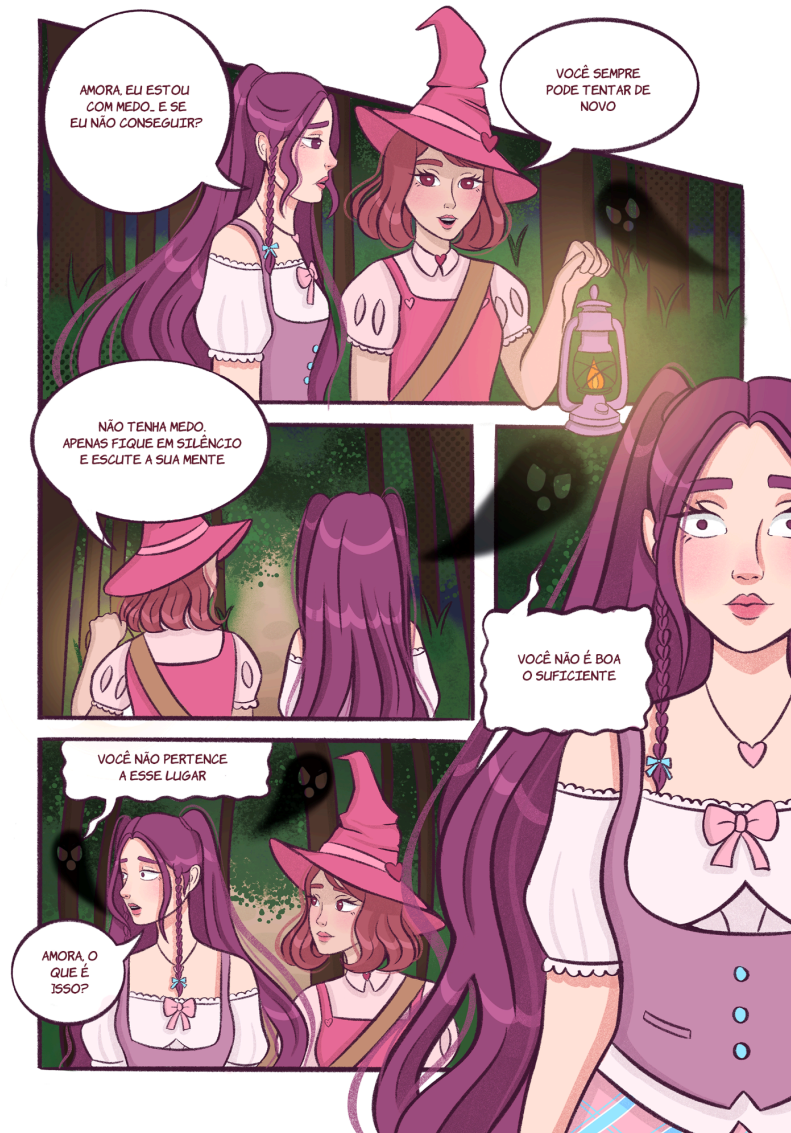
Figura 6: Detalhe de página do mangá “Amour Sucré - Le SMS mystère”.

Uso parcial para fins de análise acadêmica.



Fonte: “Amour Sucré - Le SMS mystère”, Chinomiko, Beemov, 2011

Figura 3: “Doce Epifania”, Giselle Carvalho, p. 21, 2025

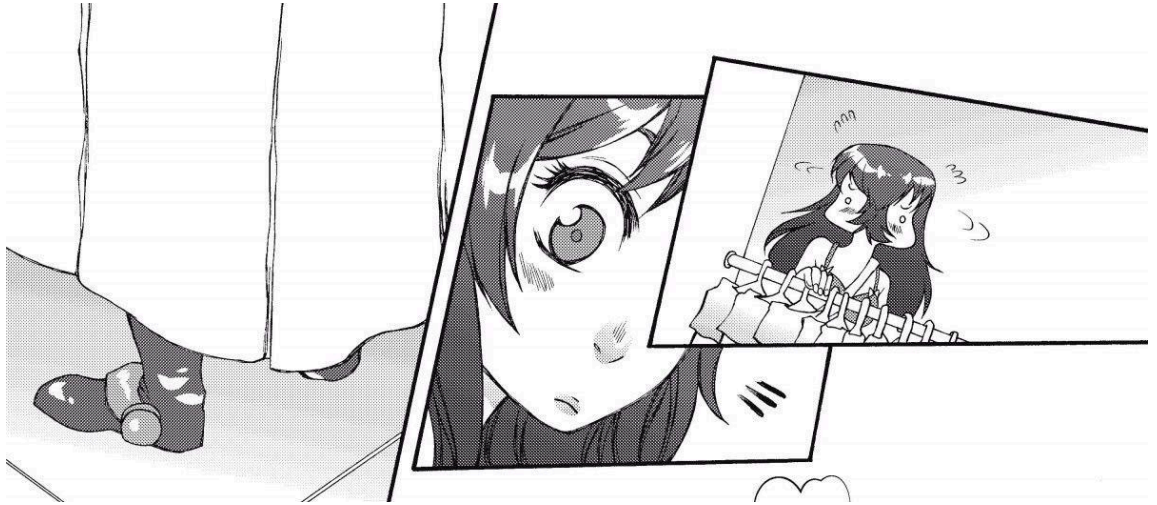


Fonte: Acervo pessoal da autora

Também pude utilizar como referência a sobreposição de quadrinhos menores sobre os maiores que muito aparece no mangá de *Amor Doce*. Dois dos exemplos que utilizei como referência podem ser vistos na Figura 7 e 8. A Figura 9 refere-se a uma das referências que utilizei para a colocação de objetos ou detalhes por cima dos quadrinhos. A Figura 5 exemplifica como utilizei esses elementos em uma das páginas da minha história em quadrinhos.

Figura 7: Detalhe de página do mangá “Amour Sucré - Le SMS mystère”.

Uso parcial para fins de análise acadêmica.



Fonte: “Amour Sucré - Le SMS mystère”, Chinomiko, Beemov, 2011

Figura 8: Detalhe de página do mangá “Amour Sucré - Le SMS mystère”.

Uso parcial para fins de análise acadêmica.



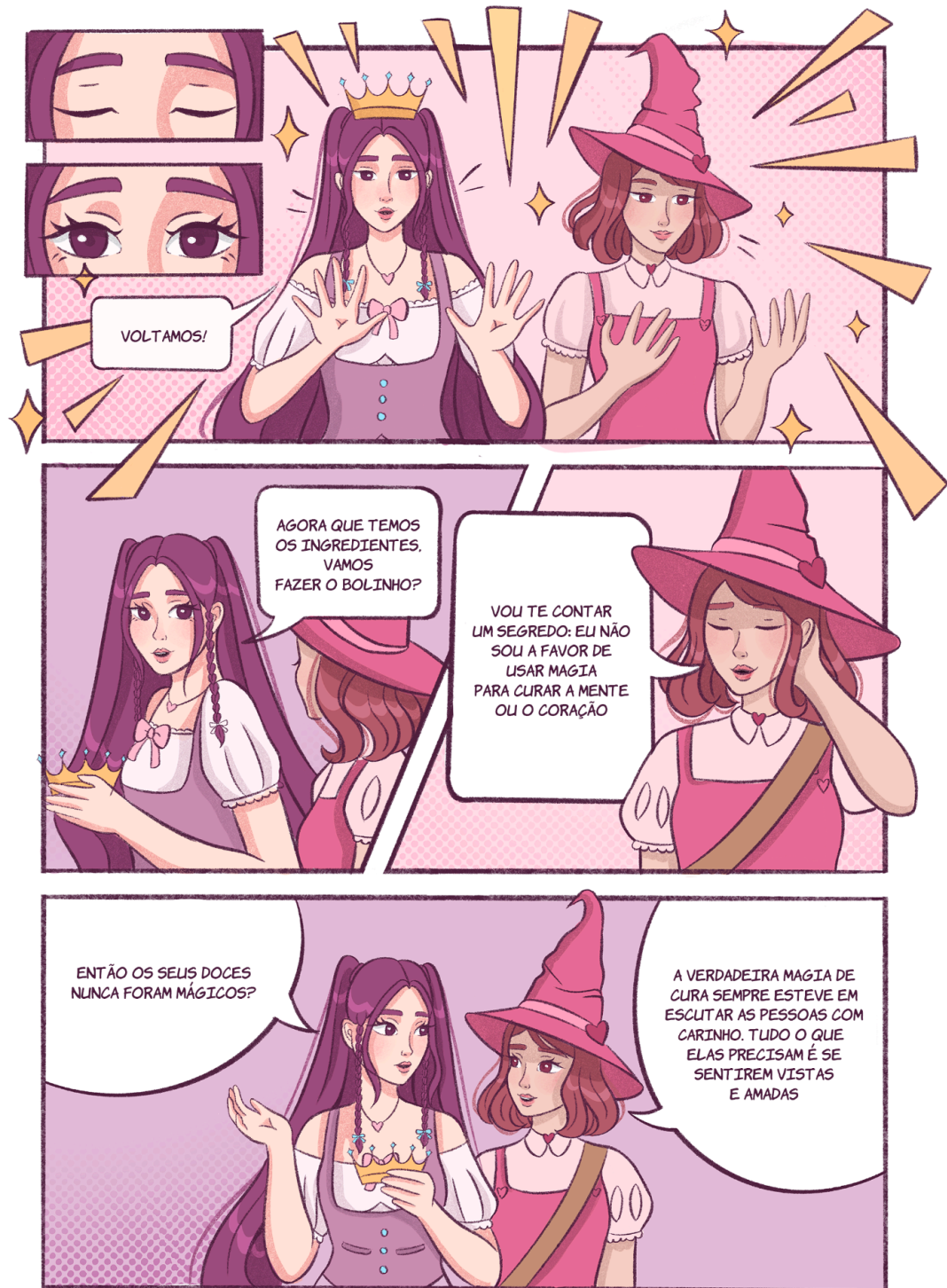
Fonte: “Amour Sucré - Le SMS mystère”, Chinomiko, Beemov, 2011

Figura 9: Detalhe de página do mangá “Amour Sucré - Le SMS mystère”.
Uso parcial para fins de análise acadêmica.



Fonte: “Amour Sucré - Le SMS mystère”, Chinomiko, Beemov, 2011

Figura 10: “Doce Epifania”, Giselle Carvalho, p. 49, 2025



Fonte: Acervo pessoal da artista

Além das influências teóricas e simbólicas já apresentadas, a construção da narrativa também dialoga com obras clássicas que exploram jornadas de

transformação. Uma das referências principais foi *O Mágico de Oz*, especialmente no modo como a obra estrutura o percurso dos personagens. Na história de L. Frank Baum, embora Dorothy e seus companheiros acreditem que aquilo que procuram será encontrado apenas no destino final, o que realmente os transforma é o caminho percorrido. É ao longo da estrada de tijolos amarelos que cada um deles descobre, pouco a pouco, que já possuía aquilo que julgava faltar. Por exemplo, no final do filme baseado no livro, quando o Homem de Lata diz ao se despedir de Dorothy “Agora eu sei que tenho um coração porque ele está se quebrando”, revela que o personagem nunca precisou de um coração físico como imaginava, pois os sentimentos já moravam dentro dele.

A narrativa da minha história em quadrinhos se aproxima dessa lógica simbólica. A personagem principal parte para coletar ingredientes raros e mágicos, acreditando que apenas com eles seria possível preparar o doce capaz de curar suas dores internas. No entanto, conforme avança pelo universo ficcional da HQ, enfrenta dificuldades, encontra metáforas vivas de suas feridas e se depara com aspectos negados de si mesma. Esse percurso é o que, de fato, promove a cura. Assim como em *O Mágico de Oz*, quando finalmente alcançam aquilo que buscavam, já não precisam mais dele. O bolinho deixa de ser o objetivo e se torna apenas um símbolo: a cura não está no resultado final, mas nas experiências, nas descobertas e na transformação que ocorreu durante a jornada.

Dessa forma, a referência à obra de Baum reforça a ideia central da HQ de que o autoconhecimento não é um ponto de chegada, mas um processo que se constrói na travessia. É na caminhada, e não na receita pronta, que reside o verdadeiro encontro com o amor-próprio.

Outra inspiração importante para a construção da história em quadrinhos foi o livro *O menino, a toupeira, a raposa e o cavalo*, de Charlie Mackesy. A obra, com sua narrativa delicada e profundamente humana, apresenta diálogos que funcionam como pequenos convites à reflexão sobre vulnerabilidade, coragem e acolhimento. A simplicidade poética das cenas, aliada à forma como os personagens expressam suas fragilidades com honestidade,

influenciou diretamente a atmosfera que busquei criar em *Doce Epifania*. Assim como no livro, procurei construir diálogos carregados de afeto, delicadeza e reflexão. A ideia que o livro transmite de que o amor e a gentileza podem oferecer abrigo em meio às incertezas foi essencial para moldar tanto as personagens quanto os espaços simbólicos que compõem a narrativa da HQ.

Figura 11: Ilustração de “O Menino, a Toupeira, a Raposa e o Cavalo”, 2020

« Qual foi a tua melhor descoberta? », perguntou a toupeira.



« Que ser como sou é suficiente », disse o menino.

Fonte: MACKEZY, Charlie. Disponível em: [https://www.wook.pt/\[...\]](https://www.wook.pt/[...]) Acesso em: 25 nov. 2025.

3. EPIFANIA: A CONSTRUÇÃO DO SER

Diante disso, o primeiro passo que tomei em relação à obra foi desenvolver um roteiro que funcionasse como uma autoficção, pois gostaria de poder contar uma história pessoal, mas, ao mesmo tempo, sem que parecesse muito direta ou com o meu rosto. Por isso, surge a ideia de desenvolver a narrativa de uma musicista chamada Liana, que se sente deslocada e triste por ter a sua paixão voltada a um instrumento de música moderno, a guitarra,

enquanto estuda em uma escola de música erudita. Assim como, no meu caso, sou adepta à ilustração digital, mesmo estudando em uma faculdade de artes que valoriza mais a arte tradicional validada na academia.

A escolha do nome Liana para a protagonista ocorreu como parte do processo simbólico que sustenta a construção da narrativa. Em botânica, “liana” designa plantas trepadeiras que crescem apoiando-se em outras estruturas para alcançar a luz, característica que metaforicamente dialoga com o percurso interno da personagem, que, com o apoio da outra personagem principal, busca encontrar a sua própria luz em meio a suas sombras.

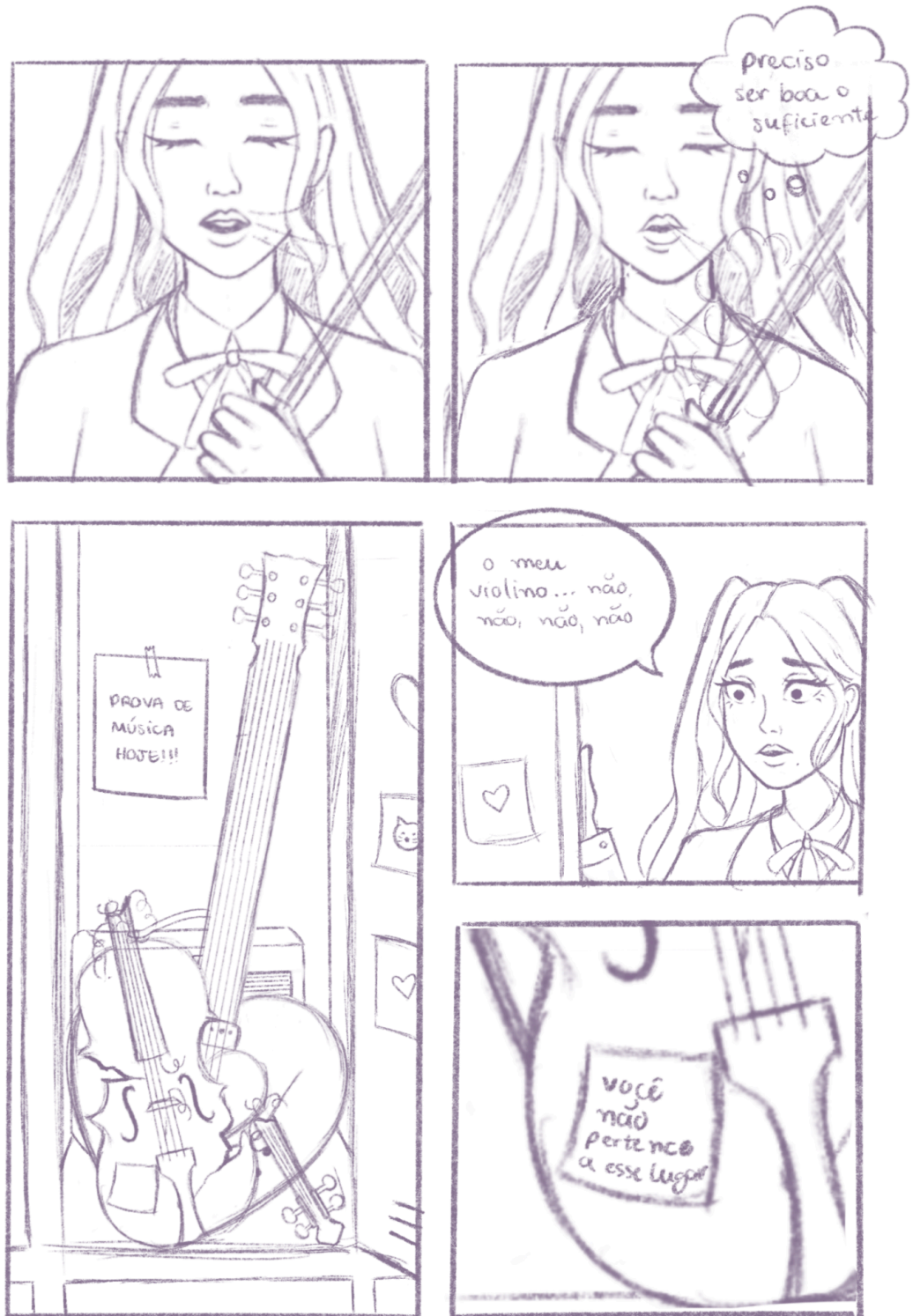
Dessa forma, o roteiro foi construído para que, em conjunto com o estudo teórico da pesquisa, a personagem principal pudesse, de alguma forma, explorar a sua psique dentro dos conceitos junguianos e experimentar uma busca por amor-próprio. Na Figura 12 destaca-se o primeiro esboço da personagem principal Liana e nas Figuras 13, 14 e 15, apresento os primeiros rascunhos para a construção da narrativa, onde ela é a guitarrista que se sente deslocada.

Figura 12: *Rascunho de Liana*



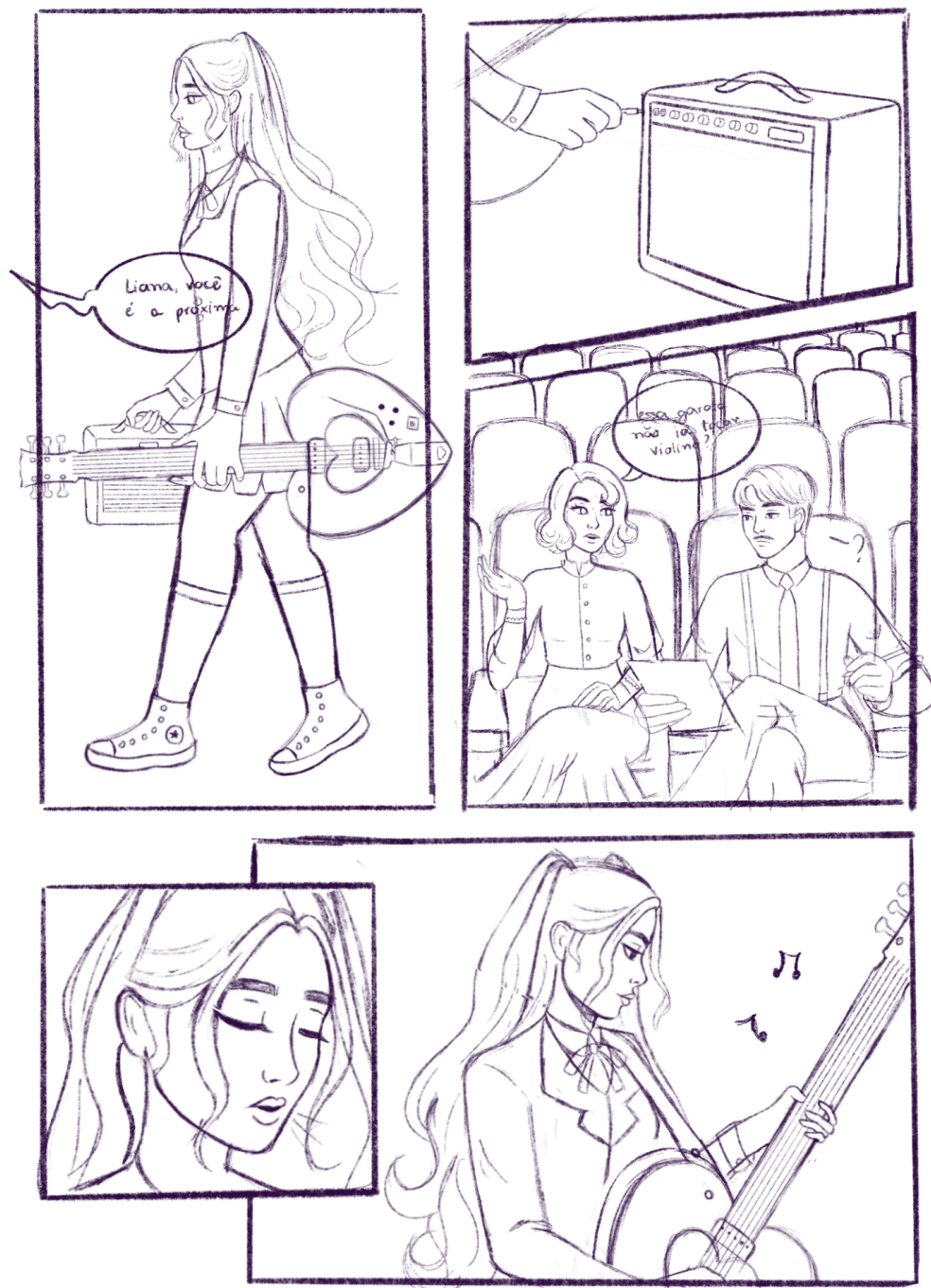
Fonte: *Acervo pessoal da autora*

Figura 13: Rascunho da página 1 de Doce Epifania



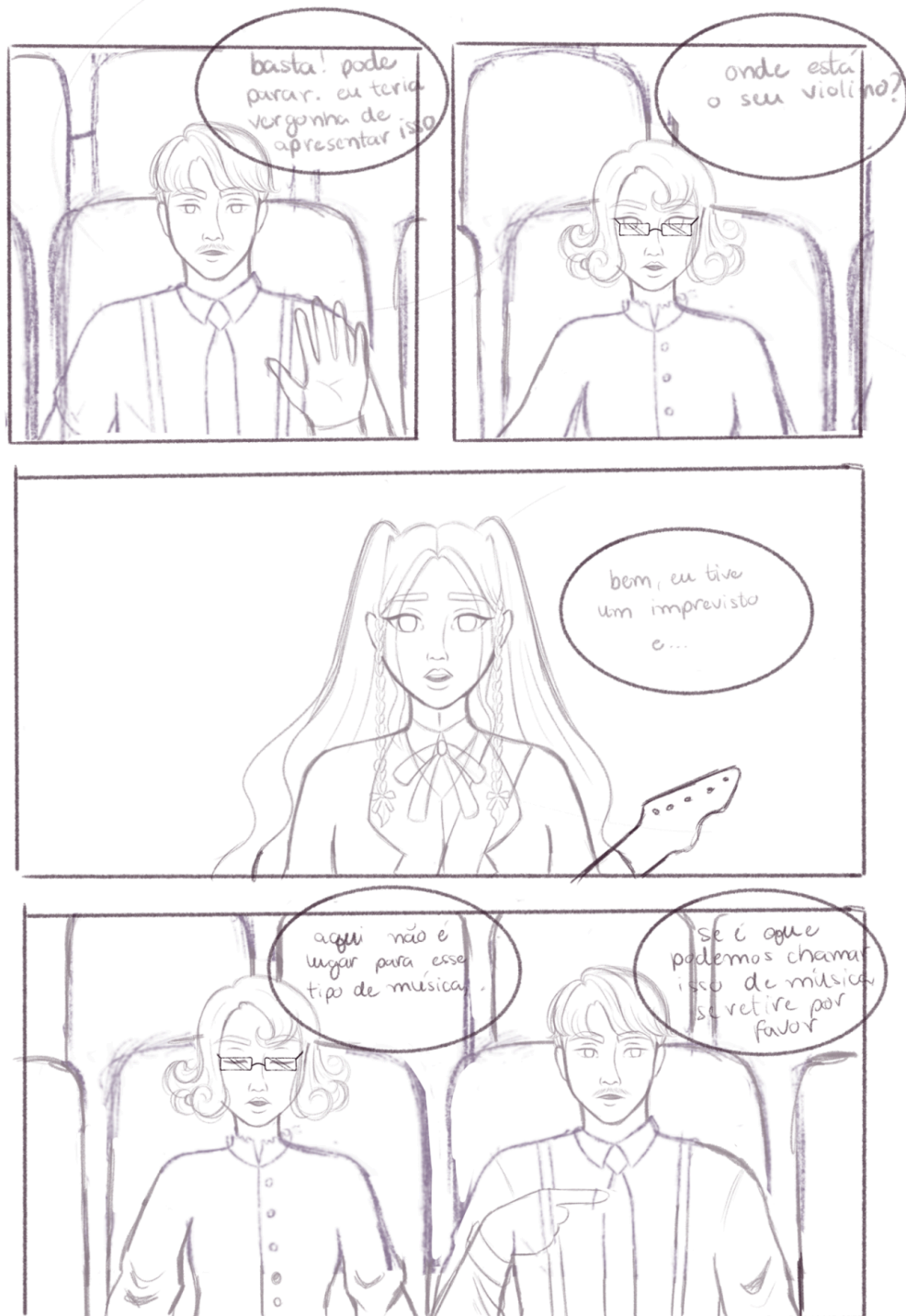
Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 14: Rascunho da página 2 de Doce Epifania



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 15: Rascunho da página 3 de Doce Epifania



Fonte: Acervo pessoal da autora

Construída a problemática principal da personagem, foram desenvolvidos espaços dentro da narrativa utilizando-se da psicologia analítica em conjunto

com canções do grupo musical BTS, de forma a traduzir em lugares e personagens os conceitos de Sombra, Persona, Ego e também o que poderia ser uma representação de um espaço que oferece amor ao próximo, como mencionado anteriormente como ponto importante para a construção do amor-próprio.

BTS é um grupo musical do gênero K-pop que surgiu na indústria musical no dia 13 de junho de 2013. O interesse em utilizar as canções do grupo como referência artística parte do princípio de que em sua discografia muito se discute questões existenciais, em especial sobre o amor-próprio, principalmente em sua trilogia de álbuns *Love Yourself: Her*, *Love Yourself: Tear* e *Love Yourself: Answer*, onde, de forma simbólica e metafórica, o grupo discorre sobre o processo de aprender a se amar, desde a problemática até a solução.

Além disso, o grupo já abordou os mesmos conceitos da psicanálise junguiana que trago para a pesquisa, inclusive, utilizando o mesmo livro de Stein como referência. Em seus álbuns *Map Of the Soul: Persona* e *Map of the Soul:7*, os integrantes abordam diretamente os conceitos de persona, sombra e ego em canções como *Intro: Persona*, *Interlude: Shadow* e *Outro: Ego*. Apesar de esses álbuns serem a referência mais direta a Jung, BTS já abordava os conceitos junguianos muito antes de maneira indireta em sua discografia.

Dessa forma, as canções do grupo escolhidas por mim, além de ajudarem na inspiração para a elaboração dos lugares, também colaborou para o que seria a “construção do ser” dentro da história em quadrinhos, de forma a organizar sentimentos pessoais para conseguir migrá-los para a problemática da personagem, ajudando a constituir, principalmente, os complexos.

Primeiramente, a canção *Magic Shop* veio em minha mente assim que estudei sobre a importância de um ambiente amoroso na construção do amor-próprio e, com isso, decidi que gostaria de criar um espaço na narrativa que fosse como um porto seguro, onde a personagem principal pudesse buscar ajuda e ser acolhida. A letra fala sobre uma loja mágica em que você pode recorrer em seus dias mais difíceis, lá, você será compreendido e receberá conforto.

“내가 나인 게 싫은 날
 영영 사라지고 싶은 날
 문을 하나 만들자 너의 맘 속에다
 그 문을 열고 들어가면
 이 곳이 기다릴 거야
 믿어도 괜찮아 널 위로해줄 magic shop”

(Dias em que você se odeia

Dias em que você quer simplesmente desaparecer

Vamos criar uma porta no seu coração

Se você abrir essa porta e entrar

Esse lugar estará lá esperando por você

Tudo bem, essa loja mágica vai te confortar)

BTS, Magic Shop, 2018

Dessa forma, surge a ideia de criar uma doceria com doces mágicos, capazes de curar qualquer dor. Paralelamente a isso, surge a construção da segunda personagem principal, uma representação fiel do que seria uma pessoa que, já tendo atingido o amor-próprio, agora oferece compaixão aos outros. Uma bruxinha chamada Amora que, apesar de trabalhar com magia, acredita que corações devem ser curados com atenção e carinho. Então, apenas finge que seus doces são mágicos, o que realmente cura seus clientes são a atenção e carinho que ela lhes dá. Thich Nhat Hanh reforça a ideia que eu quis trazer para a personagem quando diz “A sua mera presença aliviará um pouco o sofrimento do outro” (2015, p.114) e “Você pode transformar seu sofrimento e ajudar a transformar o dos demais com a prática da mente atenta e da observação cuidadosa” (2015, p. 18).

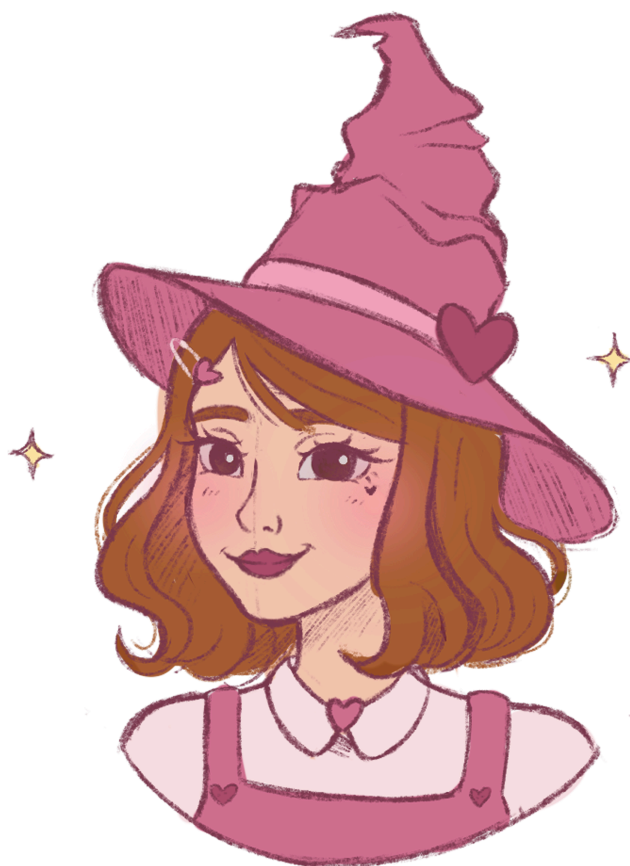
A Figura 16 e 17 mostram, respectivamente, os primeiros esboços da doceria e da personagem Amora.

Figura 16: Rascunho da página 9 de *Doce Epifania*



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 17: *Rascunho de Amora*



Fonte: *Acervo pessoal da autora*

O nome escolhido para a doceria foi *Doce Epifania*. Dentro de histórias, epifania se refere a um momento de realização significativa para um personagem, muitas vezes levando a um desenvolvimento pessoal. Diante disso, como o objetivo da bruxinha é oferecer conforto para as pessoas ao ponto de que, após serem vistas e escutadas, elas se sintam melhor, o momento de “cura” seria a epifania que o lugar deseja transmitir.

É importante mencionar que o “doce” retratado na história não tem relação com o termo “doce” utilizado para se referir a alucinógenos, são literalmente doces como bolos, tortas, cupcakes etc. A imersão ao mundo mágico acontece pela magia da bruxinha, com sua varinha mágica.

Além disso, *Doce Epifania* também foi escolhido como nome para a história em quadrinhos pois, conectando novamente ao BTS, a canção *Epiphany* tem grande significado para mim. Trata-se do desabafo de alguém que, após muito tempo tentando se moldar para agradar aos outros, decide deixar para trás as máscaras, se questiona ao longo da canção por que escondeu o seu verdadeiro eu por tanto tempo e entende que precisa aprender a amar a si mesmo, mesmo não sendo perfeito.

“워든 너에게 맞추고 널 위해 살고 싶었는데

그럴수록 내 맘속의 폭풍을 감당할 수 없게 돼

[...]

폭풍 속에 숨겨뒀던 진짜 너와 만나

왜 난 이렇게 소중한 날 숨겨두고 싶었는지

뭐가 그리 두려워 내 진짜 모습을 숨겼는지

I'm the one I should love in this world

빛나는 나를 소중한 내 영혼을

이제야 깨달아 so I love me

좀 부족해도 너무 아름다운 걸”

(Eu me adaptei completamente a você, eu queria viver por você

Quanto mais eu faço isso, não consigo suportar a tempestade em meu coração

[..]

Estou conhecendo meu verdadeiro eu, escondido na tempestade

Por que eu quis esconder meu precioso eu desse jeito?

Do que eu tinha tanto medo? Por que escondi meu verdadeiro eu?

Eu sou quem eu deveria amar nesse mundo

Meu ser brilhante, a minha preciosa alma

Finalmente percebo isso, então eu me amo

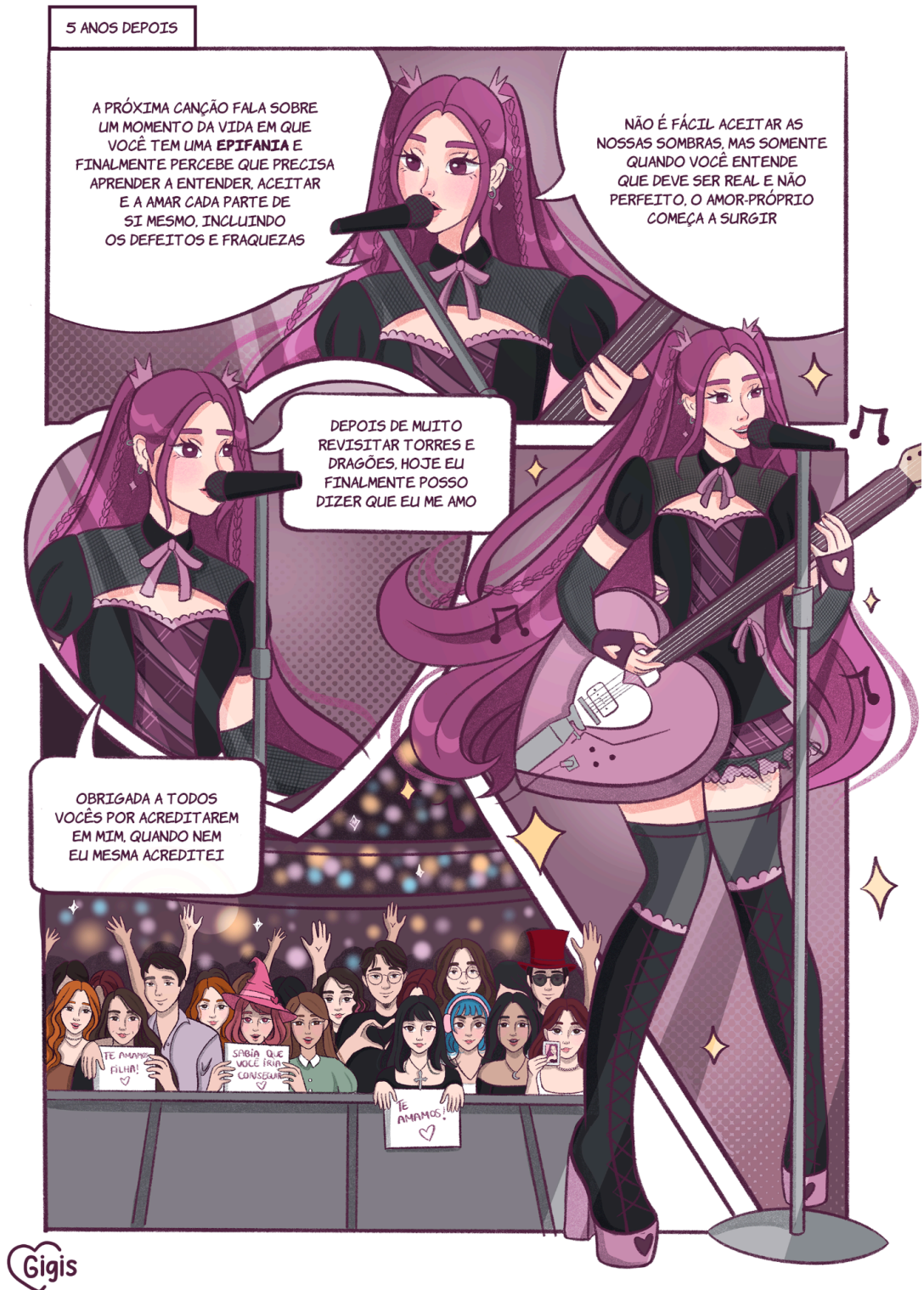
É um pouco insuficiente, mas é belo demais)

JIN (BTS), *Epiphany*, 2018

Dessa forma, além de fazer referência ao nome da doceria, *Epiphany* também tem relação com o decorrer da história e com a mensagem passada no final, a

transformação e o aprendizado do amor-próprio pelo qual Liana passa. Na última página da história, faço uma referência à letra da música (Figura 18).

Figura 18: Doce Epifania, p. 54, 2025



A doceria virá a ser o lugar onde Liana procura por ajuda quando está em seu pior momento e lá, a bruxinha lhe oferece o *bolinho da individuação*, mas, para conseguir os ingredientes para essa receita, ela precisará percorrer pela representação física e simbólica de sua Sombra, Persona, Complexos e Ego, encontrando um ingrediente em cada um dos cenários. Para isso, procurei desenvolver um universo mágico semelhante aos de contos de fada, de forma a traduzir conceitos difíceis e pesados em simbologias e cenários leves, assim como tenho costume de fazer na minha arte.

3.1 Floresta das Sombras

Primeiramente, para a Sombra, desenvolvi a Floresta das Sombras. Assim como todos os demais cenários, foi inspirado em uma canção do BTS, nesse caso, *The Truth Untold (ft. Steve Aoki)*. A letra da música conta a história de alguém que esconde sua verdadeira dor por medo de ser rejeitado. O eu lírico se sente imperfeito, indigno e incapaz de mostrar quem realmente é, então cria uma “máscara” para se proteger.

“초라한 모습 보여줄 순 없어

또 가면을 쓰고 널 만나러 가

(Eu não posso te mostrar esse meu lado miserável

Então coloco uma máscara e vou te encontrar)

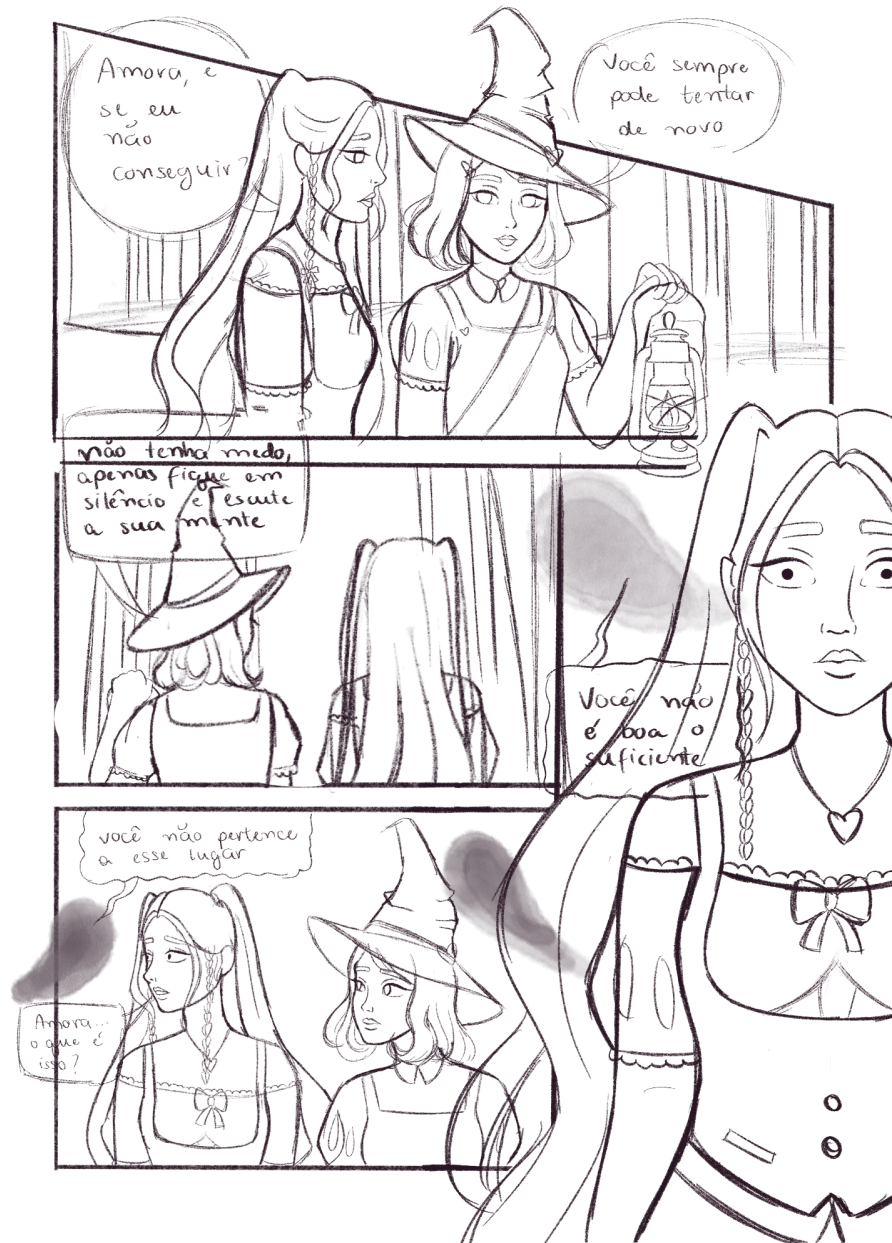
BTS, The Truth Untold (Ft. Steve Aoki, 2018)

Dessa forma, vejo a canção como a plena representação da sombra, é esconder suas vulnerabilidades no fundo do inconsciente pelo puro desejo de ser aceito. Assim, dividi a Floresta das Sombras em duas partes: uma que contivesse a parte ruim de Liana, e outra, partes boas de si, mas que ela quisesse manter escondidas por vergonha.

Para a parte ruim, a letra da canção soa como a voz da sombra de Liana, deixando claro que é a parte feia e miserável dela e que, apesar de escondida, ainda existe. De maneira visual, quis fazer com que literais sombras escuras dissessem a Liana tudo de ruim que estava escondido

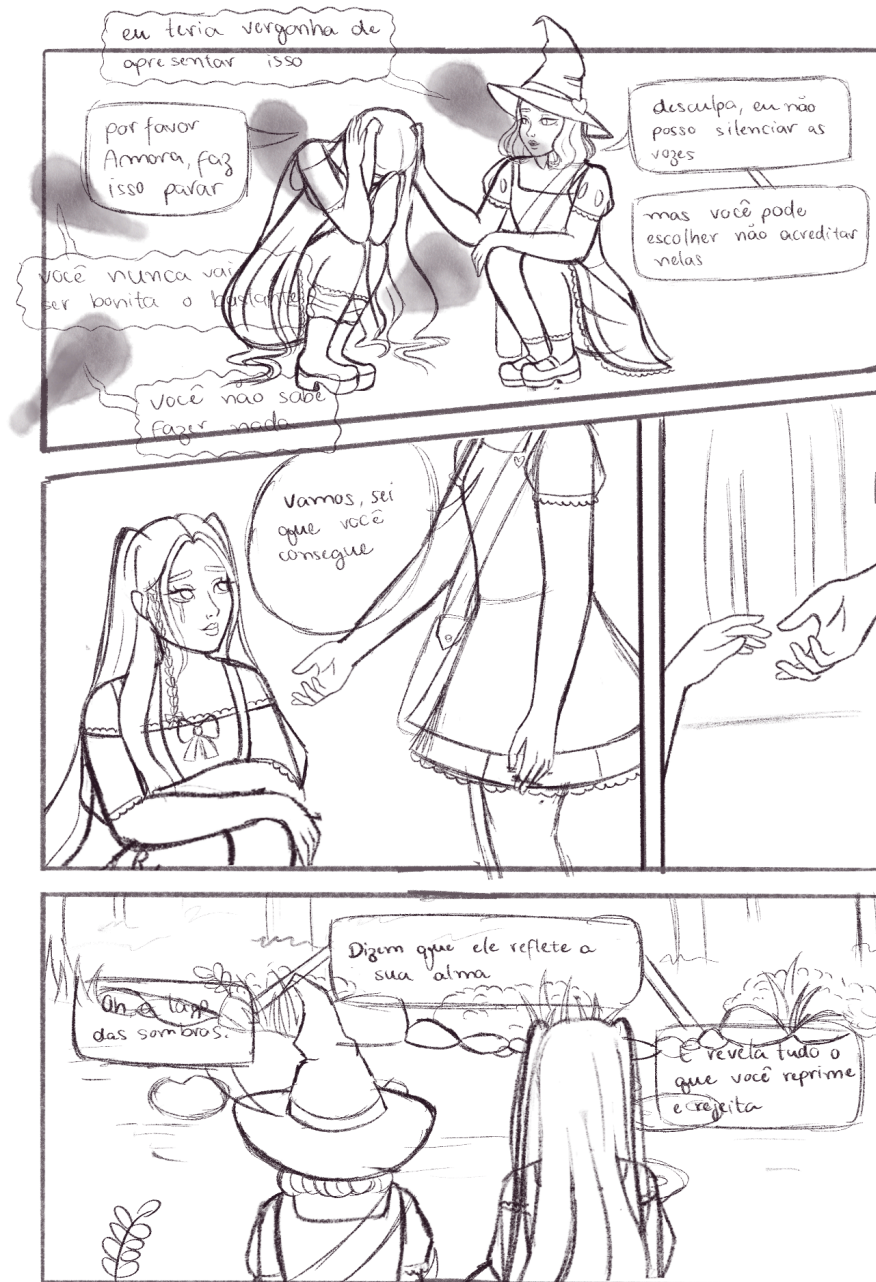
dentro de si, todos os seus traumas e dores, contribuindo para o processo de se aceitar mesmo com vulnerabilidades. As figuras 19 e 20 mostram o rascunho dessa parte da narrativa.

Figura 19: Rascunho da página 21 de *Doce Epifania*



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 20: Rascunho da página 22 de *Doce Epifania*



Fonte: Acervo pessoal da autora

Antes de chegar à parte “boa” da floresta, quis introduzir uma breve cena em que Liana encontra o Lago das Sombras, um lago mágico que promete ler a alma e revelar tudo aquilo que o sujeito reprime. Quando ela olha, tudo o que vê é o próprio reflexo. Dessa forma, a cena consegue conectar as partes boas e ruins da floresta, introduzindo ao leitor a ideia de que o que Liana mais

reprime é ela mesma, reforçando que, mesmo que o conteúdo da sombra apresentado anteriormente seja relacionado às mágoas para com outras pessoas, o que a machuca com maior intensidade é a auto rejeição. A Figura 21 apresenta o rascunho da cena do lago.

Figura 21: Rascunho da página 23 de *Doce Epifania*



Fonte: Acervo pessoal da autora

Por fim, quis utilizar a flor que é apresentada na música como a representação simbólica do que seria uma parte boa de Liana, a qual, para atender às expectativas alheias, envergonha-se de mostrar e esconde em suas sombras, como o amor pela guitarra, por exemplo. Na história, o

ingrediente a ser achado na floresta é exatamente a flor, chamada aqui de *Eclípsia* (Figura 22).

Utilizei uma metáfora na narrativa para que ficasse claro ao leitor que a flor representa uma parte escondida de Liana a Amora, dizer que o nome foi dado à flor porque quem a plantou, um dia decidiu que queria escondê-la e, assim como o sol, ela ainda brilhava, à espera do dia que sairia da sombra da lua, aqui, representando a máscara que a esconde. Fazendo correlação com a canção, quando é dito que há uma flor no jardim “que se parece com você, eu queria dá-la a você” é como um grito dessa parte escondida de Liana que a diz “foi você quem me plantou e me escondeu, mas eu também faço parte de você, sei que agora me acha feio, mas, por favor, pare de me esconder”.

외로움의 정원에 핀

너를 닮은 꽃

주고 싶었지

바보 같은 가면을 벗고서

But I know

영원히 그럴 수는 없는 걸

숨어야만 하는 걸

추한 나니까”

(Floresceu no jardim da solidão

Uma flor que se parece com você

Eu queria dá-la a você

Depois de me livrar dessa máscara idiota

Mas eu sei

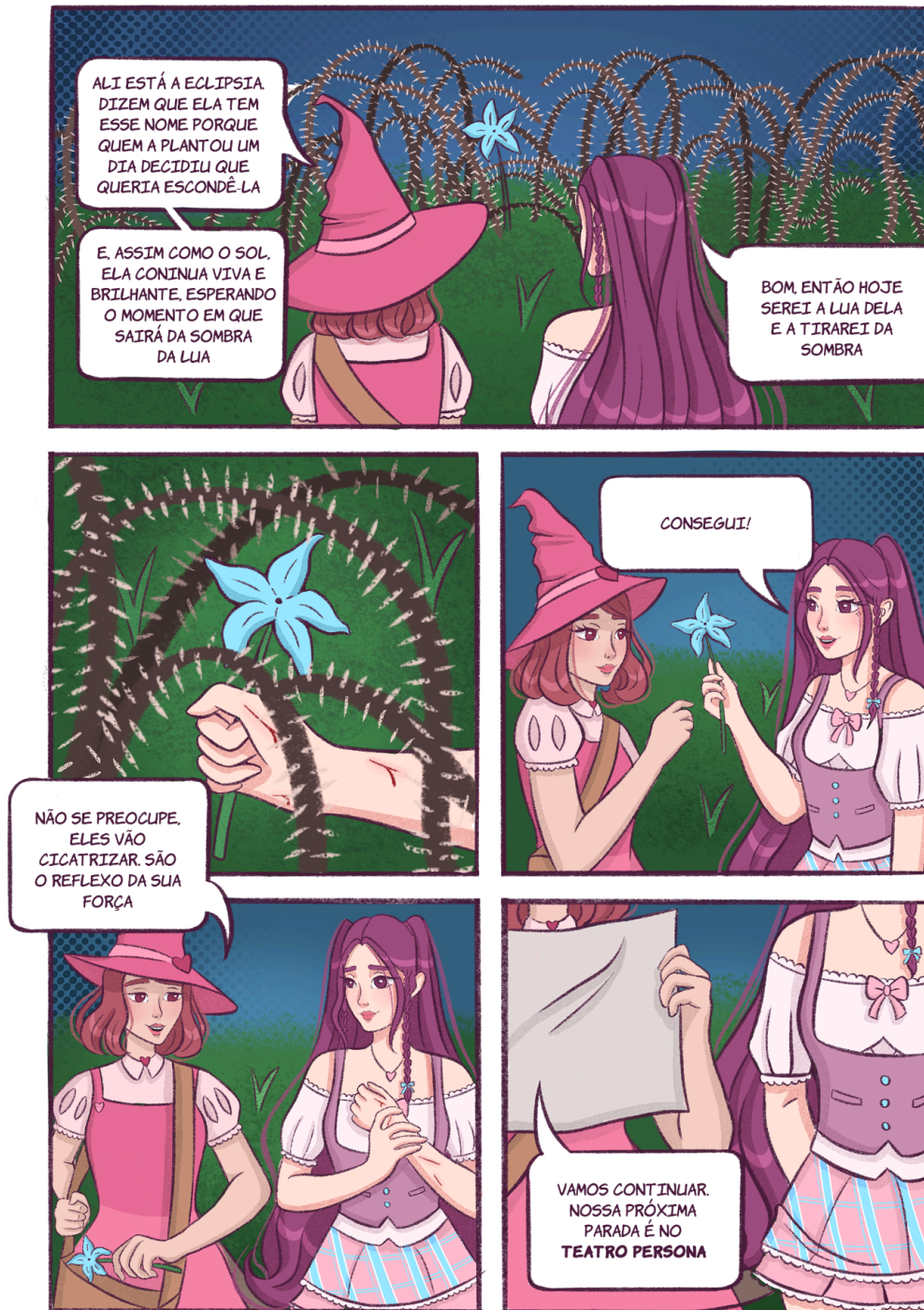
Que eu nunca vou conseguir

Eu preciso me esconder

Porque eu sou feio)

BTS, The Truth Untold (Ft. Steve Aoki), 2018

Figura 22: Página 24 da HQ Doce Epifania



Fonte: Acervo pessoal da autora

Por fim, a música também teve influência direta no visual das páginas, tanto na construção do jardim de espinhos, quanto para a flor azul, referenciando os seguintes versos:

“외로움이 가득히

피어있는 이 garden

가시투성이

[...]

푸른 꽃을 꺾는 손 잡고 싶지만”

(Nesse jardim

Cheio de solidão

Coberto de espinhos

[...]

Eu quero segurar a sua mão que arranca aquela flor azul)

BTS, The Truth Untold (Ft. Steve Aoki), 2018

3.2 Teatro Persona: Baile dos Mil Eus

Adiante, para a construção física de um espaço que representasse o arquétipo da persona, pensei em um teatro, o Teatro Persona, visto que a minha ideia principal para essa parte da narrativa seria introduzir um baile de máscaras, o Baile dos Mil Eus, onde Liana se depararia com várias versões de si mesma e se veria desafiada a encontrar o seu “eu” verdadeiro. Para a construção desse cenário, foi utilizada como inspiração a canção *Fake Love*.

Fake Love fala sobre alguém que mudou tanto para agradar outra pessoa que acabou perdendo a própria identidade. A música mostra a dor de viver um amor que se torna falso porque exige fingimento, máscaras e o apagamento do verdadeiro “eu”. No fim, o eu lírico percebe que não é possível sustentar uma relação quando é preciso esconder quem realmente se é.

“널 위해서라면 난

슬퍼도 기쁜 척 할 수가 있었어

널 위해서라면 난

아파도 강한 척 할 수가 있었어

[...]

내 모든 약점들은 다 숨겨지길

[...]

나도 내가 누구였는지도 잘 모르게 됐어

거울에다 지껄여봐 너는 대체 누구니”

(Por você, eu

Seria capaz de fingir estar feliz, mesmo quando estou triste

Por você, eu

Seria capaz de fingir ser forte, mesmo estando machucado

[...]

Quería que todas as minhas fraquezas pudessem ser escondidas

[...]

Eu nem mesmo sei quem eu costumava ser

Tento conversar com o espelho: quem diabos é você?)

BTS, Fake Love, 2018

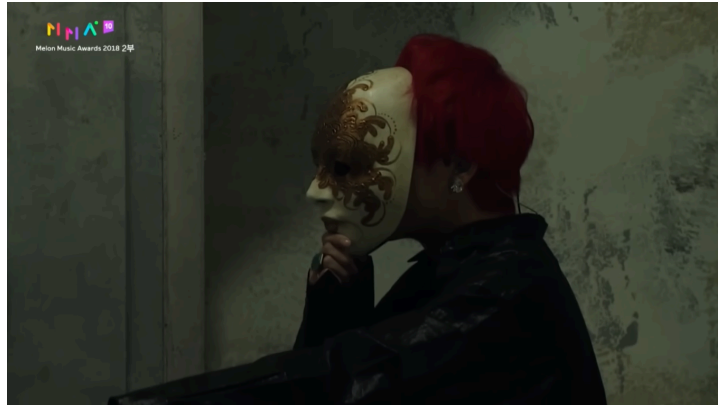
A inspiração aqui, vai além da letra da canção, visto que, nas performances ao vivo da música, os artistas apresentam o conceito das máscaras, que foram inseridas na HQ. Apresento a seguir, nas Figuras 23 e 24 as principais referências, o rascunho do espaço materializado da persona na Figura 25 e o rascunho do baile na Figura 26.

Figura 23: Performance de “Fake Love” do grupo BTS para a premiação Melon Music Awards (MMA) de 2018



Fonte: Captura de tela feita de vídeo publicado pelo canal Spektaur (Youtube)

Figura 24: Integrante Taehyung em performance de “Fake Love” do grupo BTS para a premiação Melon Music Awards (MMA) de 2018



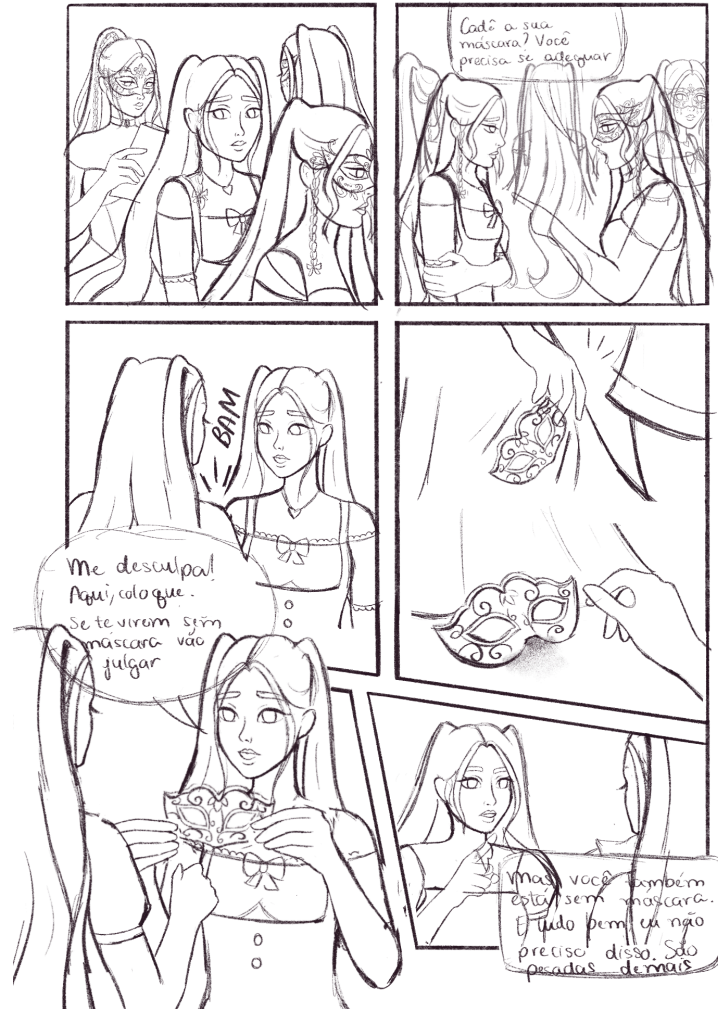
Fonte: Captura de tela feita de vídeo publicado pelo canal Spektaur (Youtube)

Figura 25: Rascunho da página 26 de *Doce Epifania*



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 26: Rascunho da página 28 de *Doce Epifania*



Fonte: Acervo pessoal da autora

3.3 Complexos

Adentrando agora aos complexos e ao ego, decidi fazer uma representação visual do ego como um castelo e os complexos sendo dragões que habitam torres independentes do castelo, fazendo referência aos conceitos de Jung, onde os complexos fazem parte do inconsciente, que é o que está fora do castelo, junto da persona e sombra, mas ainda pertencem à psique, ou aqui, ao reino, junto do castelo.

3.3.1 Complexo da Perda da Inocência: Torre dos Fragmentos de um Sonho

Para o primeiro dragão, decidi explorar um complexo pessoal que é o Complexo da Perda da Inocência e levá-lo para a problemática da personagem. Acredito que esse tenha sido o mais difícil de se desenvolver porque eu muito pensei em como exatamente conseguiria explicar esse sentimento, pois não é simplesmente medo de envelhecer, é estar crescendo e sentindo que está abandonando a si mesmo a troco de parecer maduro.

Como inspiração para desenvolvê-lo, utilizei a canção 28 do AGUST D, membro do BTS. 28 reflete a sensação de amadurecer e perceber que, com o tempo, os sonhos, os medos e a própria identidade mudam. O cantor fala sobre como crescer traz dúvidas, ansiedade e uma perda da inocência, mas também a necessidade de aceitar essas transformações. A música expressa um conflito entre querer evoluir e, ao mesmo tempo, sentir falta do que já foi, mostrando o peso emocional de chegar à vida adulta.

“점점 어른이 되나 봐
기억이 안 나
내가 바란 것들은 무엇이었나
나 이제는 겁나
내 꿈의 파편들은 어디로 갔나”

(Acho que eu estou lentamente me tornando um adulto

Não me lembro

Quais eram as coisas que eu desejava?

Agora eu tenho medo

Para onde foram os fragmentos do meu sonho?)

AGUST D (BTS), 28, 2020

Diante disso, além de trazer características infantis para o dragão, como as asas feitas de desenhos infantis, simbolizando a inocência, a música me serviu como inspiração para a forma como construí a torre dele e também os diálogos da personagem. A torre, apesar de, em sua maioria, ser repleta de itens infantis, alguns estão quebrados, rasgados e em meio a eles há itens

considerados da vida adulta, como gravatas, contas, contratos e relógios, de modo a simbolizar a forma como a vida adulta vai, aos poucos tomando conta do espaço e destruindo a nossa inocência. Nomeei essa torre como Torre dos Fragmentos de um Sonho, fazendo referência à música e aqui, vale reforçar que o complexo é representado pelo dragão, a torre é apenas uma forma de deixar explícito que os complexos habitam ao redor do ego. As figuras 27 e 28, mostram, respectivamente, os primeiros rascunhos do dragão e torre e na Figura 29 o rascunho exemplifica a disposição dos objetos na torre.

Figura 27: *Rascunho do Dragão do Complexo da Perda da Inocência*



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 28: *Rascunho da Torre dos Fragmentos de um Sonho*



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 29: Rascunho da página 31 de Doce Epifania



Fonte: Acervo pessoal da autora

3.3.2 Complexo do Não Pertencimento: Torre Desconexa

Para o próximo dragão, decidi representá-lo como o Complexo do Não Pertencimento, e a sua respectiva torre seria a Torre Desconexa. Aqui, quis explorar o sentimento de sentir-se deslocado em algum lugar e consequentemente, estar a todo momento se cobrando e se moldando para parecer pertencente.

Aqui, me inspirei na canção *uhgood*, que fala sobre não se sentir suficiente, sobre o peso das próprias expectativas e sobre como é difícil aceitar quem somos. A música também sugere que a verdadeira cura começa quando paramos de nos comparar com uma versão imaginada de nós mesmos e aprendemos a olhar para nossa verdade com honestidade.

“어긋나는 건 너무 아픈 것
 겪지 않으면 알 수가 없는 것
 내 이상과 현실 너무 멀고 먼
 그 두 다리 건너 내게 닿고 싶어
 진짜 내게”

(Estar deslocado é algo tão doloroso

É algo que se você não passar por, não tem como saber

Meus ideais e realidade são tão distantes

E mesmo assim, quero atravessar a ponte e me alcançar

O meu verdadeiro eu)

RM (BTS), *uhgood*, 2018

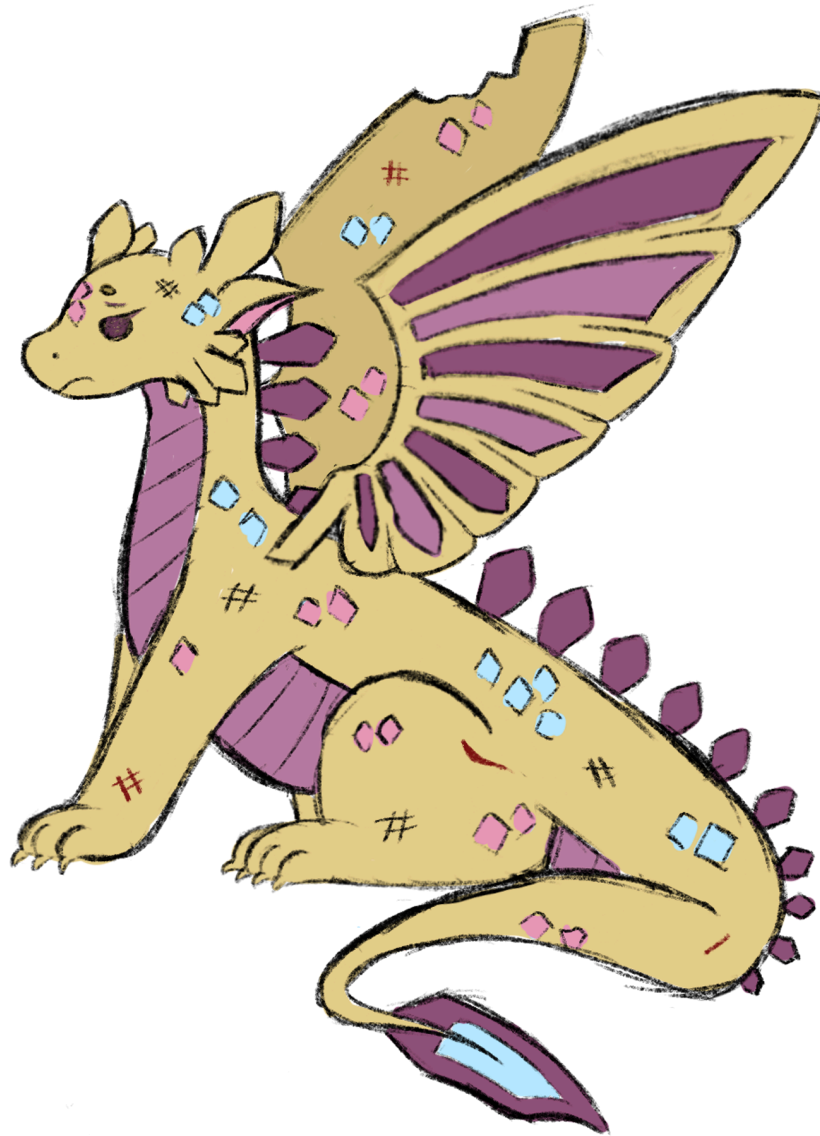
Dessa forma, a canção, ao explicitar a ideia de que mesmo sentindo-se deslocado, ainda existir o desejo de se alcançar o seu verdadeiro “eu”, me inspirou na criação da cena que ocorre nessa torre, no sentido de que, apesar de estarmos sempre tentando nos encaixar, no fundo, ainda queremos apenas poder ser nós mesmos.

A torre, por fora, é diferente de todas as outras, é toda cinzenta e até mesmo sombria. Por dentro, além de ser totalmente cinza e carregar decorações pretas e minimalistas, abriga um dragãozinho rosa que, assim que vê Liana e Amora chegando, se camufla, mudando a tonalidade da pele para cinza na tentativa de parecer pertencente ao ambiente.

Além disso, na referida cena, ele se encontra tentando colocar uma peça em um quebra-cabeças em que a peça não se encaixa, como forma de simbolizar que está tentando se encaixar em um lugar que não o pertence. Em meio às decorações pretas, também há mínimas deixas coloridas do dragão, fazendo referência à música como uma pequena tentativa de se fazer pertencente sem

precisar se moldar. A Figura 30 refere-se ao primeiro rascunho do dragão, que depois teve a sua cor modificada, visto que quis trazer as cores da personagem para os dragões, de forma a deixar claro que eles são parte dela, são os complexos dela, e a Figura 31 mostra o rascunho de uma das páginas da Torre Desconexa.

Figura 30: Rascunho do dragão do Complexo do Não Pertencimento



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 31: Rascunho da página 39 de *Doce Epifania*



Fonte: Acervo da autora

3.3.3 Complexo da Falta de Amor-próprio: Castelo do Ego

Por fim, desenvolvi o dragão que viesse a representar o complexo mais forte de todos, o que estaria sob o controle do ego. Jung define esse conceito como “constelação”, quando uma pessoa está constelada, é porque um complexo, depois de ser tão fortalecido por mais e mais situações traumáticas ligadas a ele, tomou posse do ego.

Quando isso acontece, o ego perde por completo o controle da

consciência ou, quanto a isso, o do próprio corpo. A pessoa fica sujeita a descargas de energia que não estão sob controle do ego. (Stein, 2006, p. 48).

Diante disso, escolhi fazer com que o último dragão não estivesse em sua torre, mas sim no controle, no reinado do Castelo do Ego, fazendo referência ao conceito de “ego perturbado” de Jung e representando o Complexo da Falta de Amor-Próprio. Para a construção da cena, utilizei como inspiração a música *Answer: Love Myself*.

Answer: Love Myself é uma canção que fala sobre aprender a se amar apesar das imperfeições, dores e falhas. A música mostra que o amor-próprio, mesmo que difícil, é um processo contínuo e que cuidar de si mesmo é uma forma de cura. Ela encoraja a aceitar quem você é hoje, perdoar seu passado e escolher, todos os dias, ser gentil consigo mesmo.

“마주 본다 거울 속 너
 겁먹은 눈빛 해묵은 질문
 어쩌면 누군가를 사랑하는 것보다
 더 어려운 게 나 자신을 사랑하는 거야”
*(Estou olhando para você no espelho
 Os olhos cheios de medo, uma pergunta pendente
 De certa forma, amar a mim mesmo
 Pode ser mais difícil do que amar outra pessoa
 [...]*
Por que você continua tentando se esconder sob sua máscara?)
 BTS, Answer: Love Myself, 2018

Para a construção da cena do Castelo do Ego, me inspirei na letra da canção em vários sentidos, primeiro para apresentar o dragão, o Complexo da Falta de Amor-Próprio, e também como inspiração para os diálogos, visto que a música não só fala das dificuldades de se amar, mas também apresenta esse mesmo amor como a solução para tudo.

Ao chegar no castelo, Liana e Amora encontram o dragão utilizando uma coroa e deitado sob o trono, como forma de simbolizar que ele é um complexo maior que tomou o controle do ego. O castelo aparece destruído, como justificativa para o estrago que um complexo pode fazer no ego, fazendo com que o indivíduo não só perca o autocontrole, mas que sabote a si mesmo. Fazendo referência à canção, na narrativa, o dragão além de usar uma máscara pesada, possui olhar de medo e briga com o próprio reflexo.

Abaixo, a Figura 32 apresenta o primeiro rascunho do dragão, enquanto a Figura 33 mostra o rascunho de uma das páginas.

Figura 32: *Rascunho do dragão do Complexo da Falta de Amor-Próprio*



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 33: Rascunho da página 53 de *Doce Epifania*



Fonte: Acervo pessoal da autora

Portanto, a cena no Castelo do Ego e o confronto com esse complexo é o ápice de toda a narrativa, pois somente quando Liana se enxergar nos olhos do dragão é que a personagem virá a entender que tudo aquilo se trata dela, e então perceber que, todo o tempo, quando achou que estava oferecendo conforto aos dragões, na verdade estava consolando e ajudando a si mesma. E então, é como se dissesse a si mesma:

"You've shown me I have reasons

I should love myself"

(Você me mostrou que eu tenho motivos

Eu deveria amar a mim mesmo)

BTS, Answer: Love Myself, 2018

Portanto, após percorrer todos os aspectos de sua psique dentro desse universo fantástico, atingir o autoconhecimento e, por fim, a individuação, a personagem finalmente está apta a encontrar, aos poucos, o amor-próprio. Assim como deixo claro na narrativa, não é um processo simples ou rápido, envolve o autoperdão, o saber se escutar, a paciência e a coragem para visitar feridas quantas vezes forem necessárias. O amor-próprio surge com o autoconhecimento, mas para que seja duradouro, é necessário passar pela individuação que, dentro dos conceitos junguianos, dura por toda a vida.

Concluída a explicação de como os conceitos junguianos, os estudos sobre o amor e as canções do BTS colaboraram para a construção da narrativa e dos personagens, cabe ao referente momento a apresentação da sinopse e a mostra do resultado final da história em quadrinhos.

3.4 Sinopse e Resultado Final

Em um vilarejo onde magia e afeto se misturam, existe uma doceria mágica, capaz de curar a mais difícil das dores com seus docinhos mágicos. Quando tudo parece perdido, basta abrir as portas do seu coração e, então, com muito açúcar e carinho, esse lugar irá te confortar.

É nessa doceria que uma jovem musicista, perdida de si mesma, chega em busca de ajuda. Mas, às vezes, nem mesmo a mais poderosa das magias é suficiente para curar certas dores.

Ao lado de uma amorosa bruxinha doceira, ela parte em busca dos ingredientes de uma receita especial, uma receita que exige coragem, entrega e disposição para enfrentar tudo aquilo que, por tanto tempo, permaneceu escondido.

Entre florestas, castelos, torres e encontros com suas próprias dores, essa história explora os desafios do autoconhecimento e o processo de aprender a amar a si mesmo.

Seria ela capaz de compreender a melodia de sua alma?

Seja bem-vindo à Doce Epifania.

GISELLE CARVALHO

Doce Epifania



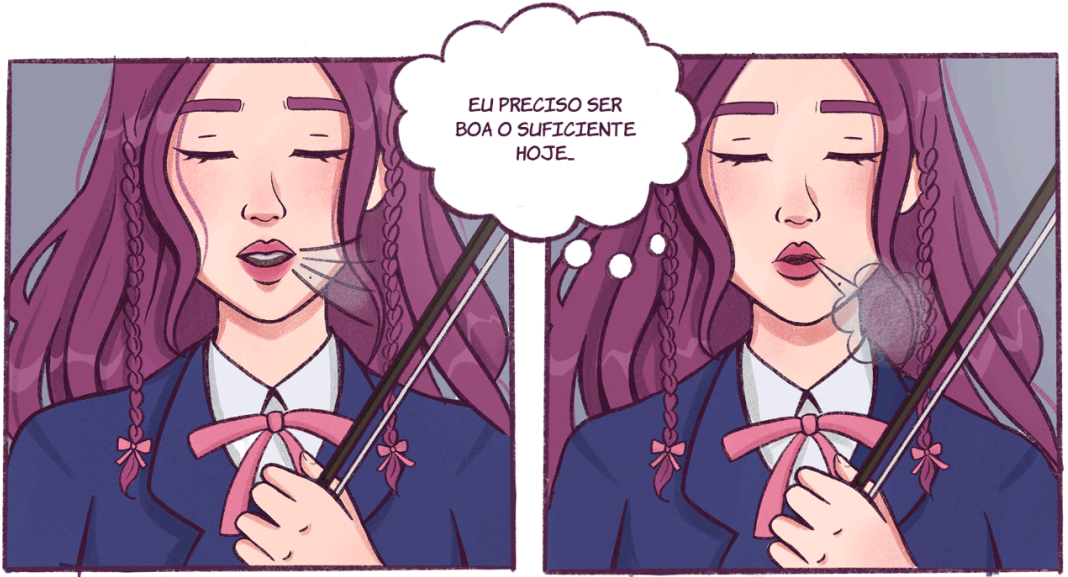
Doce Epifania

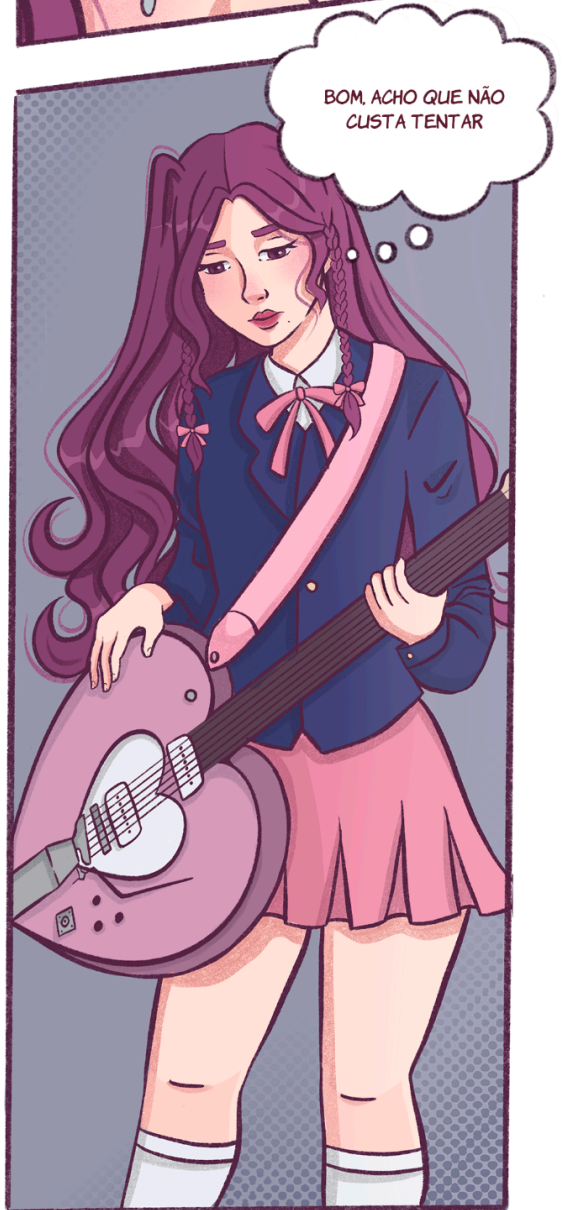
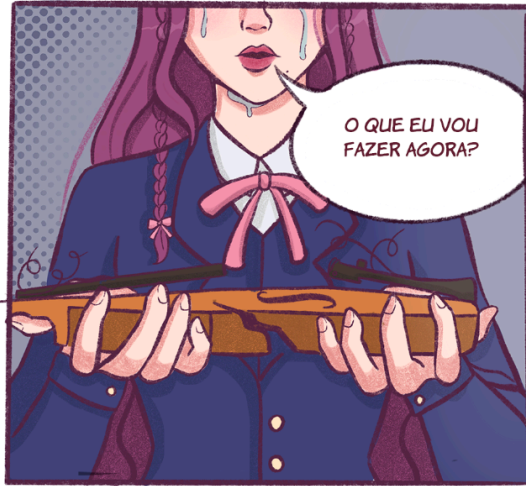
História em quadrinhos produzida para
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

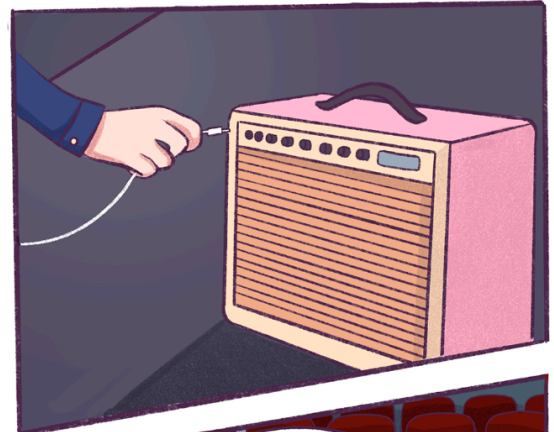
GISELLE CARVALHO DE PÁDUA PEDROSA
ORIENTADOR: EDGAR SILVEIRA FRANCO

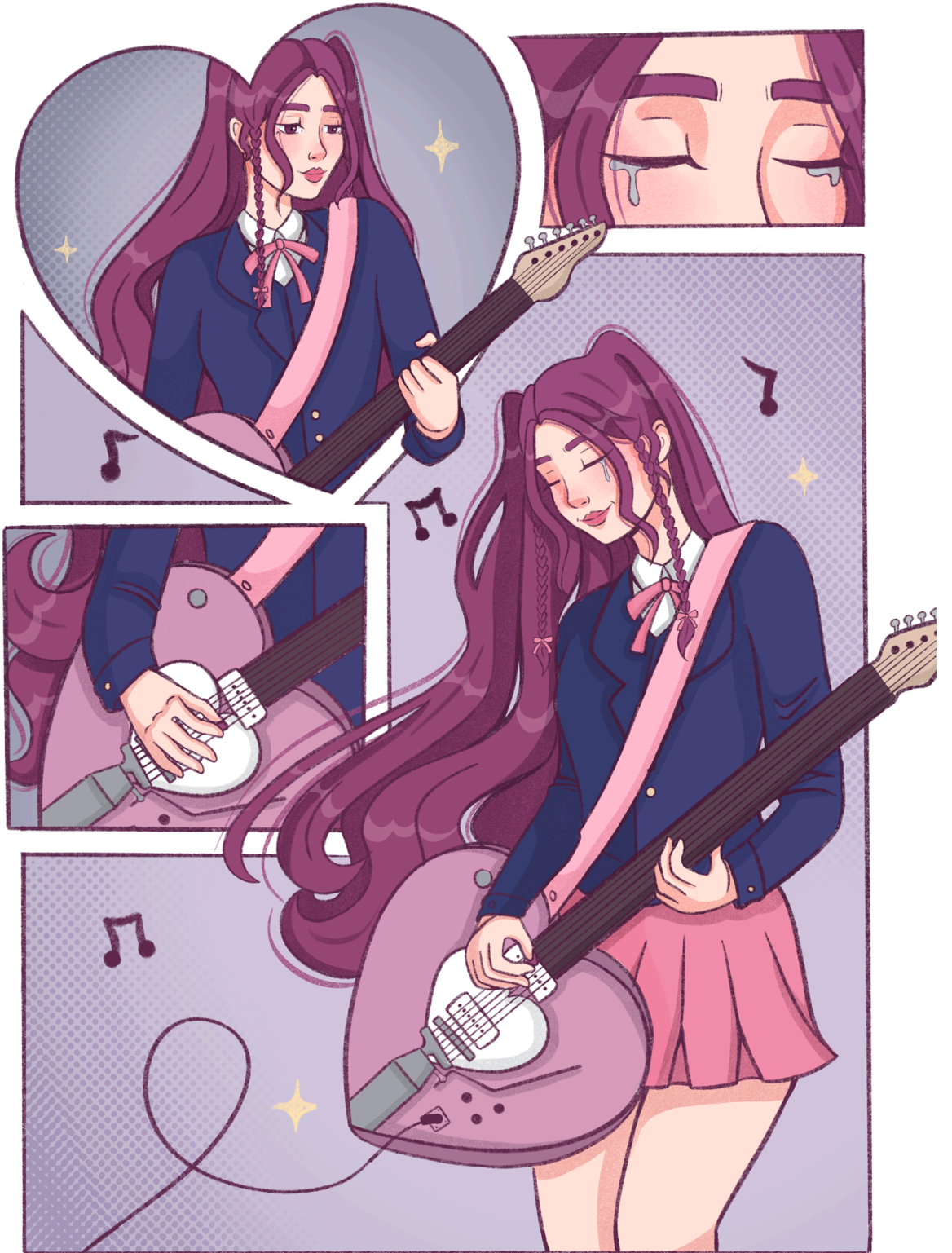


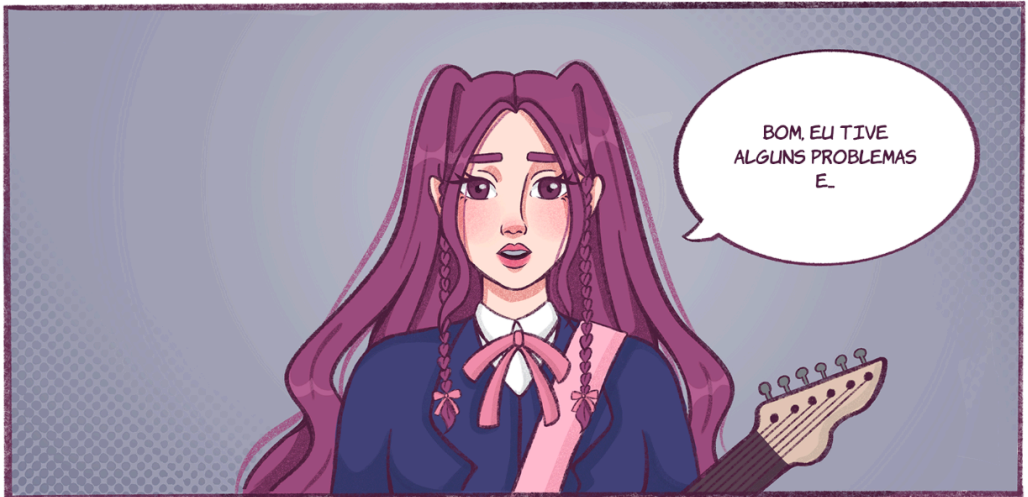
Dedico essa obra aos meus pais, irmã, amigas e namorado, que são para mim o verdadeiro significado de amor e ao BTS, que todos os dias me ensina a me amar um pouco mais e a ser sempre a melhor versão de mim.

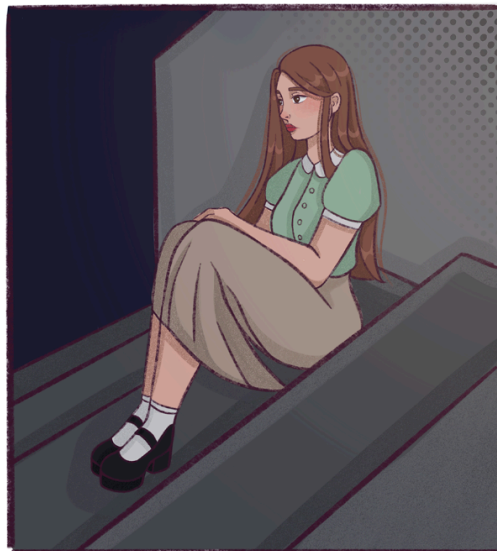


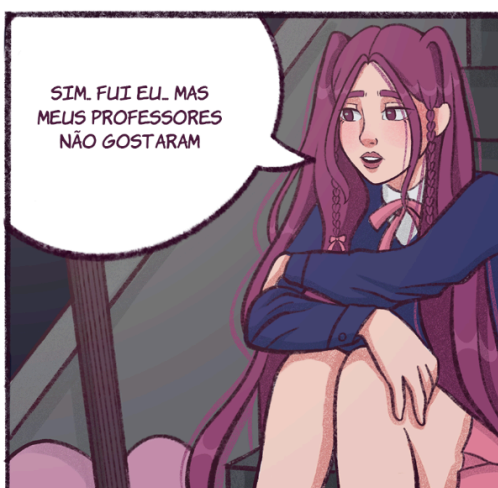
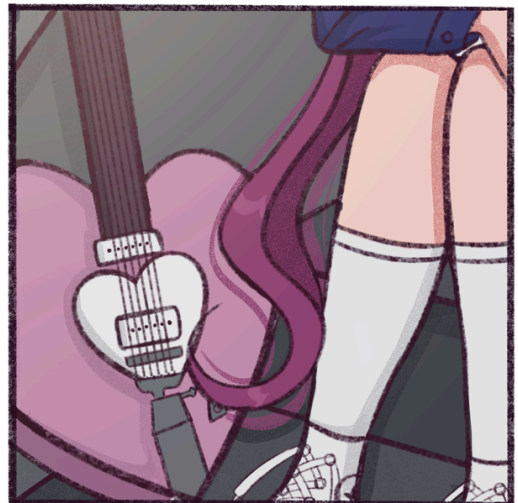


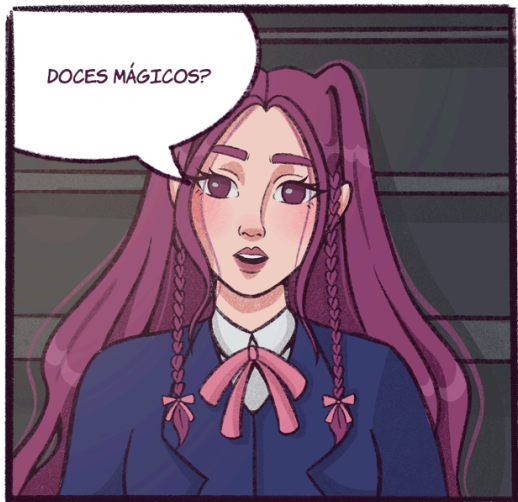
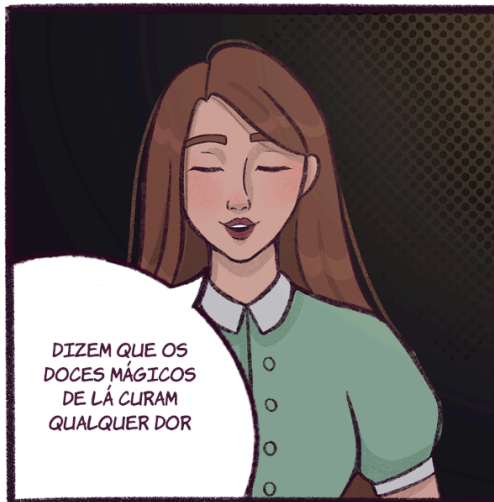
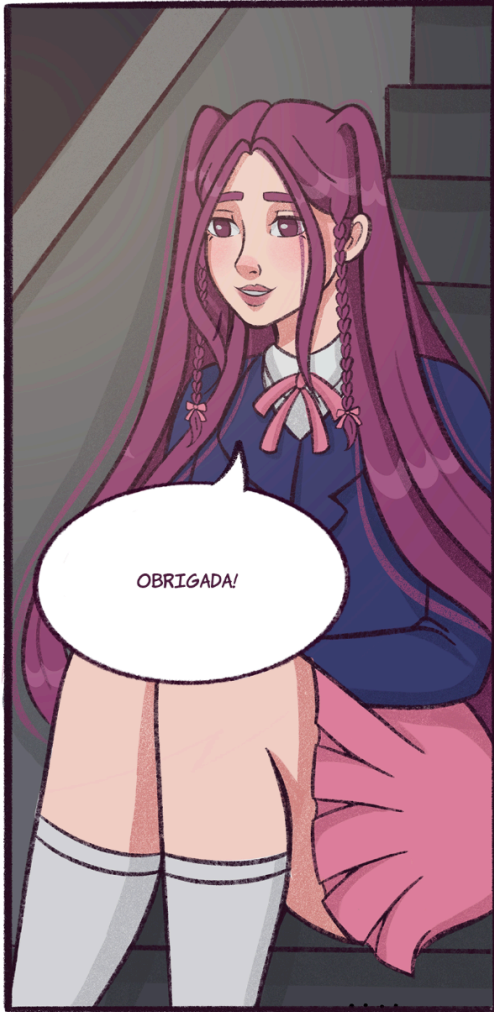






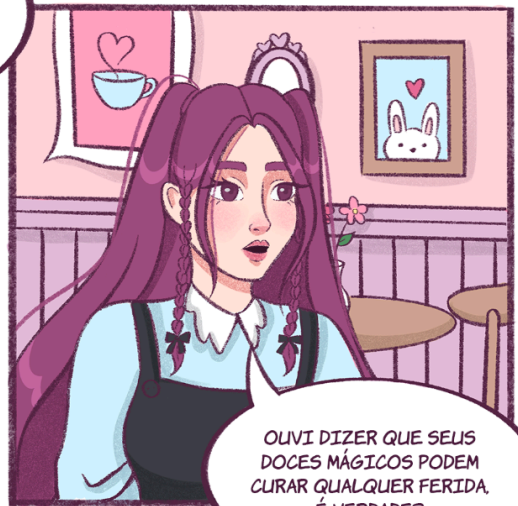






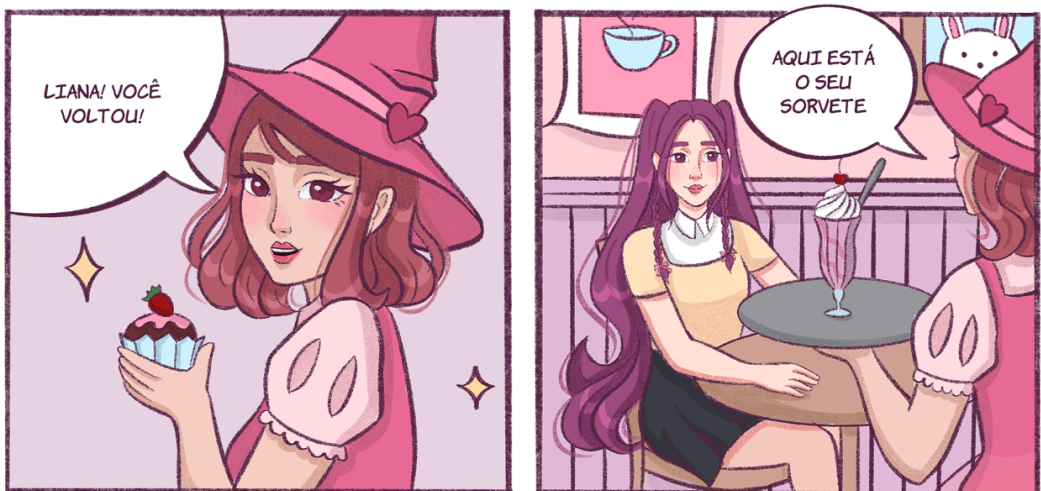
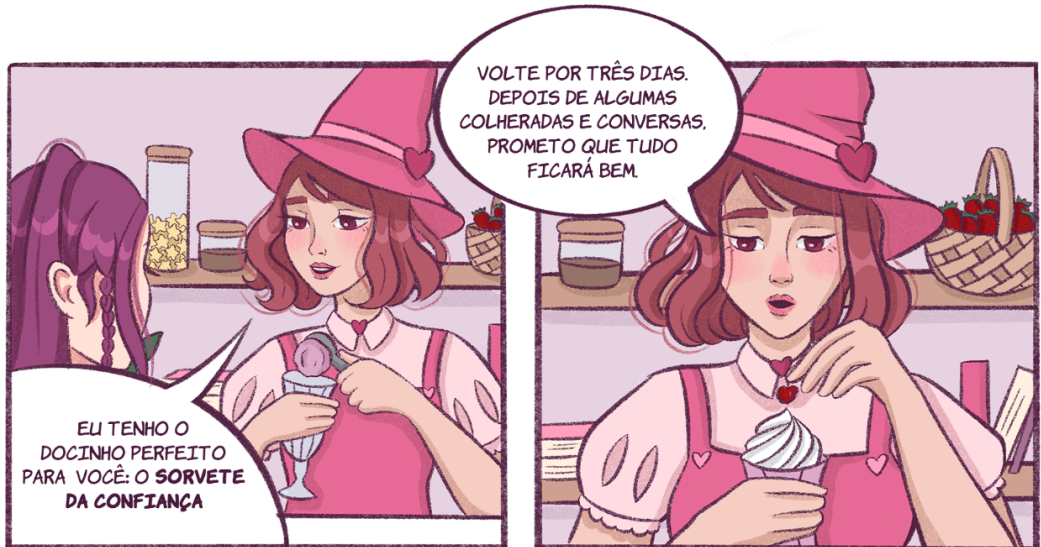
NO DIA SEGUINTE.

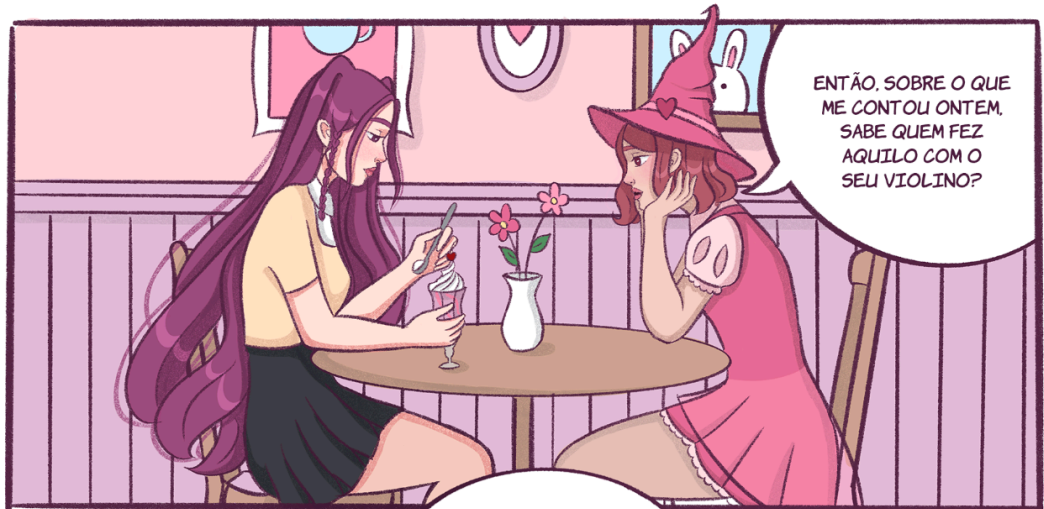




É SIM! SINTA-SE À VONTADE PARA ABRIR O SEU CORAÇÃO SE DESEJAR E EU TRAREI O DOCINHO CERTO PARA VOCÊ. ALIÁS, O MEU NOME É AMORA







ENTÃO, SOBRE O QUE ME CONTOU ONTEM, SABE QUEM FEZ AQUILO COM O SEU VIOLINO?



POR QUE? VOCÊ É UMA MUSICISTA ESTUDANDO EM UMA ESCOLA DE MÚSICA. O QUE HÁ DE ERRADO?

EU NÃO SEI, MAS, NO FUNDO, EU TAMBÉM ACREDITO NAQUELE BILHETE. EU NÃO PERTENÇO ÀQUELE LUGAR



É PORQUE EU SOU DIFERENTE. A ESCOLA SÓ ACEITA E ADMIRA MUSICISTAS QUE DOMINEM INSTRUMENTOS CLÁSSICOS, MAS ESSA NUNCA FOI A MINHA PAIXÃO

EU APRENDI A TOCAR ALGUNS DELES, COMO O VIOLINO, MAS NUNCA FUI BOA O SUFICIENTE. A MINHA VERDADEIRA PAIXÃO É A GUITARRA

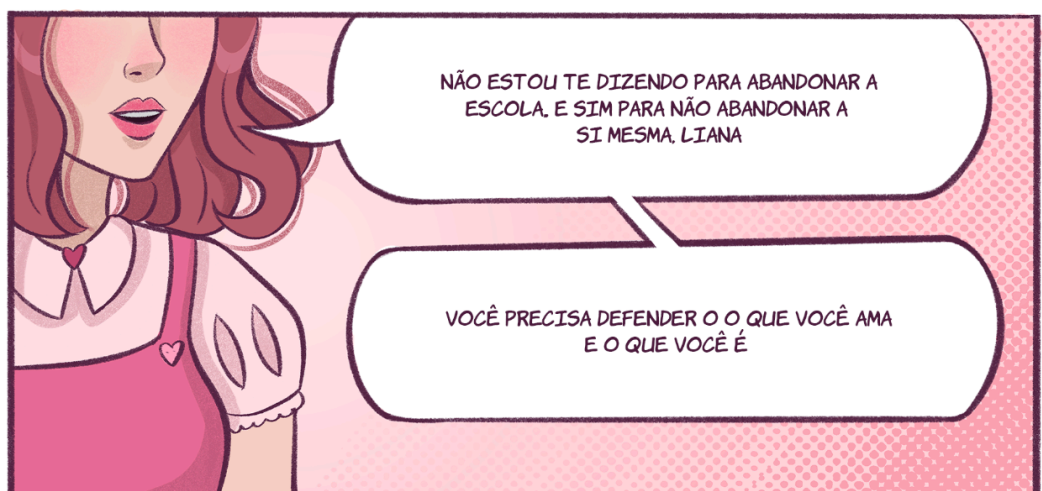


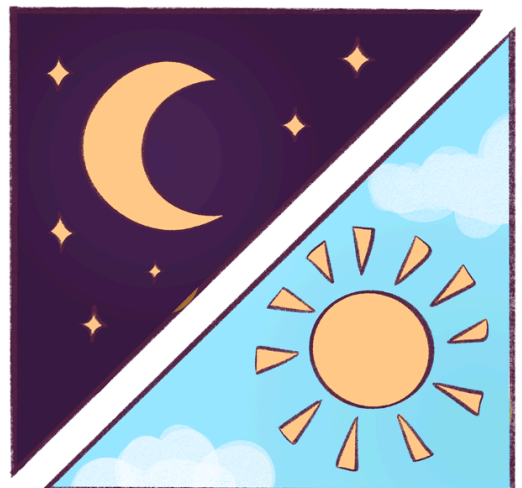
ESSA PAIXÃO VEIO DO
MEU PAI, ELE É LUTHIER,
MAS NUNCA SE PRENDEU
AOS INSTRUMENTOS
CLÁSSICOS



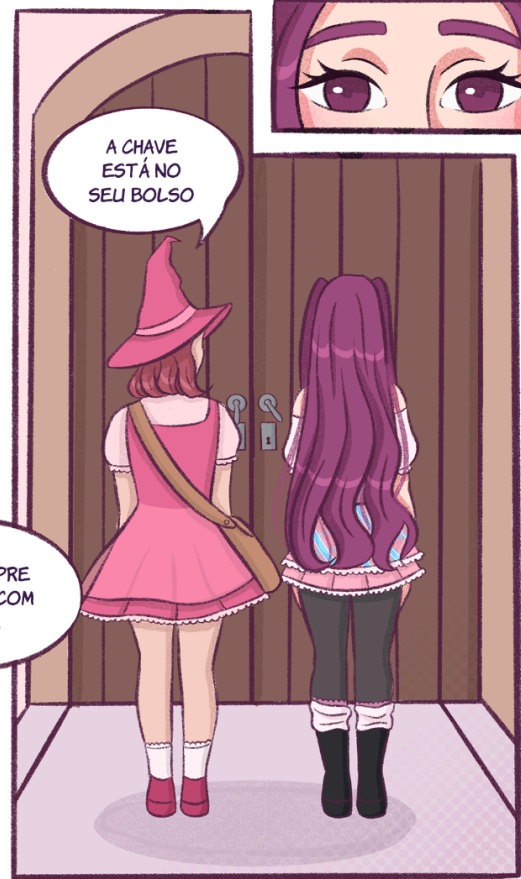
ASSIM QUE ELE SOUBE SOBRE A
INVENÇÃO DA GUITARRA, ELE FEZ UMA COM
AS PRÓPRIAS MÃOS PARA MIM E EU ME
APAIXONEI POR ELA DESDE A PRIMEIRA
VEZ QUE TOQUEI





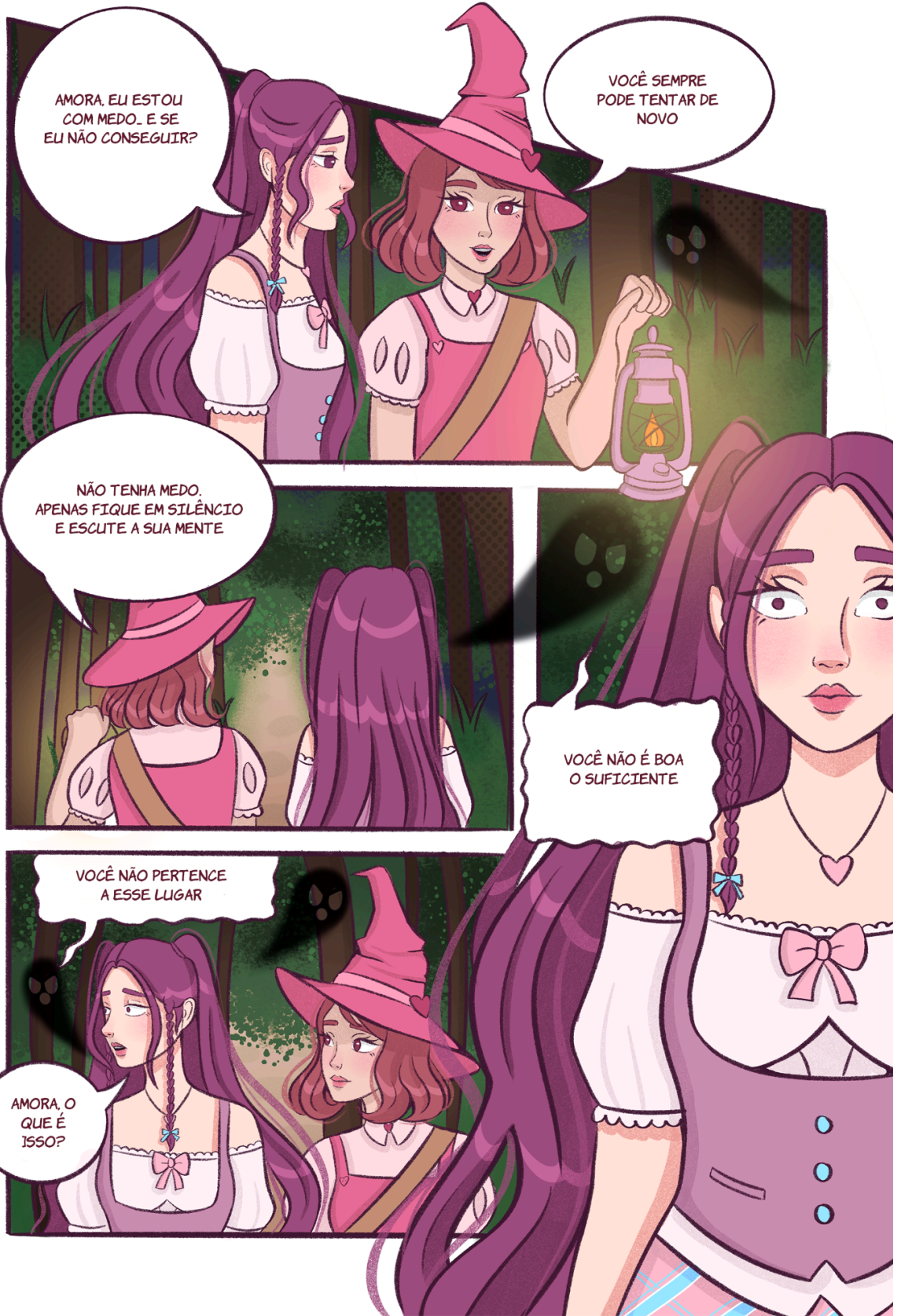












AMORA, EU ESTOU COM MEDO. E SE EU NÃO CONSEGUIR?

VOCÊ SEMPRE PODE TENTAR DE NOVO

NÃO TENHA MEDO. APENAS FIQUE EM SILÊNCIO E ESCUTE A SUA MENTE



VOCÊ NÃO É BOA O SUFICIENTE

VOCÊ NÃO PERTENCE A ESSE LUGAR

AMORA, O QUE É ISSO?





EU TERIA VERGONHA DE APRESENTAR ISSO

AMORA, POR FAVOR, FAZ ISSO PARAR

DESCULPA, EU NÃO POSSO SILENCIAR AS VOZES

MAS VOCÊ PODE ESCOLHER NÃO ACREDITAR NELAS

VOCÊ NÃO É BONITA O BASTANTE



VOCÊ É INÚTIL

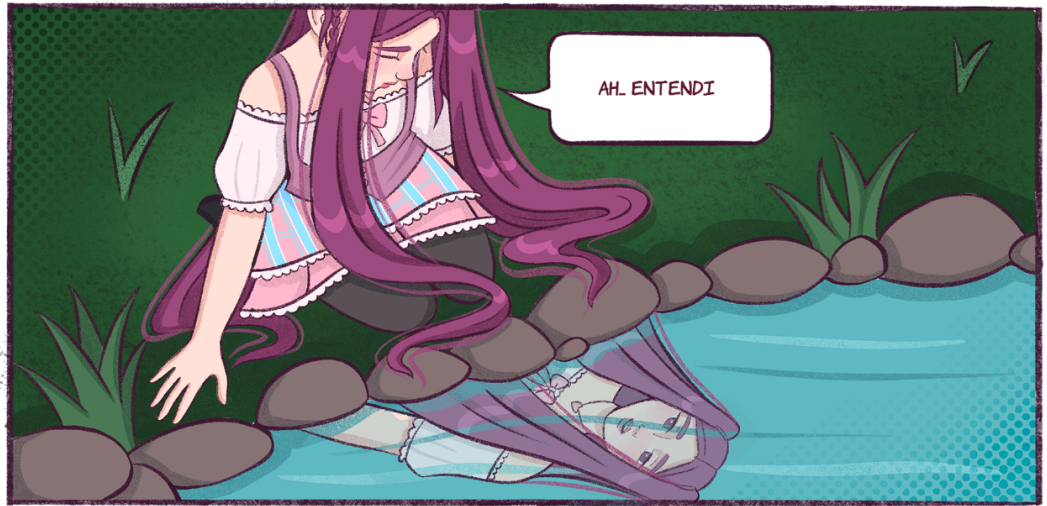
VAMOS, VOCÊ CONSEGUE

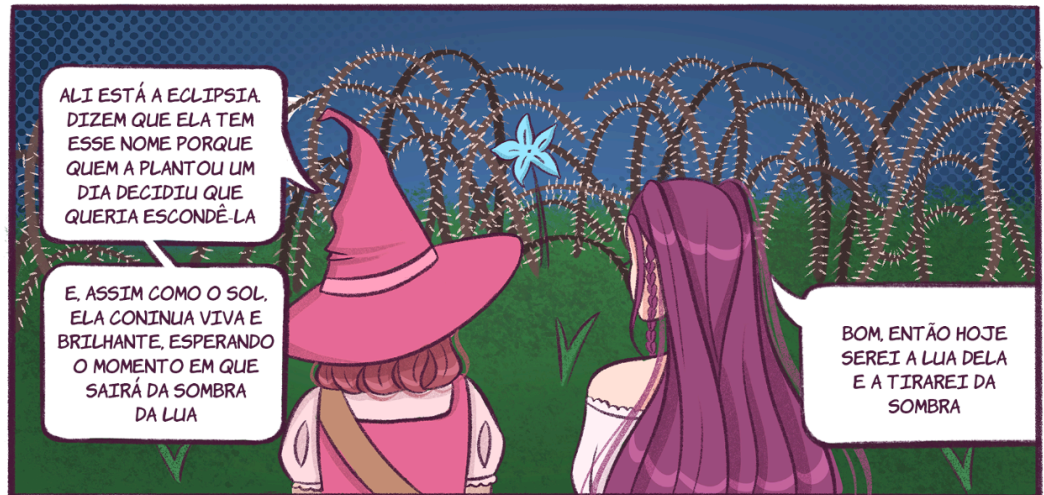


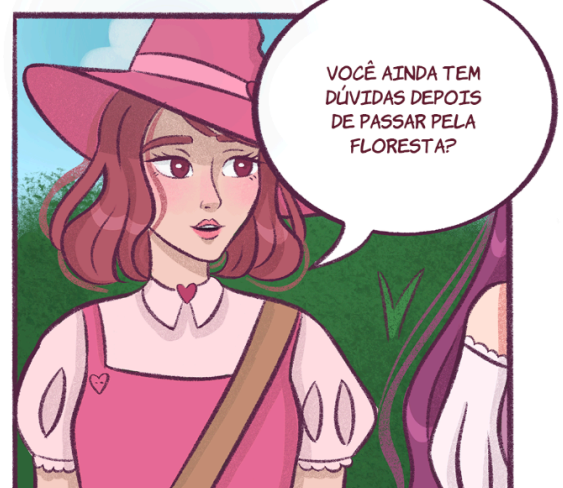
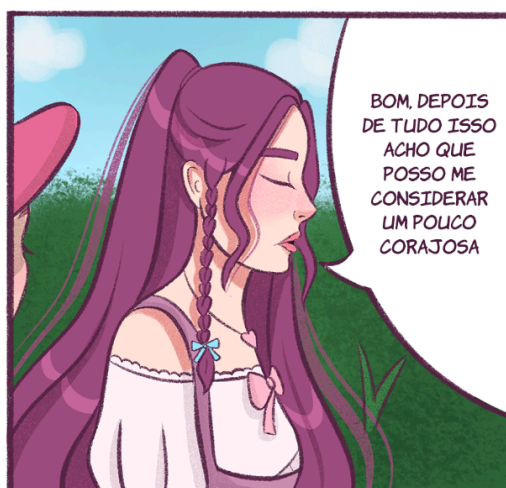
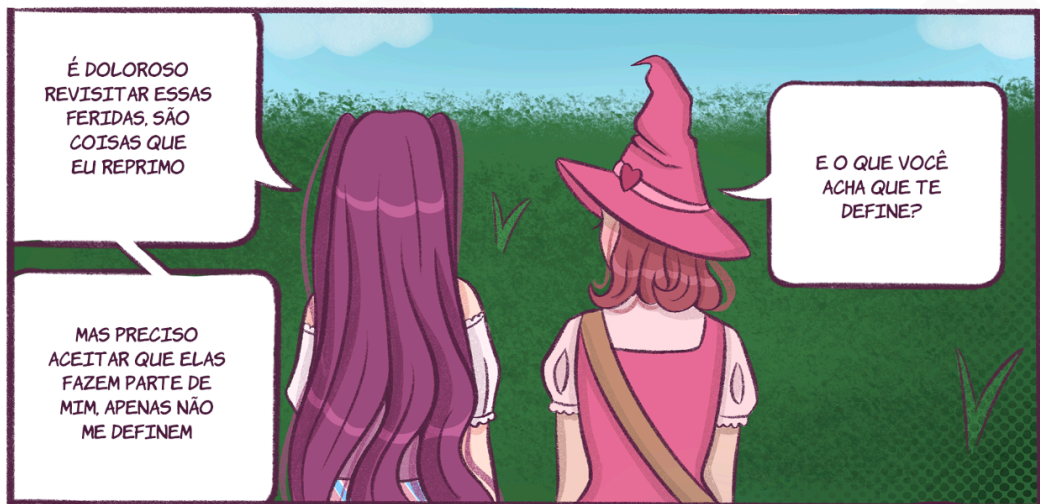
DIZEM QUE ELE REFLETE A SUA ALMA

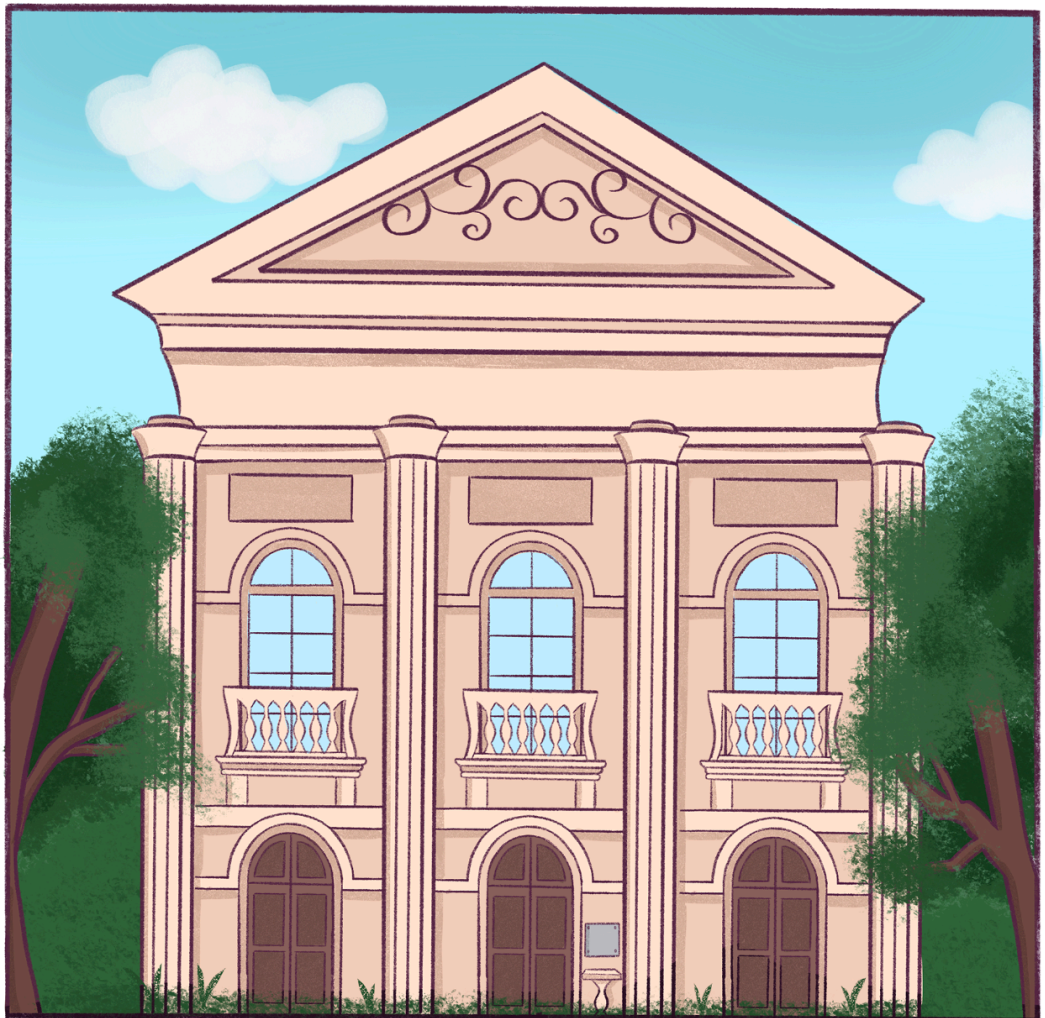
OH, É O LAGO DAS SOMBRAS

E REVELA AQUILO QUE VOCÊ MAIS REPRIME E REJEITA

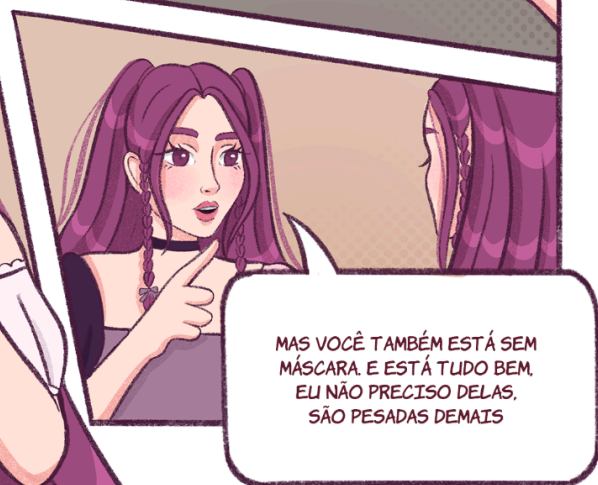
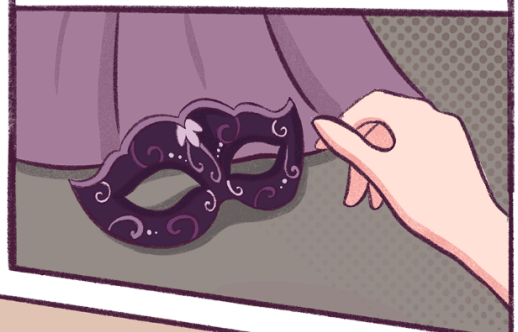
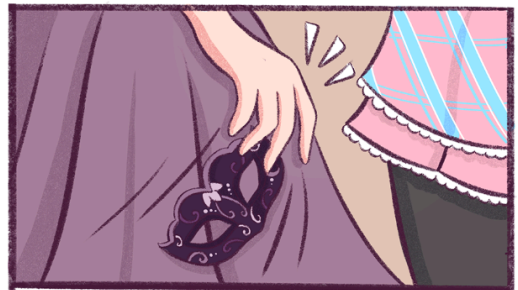
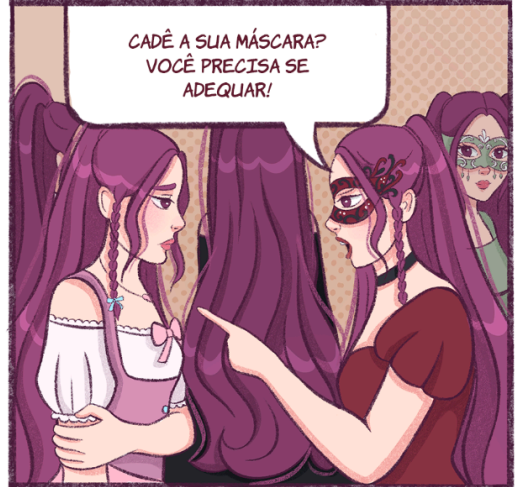


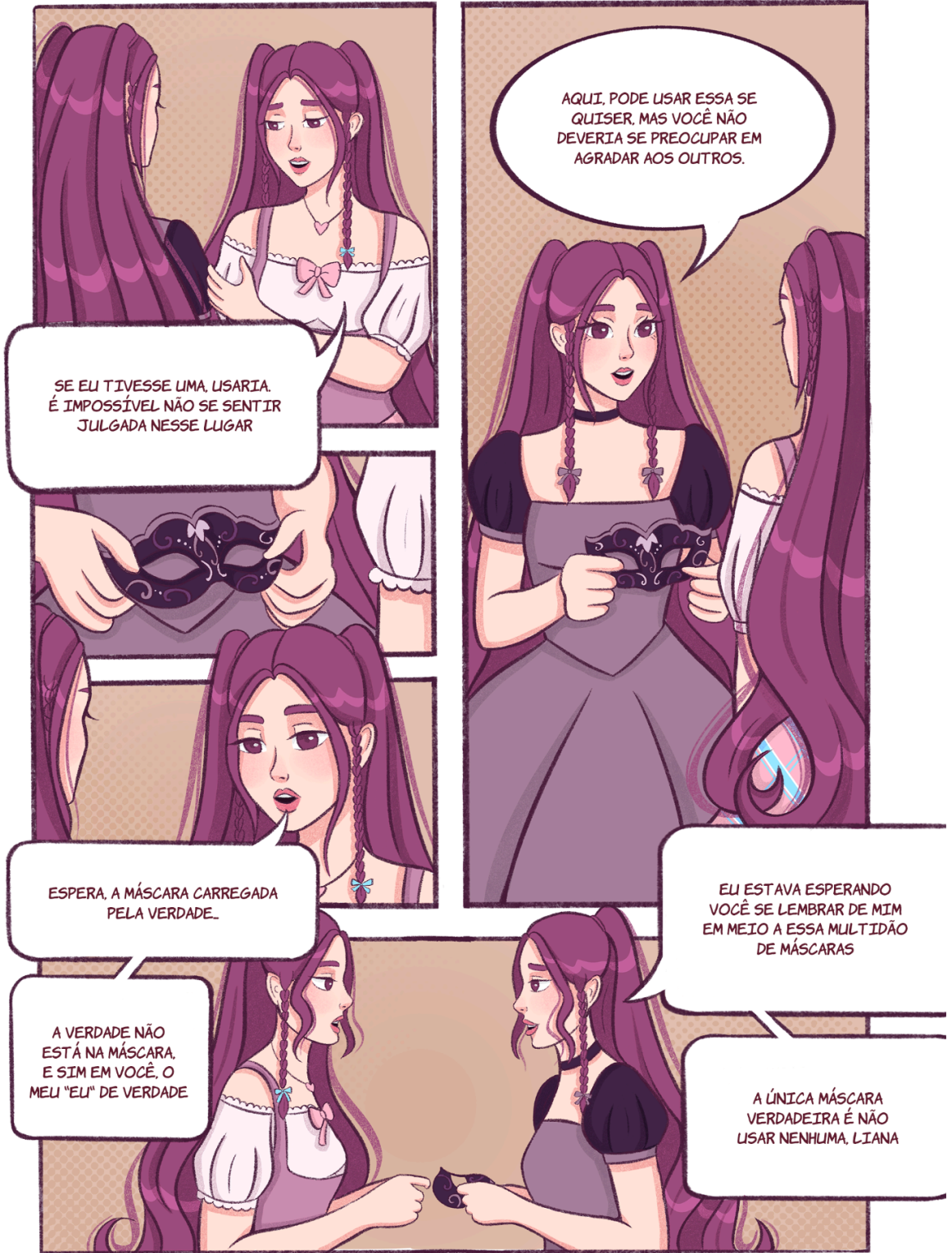












SE ELI TIVESSE UMA, USARIA.
É IMPOSSÍVEL NÃO SE SENTIR
JULGADA NESSE LUGAR

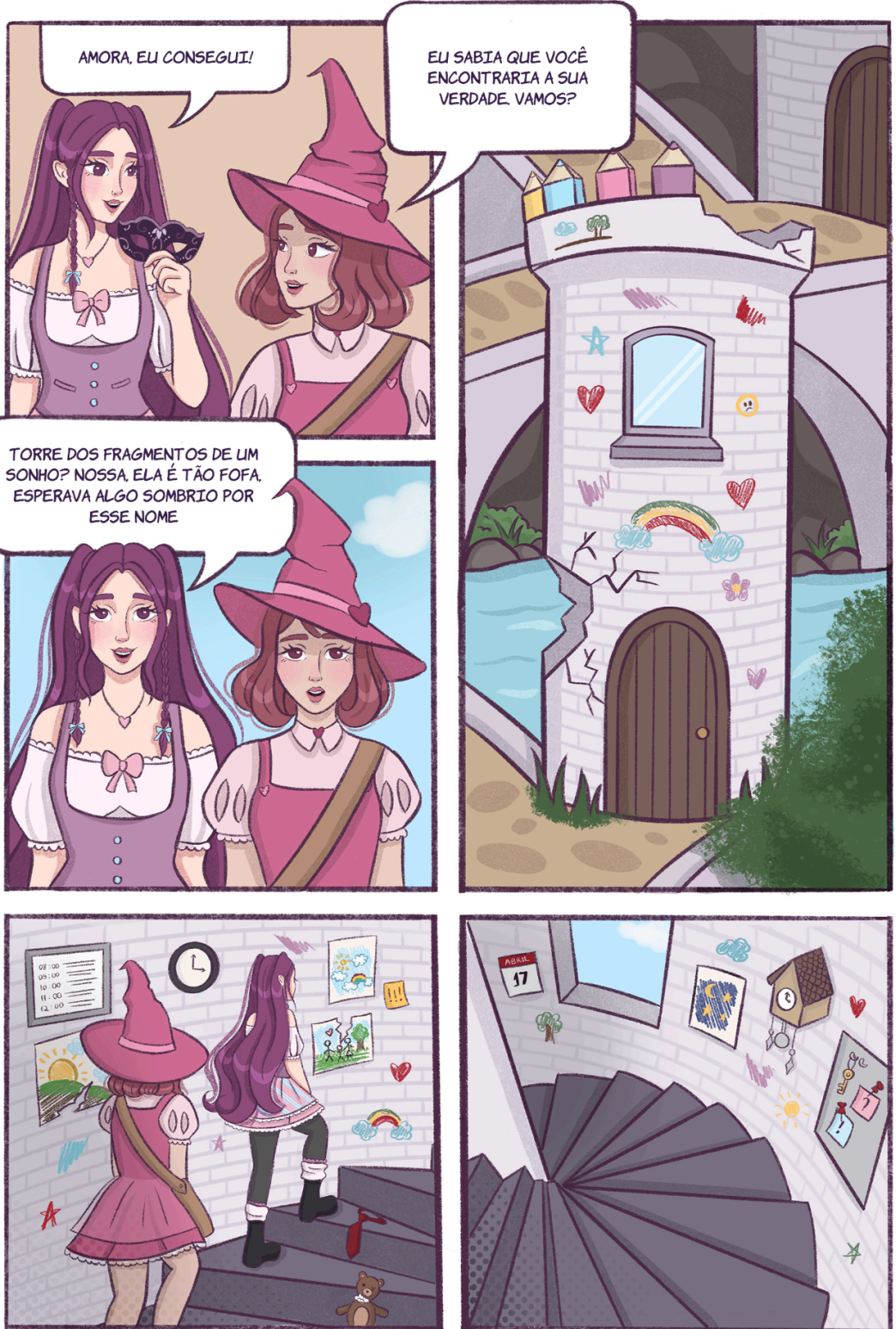
AQUI, PODE USAR ESSA SE
QUISER, MAS VOCÊ NÃO
DEVERIA SE PREOCUPAR EM
AGRADAR AOS OUTROS.

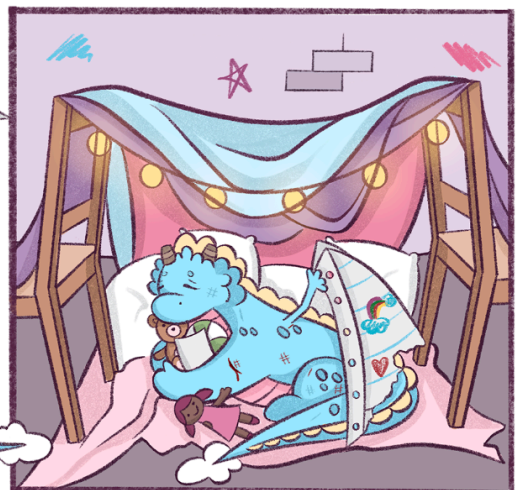
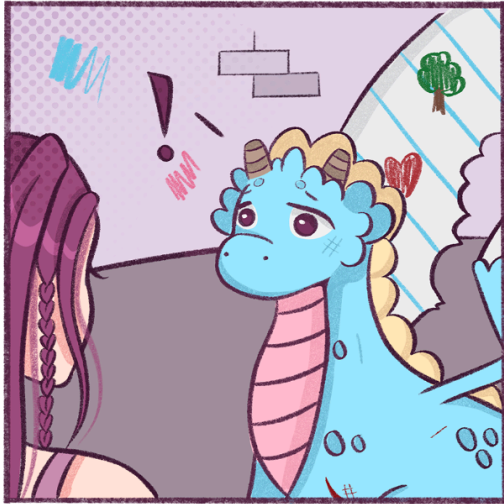
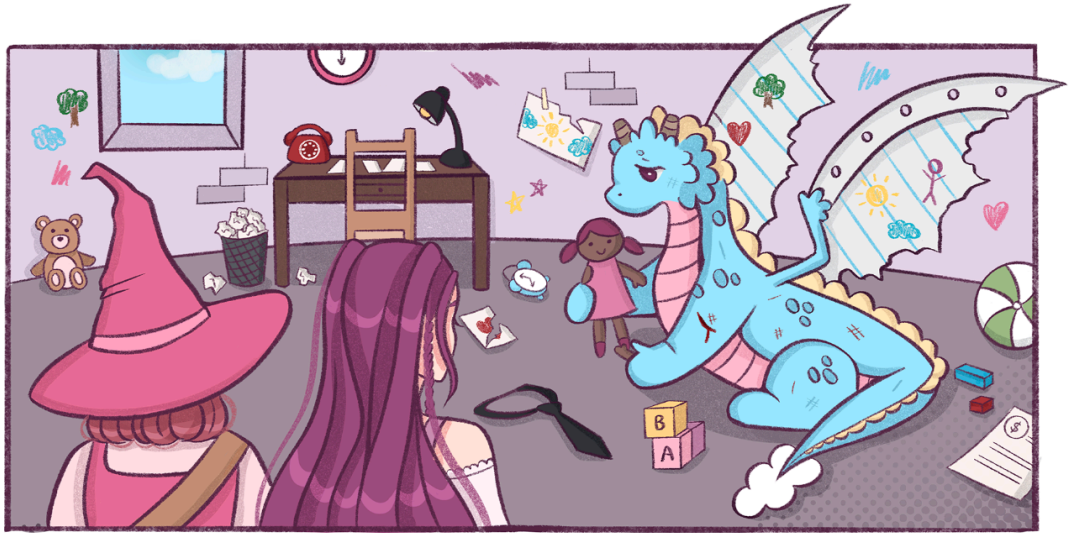
ESPERA, A MÁSCARA CARREGADA
PELA VERDADE...

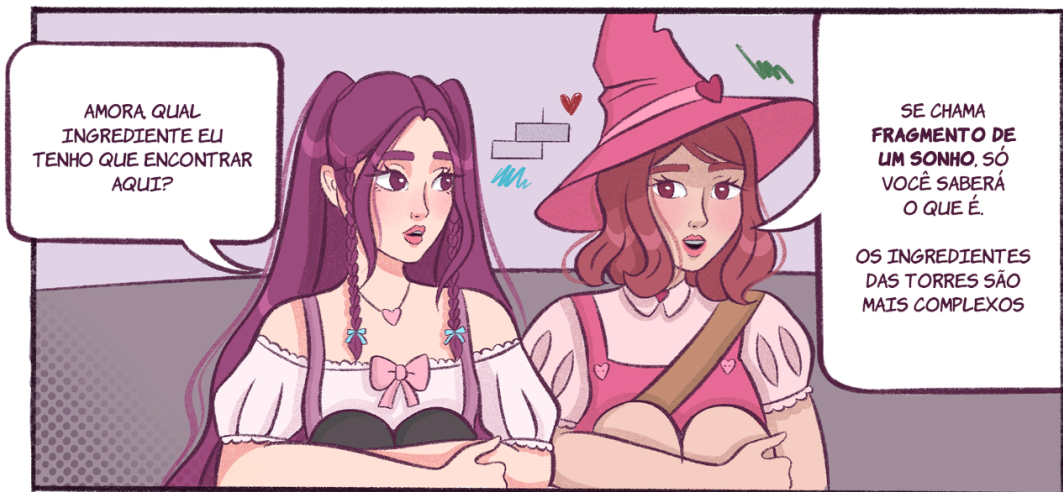
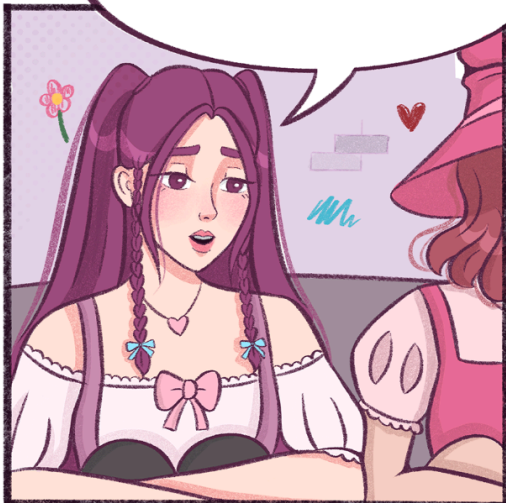
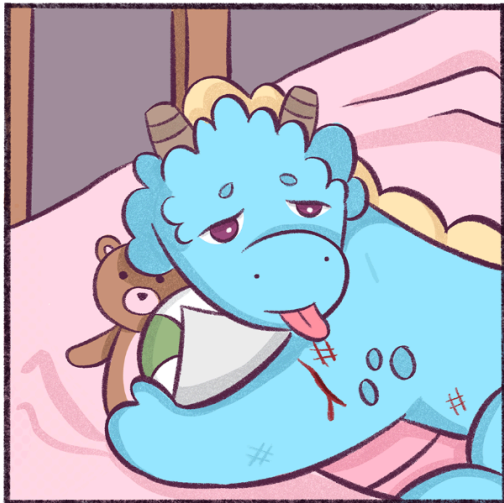
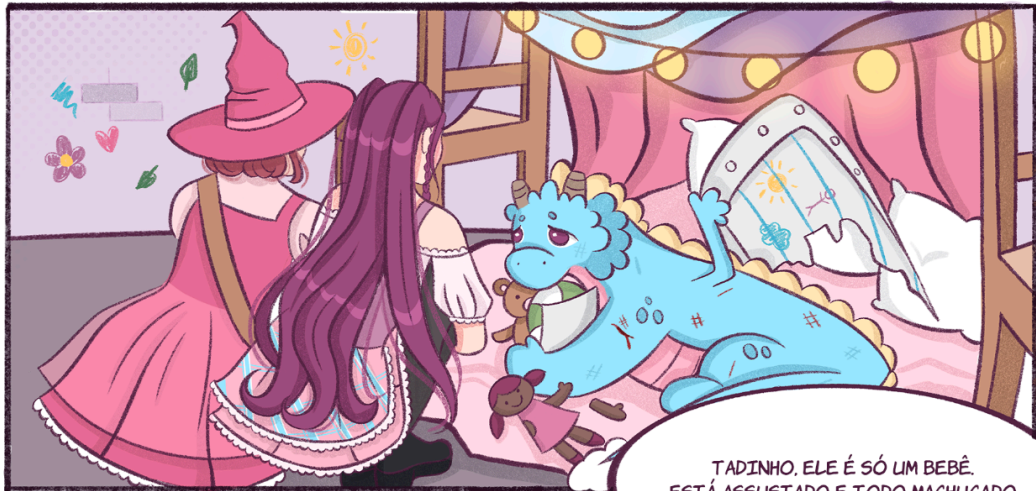
ELI ESTAVA ESPERANDO
VOCÊ SE LEMBRAR DE MIM
EM MEIO A ESSA MULTIDÃO
DE MÁSCARAS

A VERDADE NÃO
ESTÁ NA MÁSCARA,
E SIM EM VOCÊ, O
MEU "ELI" DE VERDADE

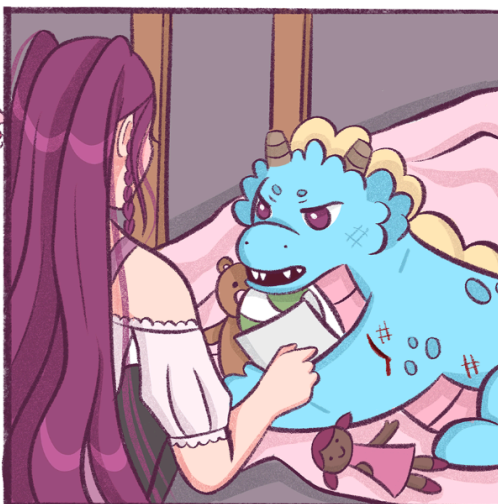
A ÚNICA MÁSCARA
VERDADEIRA É NÃO
USAR NENHUMA, LIANA

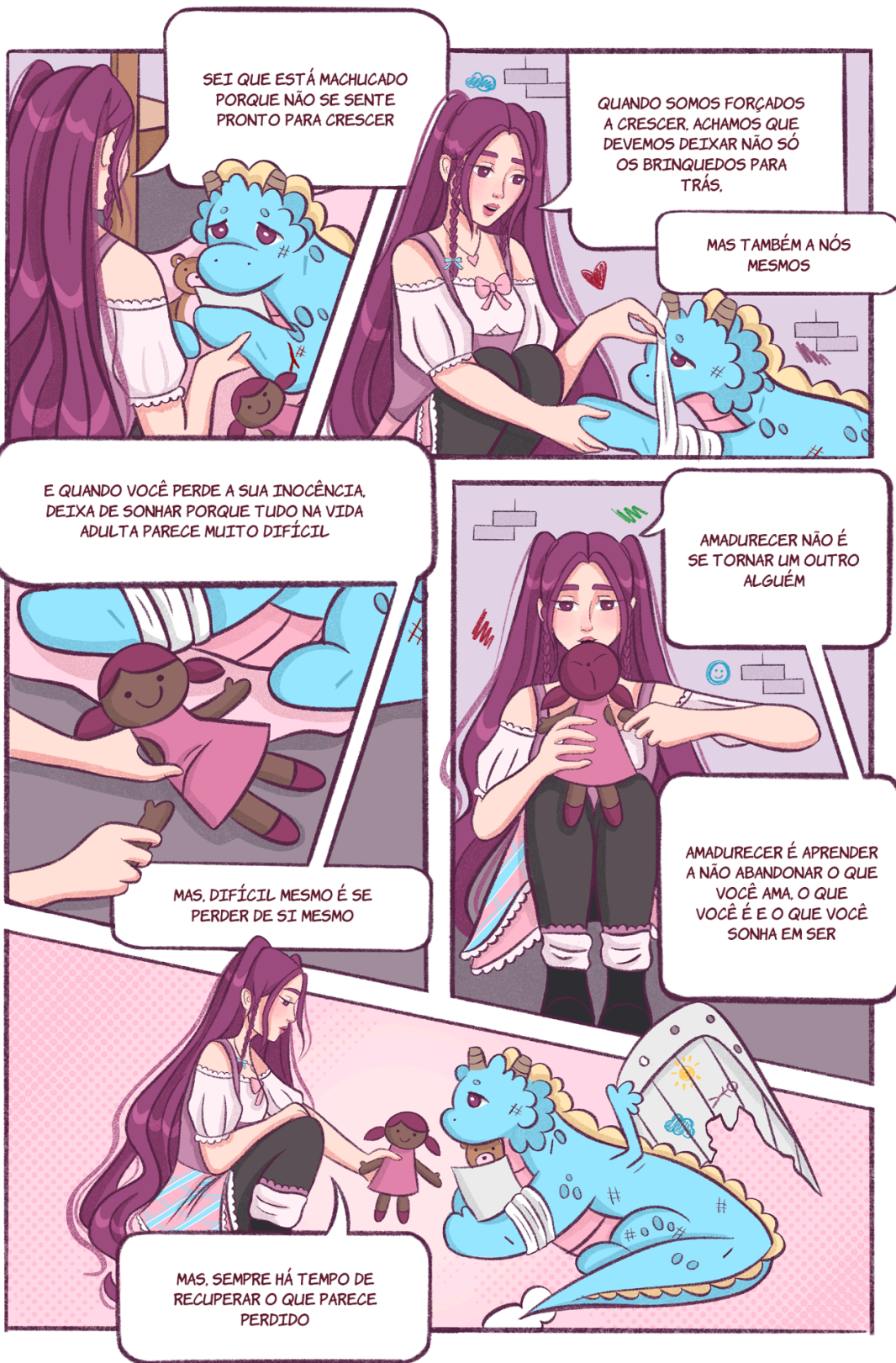


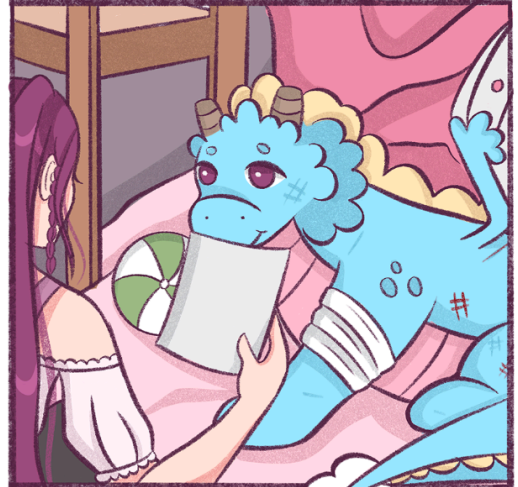
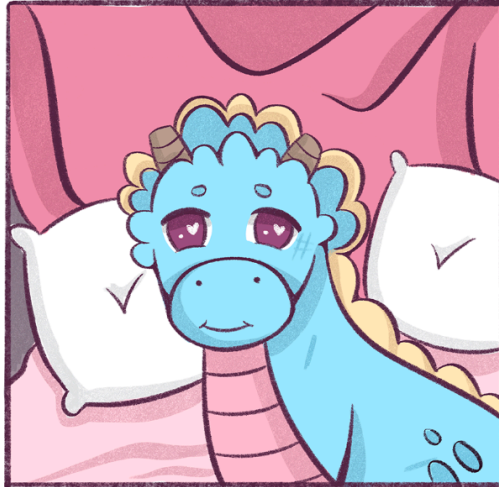






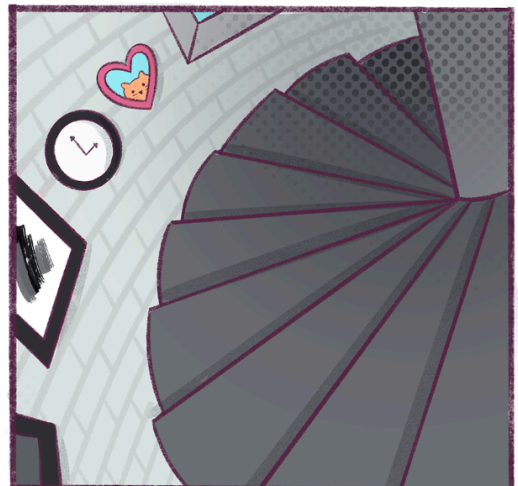
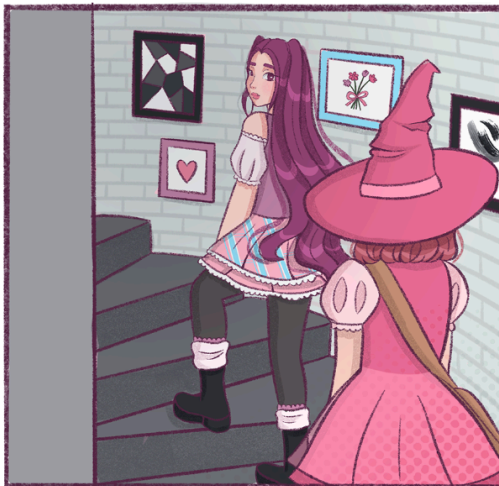


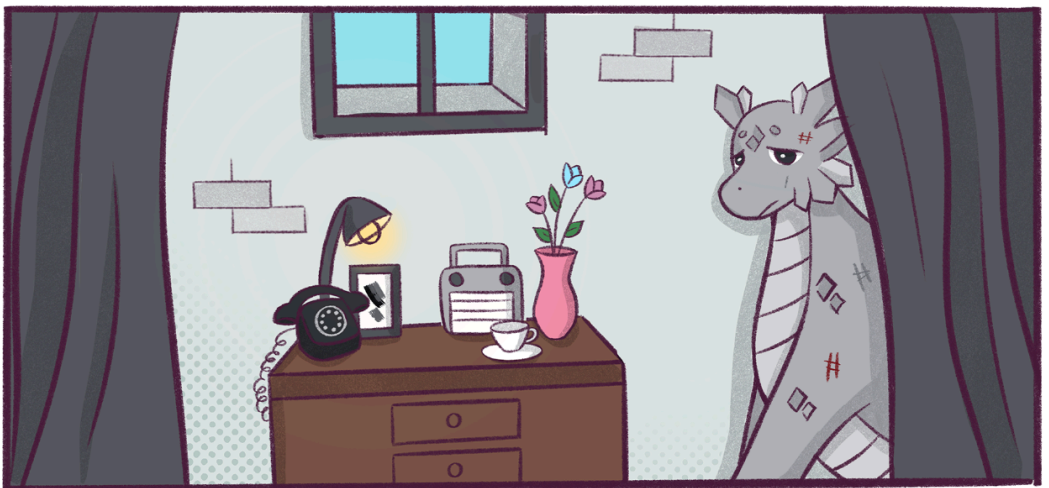
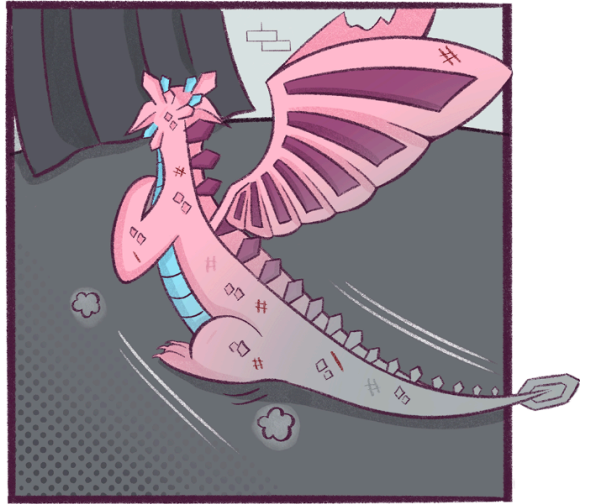
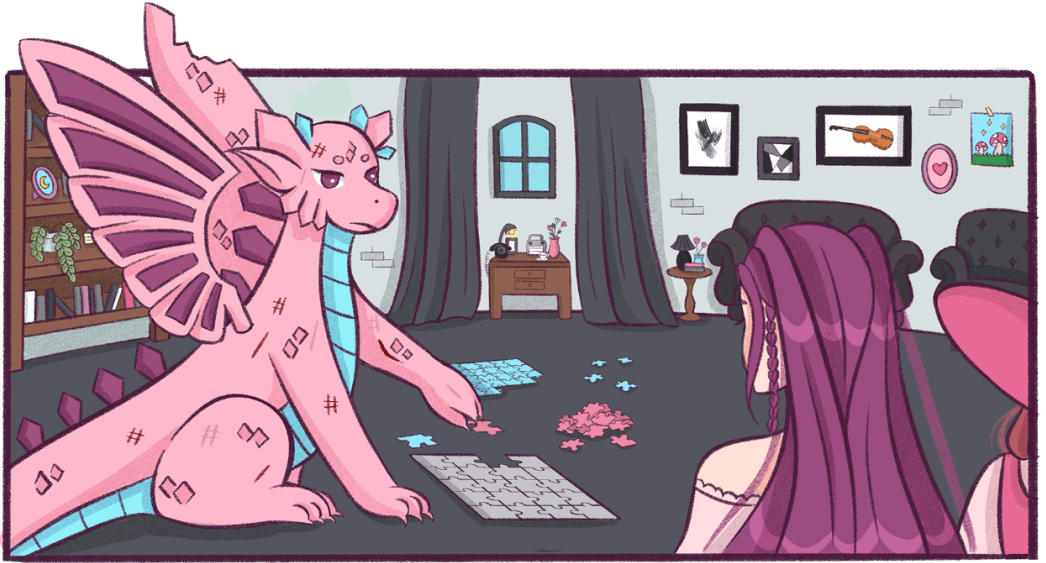


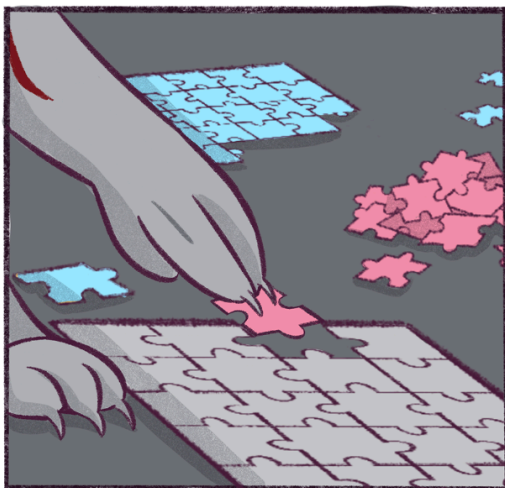
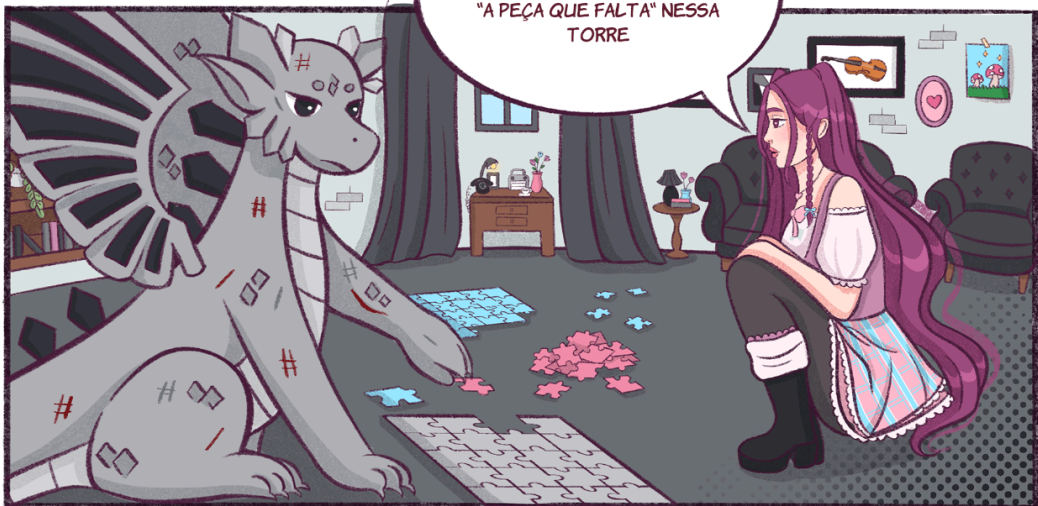




ESSA É A TORRE
DESCONEXA. AQUI,
VOCÊ VAI PRECISAR
ENCONTRAR A PEÇA
QUE FALTA

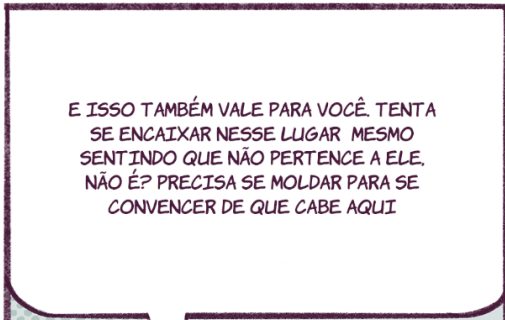








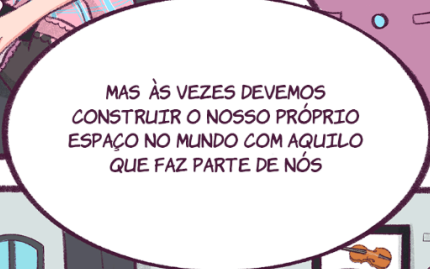
VOCÊ PODE MONTAR UM QUEBRA-CABEÇAS COM AS PEÇAS QUE TEM EM VEZ DE TENTAR FORÇÁ-LAS ONDE NÃO CABEM



E ISSO TAMBÉM VALE PARA VOCÊ. TENTA SE ENCAIXAR NESSE LUGAR MESMO SENTINDO QUE NÃO PERTENCE A ELE. NÃO É? PRECISA SE MOLDAR PARA SE CONVENCER DE QUE CABE AQUI

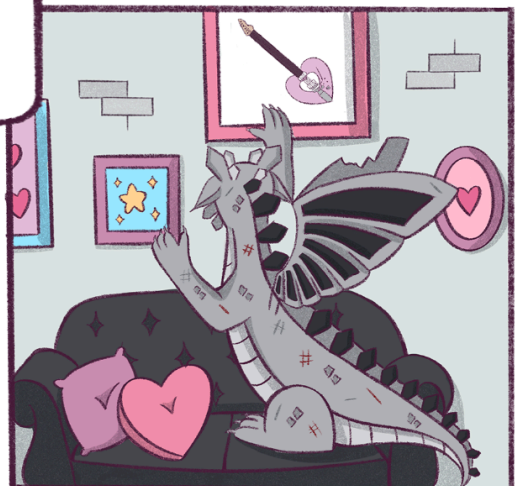
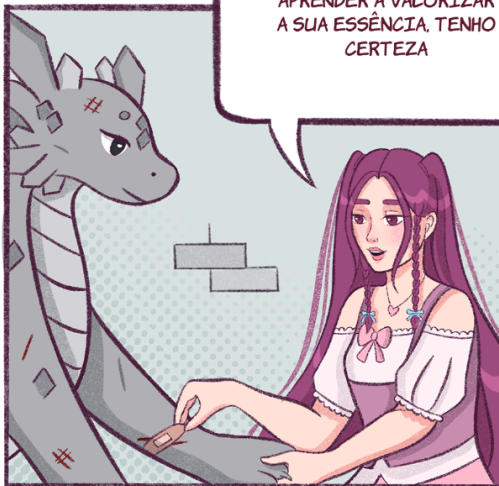
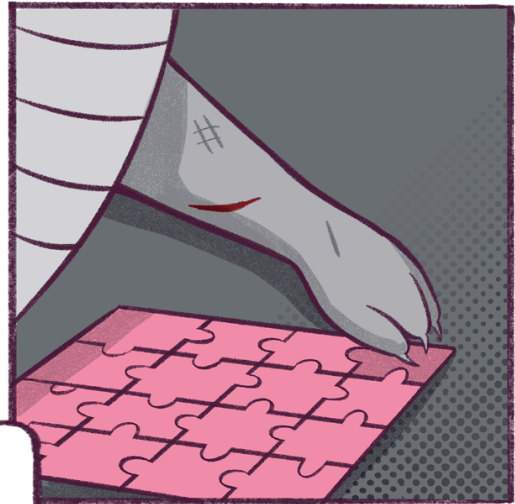
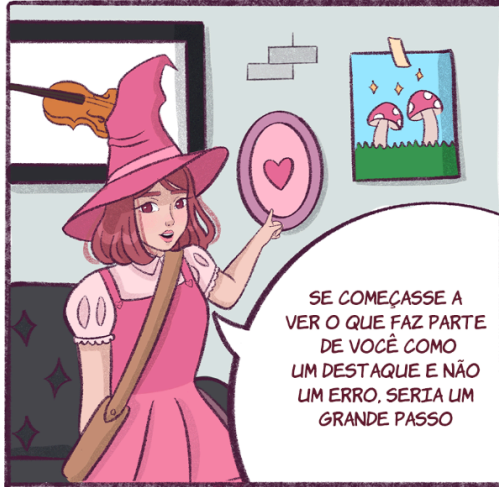


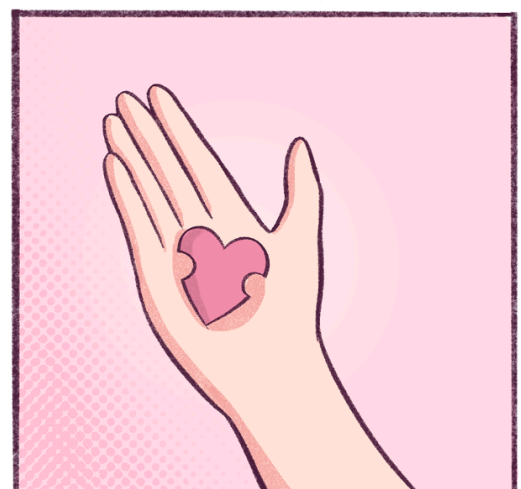
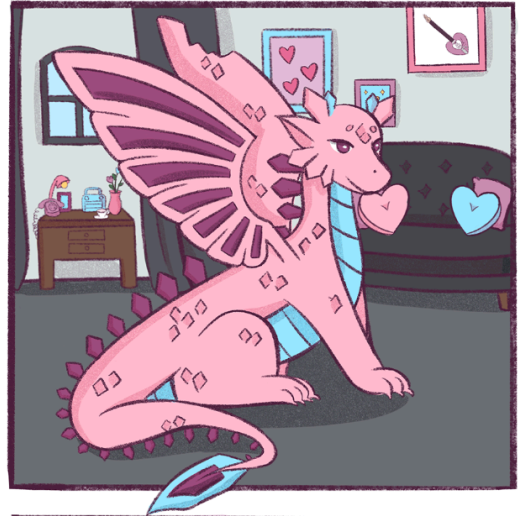
SEI QUE SENTE QUE O PROBLEMA ESTÁ EM VOCÊ. QUE OS SEUS ESFORÇOS PARA SE ENCAIXAR NUNCA SERÃO O SUFICIENTE. SEI COMO É SE SENTIR DESLOCADA.

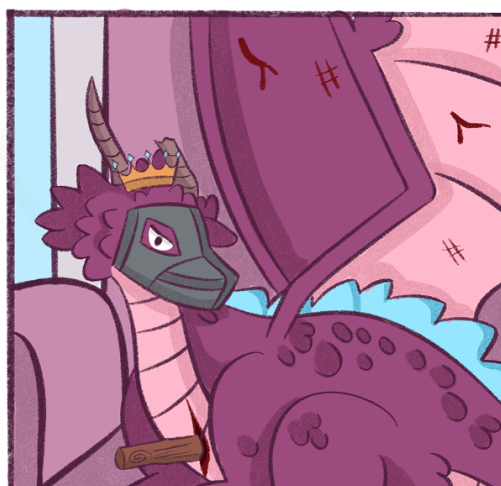
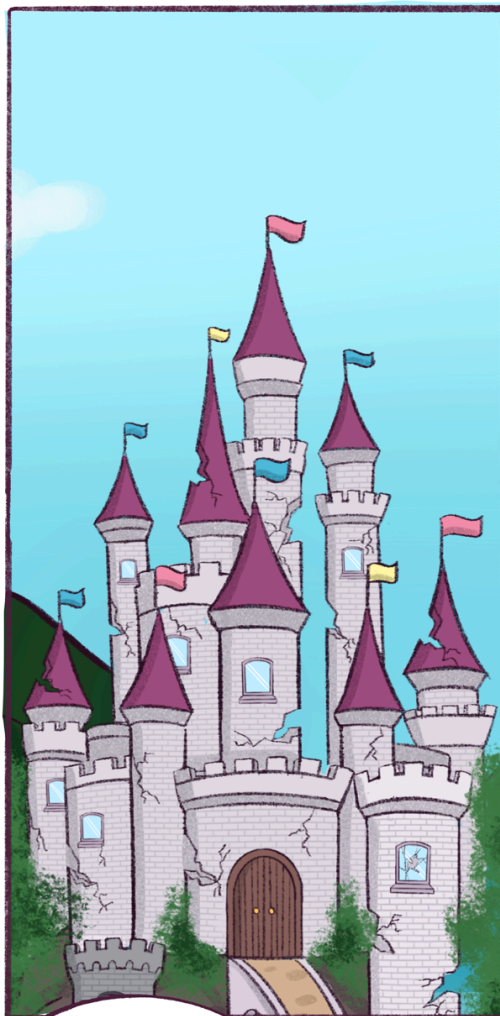


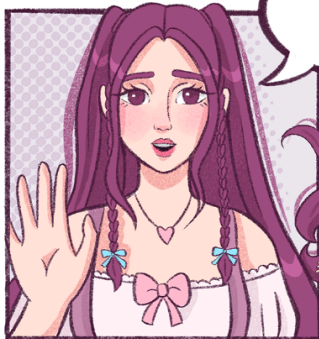
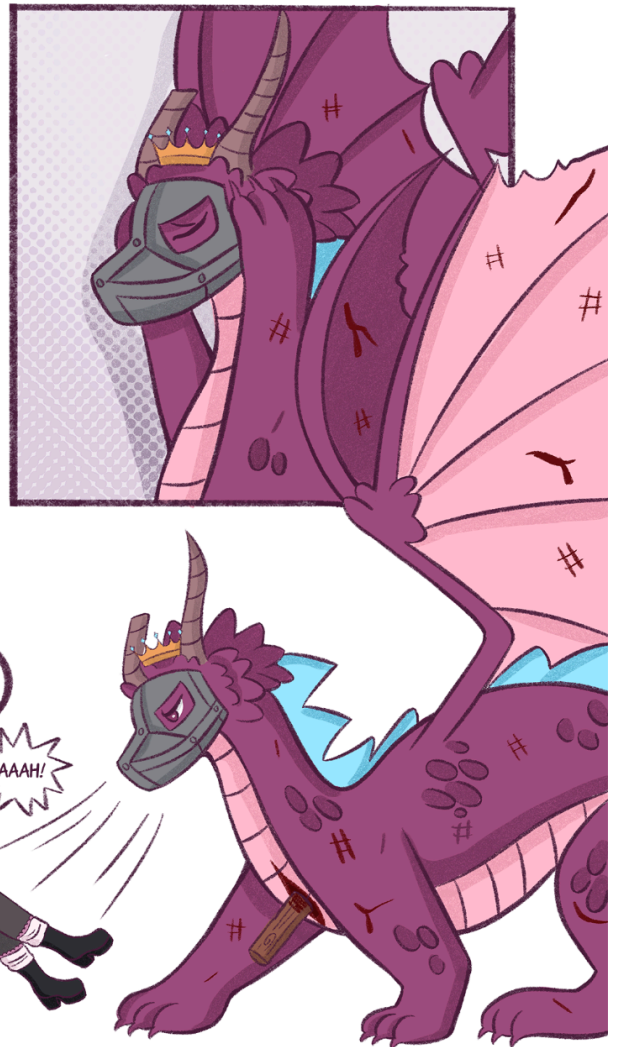
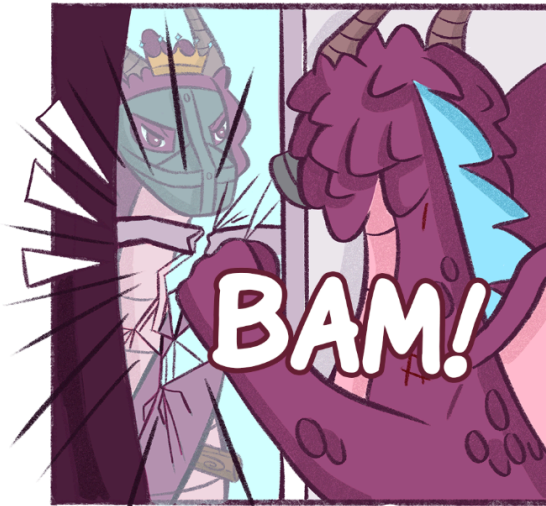
MAS ÀS VEZES DEVEMOS CONSTRUIR O NOSSO PRÓPRIO ESPAÇO NO MUNDO COM AQUILO QUE FAZ PARTE DE NÓS





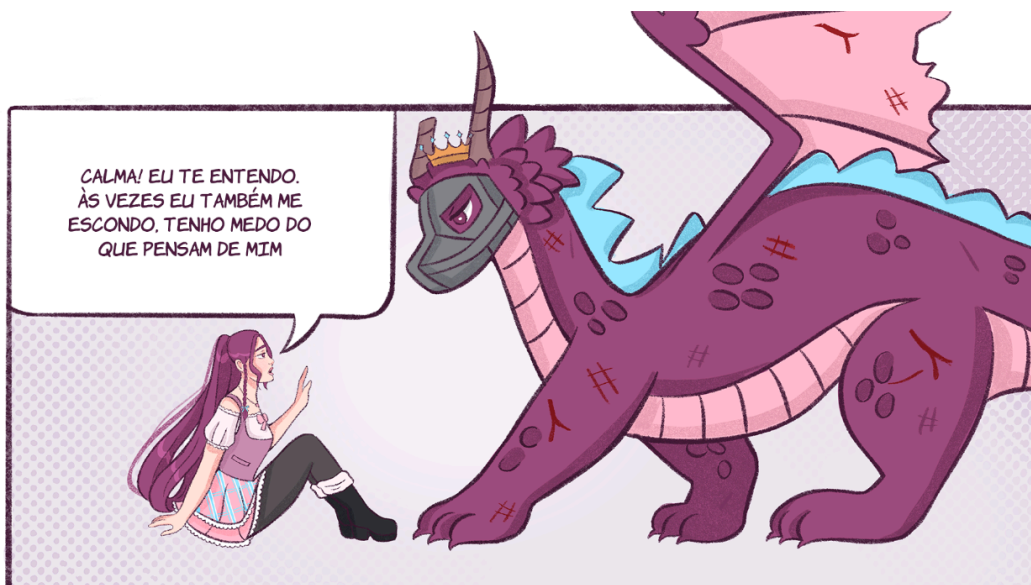


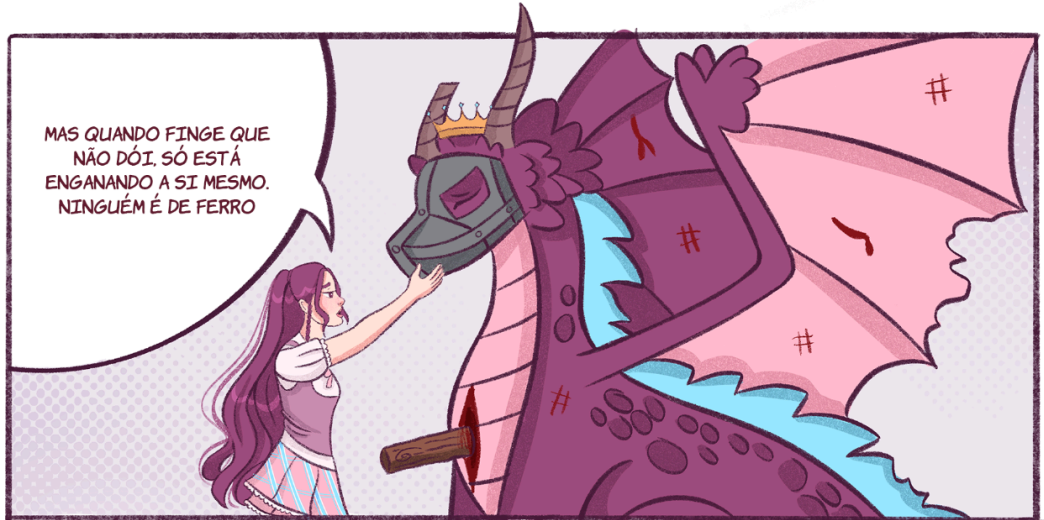




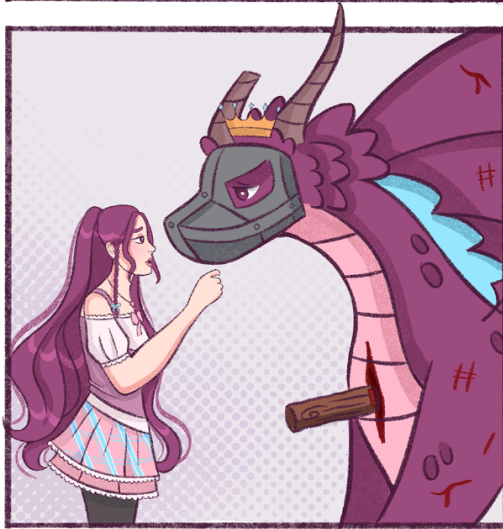
EI, ESPERA. SE ACALME!

AAAH!





MAS QUANDO FINGE QUE NÃO DÓI, SÓ ESTÁ ENGANANDO A SI MESMO. NINGUÉM É DE FERRO

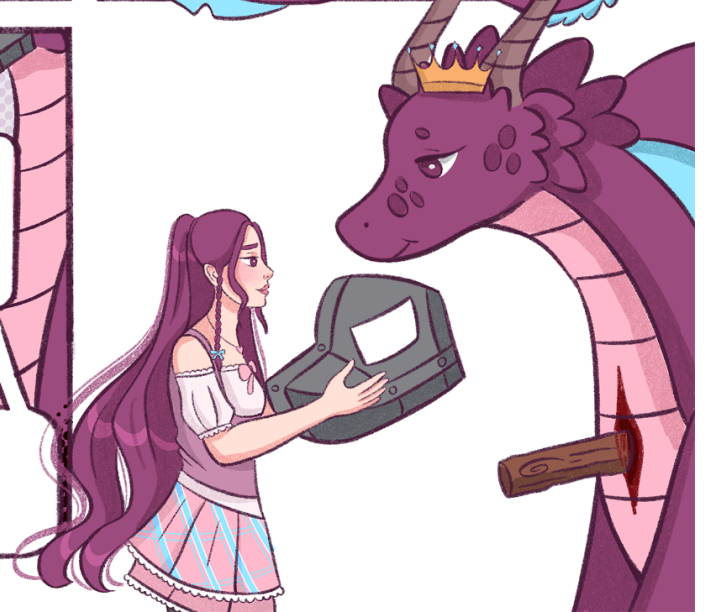


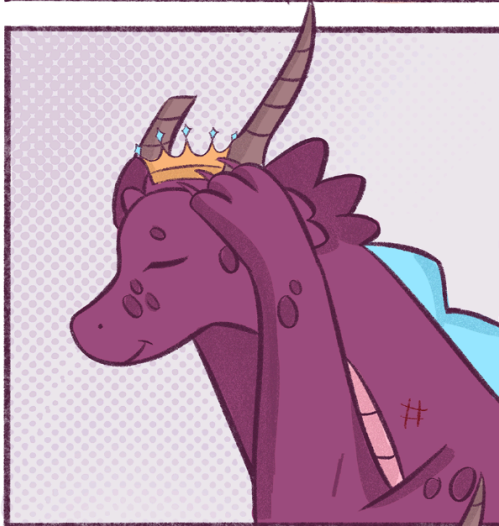
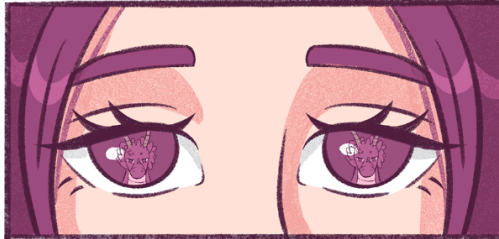
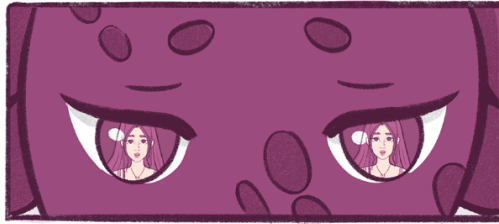
SABER PEDIR AJUDA É UM DOS MAIORES ATOS DE AMOR QUE PODE FAZER POR SI MESMO



ESSE EU NÃO POSSO TIRAR, FOI VOCÊ MESMO QUE FEZ, NÃO É?

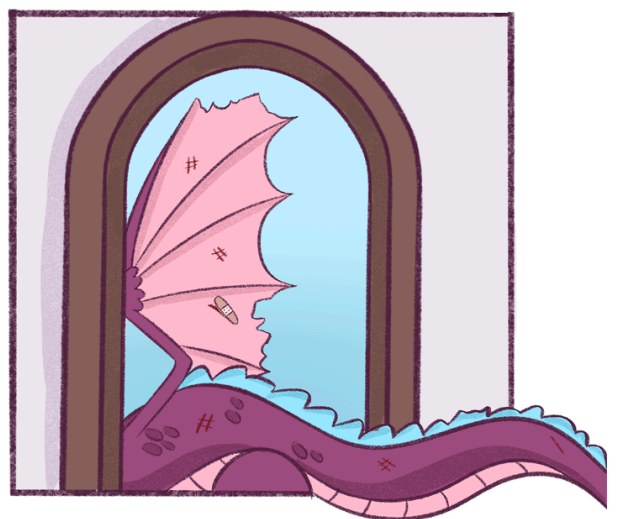
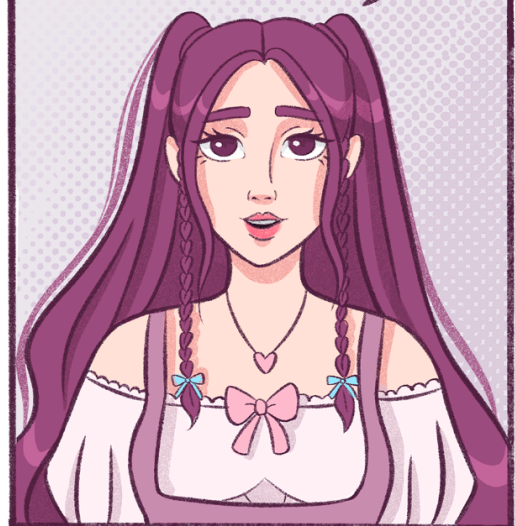
QUANDO MACHUCAMOS A NÓS MESMOS, SOMENTE O NOSSO PRÓPRIO PERDÃO É CAPAZ DE CURAR

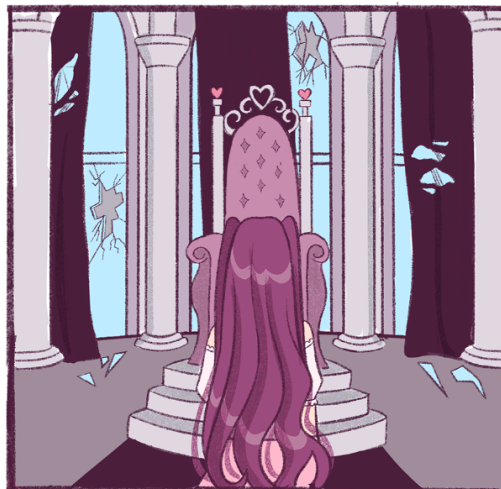
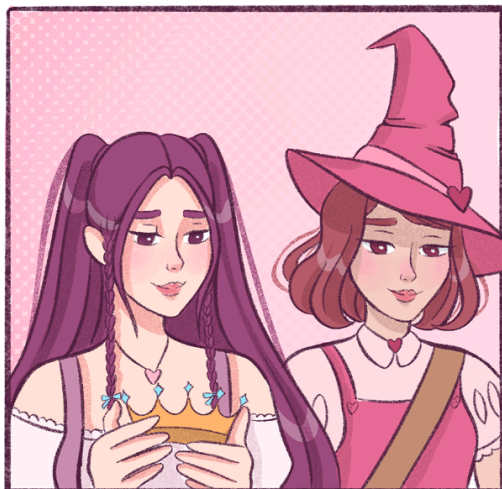




EU SEI O QUE VOCÊ É E ESTÁ TUDO BEM, EU TE PERDOO PELO CAOS. NÃO É CULPA SUA. FUI EU QUE TE CRIEI E TE COLOQUEI AQUI

MAS É HORA DE VOLTAR PARA A SUA TORRE

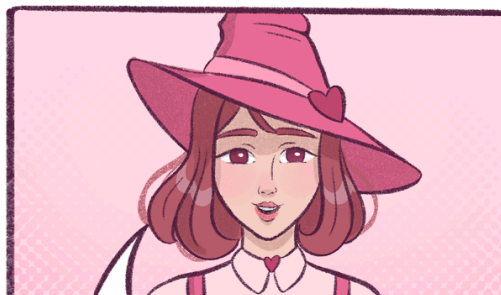




AGORA EU ENTENDO QUE ESSE LUGAR, QUE TUDO ISSO SOU EU E ME DÓI SABER QUE FUI EU MESMA QUEM CAUSEI ESSE ESTRAGO. NÃO VAI SER FÁCIL, SEI QUE O AMOR-PRÓPRIO NÃO SURGE DE UMA HORA PARA OUTRA E DEMORAREI PARA CONSERTAR ESSE CAOS



MAS TER CONSEGUIDO OLHAR PARA MIM MESMA, ACEITAR QUE TENHO FERIDAS E APRENDER A CUIDAR DELAS É UMA GRANDE VITÓRIA PARA MIM

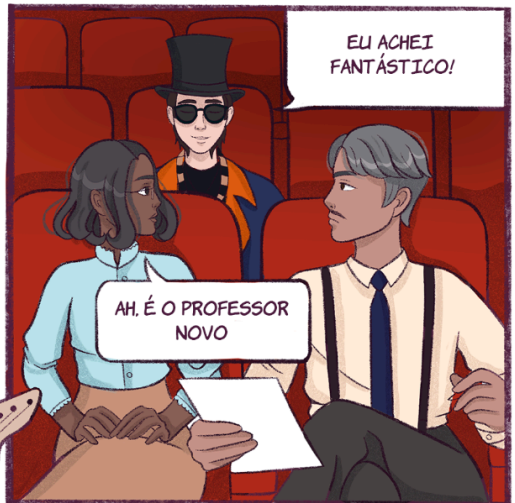


VOLTAR A GOVERNAR A PRÓPRIA MENTE COM CARINHO E CUIDADO É O MAIOR ATO DE AMOR QUE PODERIA FAZER POR SI MESMA, LIANA









5 ANOS DEPOIS

A PRÓXIMA CANÇÃO FALA SOBRE UM MOMENTO DA VIDA EM QUE VOCÊ TEM UMA **EPIFANIA** E FINALMENTE PERCEBE QUE PRECISA APRENDER A ENTENDER, ACEITAR E A AMAR CADA PARTE DE SI MESMO, INCLUINDO OS DEFEITOS E FRAQUEZAS

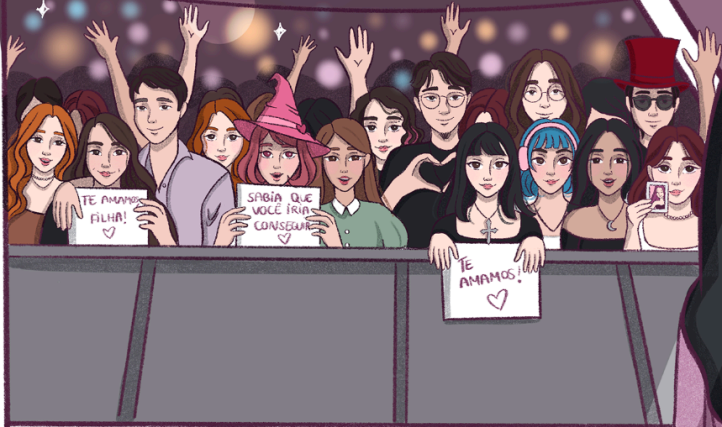
NÃO É FÁCIL ACEITAR AS NOSSAS SOMBRAS, MAS SOMENTE QUANDO VOCÊ ENTENDE QUE DEVE SER REAL E NÃO PERFEITO, O AMOR-PRÓPRIO COMEÇA A SURTIR



DEPOIS DE MUITO REVISITAR TORRES E DRAGÕES, HOJE EU FINALMENTE POSSO DIZER QUE EU ME AMO



OBRIGADA A TODOS VOCÊS POR ACREDITAREM EM MIM. QUANDO NEM EU MESMA ACREDITEI



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, ao finalizar a pesquisa, percebe-se que, por meio da simbologia, é possível produzir um universo ficcional que aborda temas profundos e doloridos de forma bonita, calorosa e reflexiva. Enquanto os referenciais junguianos contribuem para que a construção da narrativa seja voltada à saúde mental, os estudos sobre amor colaboram não somente para um melhor desenvolvimento do processo de busca pelo amor próprio, mas também demonstram como o autoamor pode ser objeto de cura. Quando amamos a nós mesmos, temos a capacidade de nos tornarmos seres igualmente amorosos e repletos de compaixão.

Essa pesquisa teórico-prática, além de tratar-se de uma autoficção, foi para mim como comer um bolinho da individuação. Em cada um dos momentos em que pesquisava sobre o funcionamento da psique, ao mesmo tempo em que estudava o amor em todas as suas faces, em cada momento que criava a narrativa da história em quadrinhos, escrevia os balões de fala com diálogos que sintetizavam angústias do meu próprio coração, sentia como se conhecesse mais a mim mesma e, conseqüentemente, me amasse um pouco mais a cada dia.

Escrever e quadrinizar essas personagens foi não só como olhar-me no espelho, mas também uma espécie de suspiro para a minha alma que, por tanto tempo guardou todos esses sentimentos dentro da minha sombra.

Assim como Liana, ainda precisarei visitar muito as minhas florestas, teatros, torres e dragões para encontrar a minha individuação e, como aponta bell hooks (2021, p. 107) “A luz do amor está sempre em nós, não importa o quão fria esteja a chama”. Dito isso, nunca é tarde para reencontrar o amor-próprio.

REFERÊNCIAS

HOOKS, Bell; BORGES Stephanie **Tudo sobre o amor : novas perspectivas**. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

KRISHNAMURTI Jiddu; PEIXOTO Rodrigo. **O livro da vida**. Editora Planeta do Brasil, 2016.

NHAT-HANH, Tchich. **A arte de amar**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 2015

STEIN, Murray; CABRAL Álvaro; TABONE, Márcia. **Jung : o mapa da alma**. São Paulo: Cultrix, 2006.

MACKESY, C. **O menino, a toupeira, a raposa e o cavalo** - A história em movimento. Sextante, 2022.

FRANCO, Edgar Silveira. **Ateliê Interdisciplinar de Artes Visuais: Histórias em Quadrinhos de Autor**. Goiânia: Faculdade de Artes Visuais — UFG, s.d. (Capítulo de livro didático de disciplina da Licenciatura em Artes Visuais EAD da FAV-UFG), 2009.

CHINOMIKO, BEEMOV. **Amour Sucré: Le SMS mystère**, 2011

BTS. **Black Swan**. Seul: Big Hit Entertainment, 2020. 1 single. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0lapF4DQPKQ>. Acesso em: 24 nov. 2025.

BTS. **Fake Love**. Seul: Big Hit Entertainment, 2018. 1 single. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7C2z4GqqS5E>. Acesso em: 24 nov. 2025.

BTS. **The Truth Untold (feat. Steve Aoki)**. Seul: Big Hit Entertainment, 2018. 1 faixa. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ITc-om9SVr4&list=RDITc-om9SVr4&start_radio=1 Acesso em: 24 nov. 2025.

BTS. **Magic Shop**. Seul: Big Hit Entertainment, 2018. 1 faixa. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=38k5zr1e0HI&list=RD38k5zr1e0HI&start_radio=1 Acesso em: 24 nov. 2025.

RM. **Ughood**. Seul: Big Hit Entertainment, 2018. 1 faixa. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7BH6fzOdKa8&list=RD7BH6fzOdKa8&start_radio=1. Acesso em: 24 nov. 2025.

JIN. **Epiphany**. Seul: Big Hit Entertainment, 2018. 1 faixa. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=flkZOLsnoqY&list=RDflkZOLsnoqY&start_radio=1. Acesso em: 24 nov. 2025.

AGUST D. **28**. Seul: Big Hit Entertainment, 2020. 1 faixa. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GLG31v_T1Qo&list=RDGLG31v_T1Qo&start_radio=1. Acesso em: 24 nov. 2025.

BTS. **Answer: Love Myself**. Seul: Big Hit Entertainment, 2018. 1 faixa. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9mwRYgMmSGE&list=RD9mwRYgMmSGE&start_radio=1. Acesso em: 24 nov. 2025.

SPEKTAUR. [1080p] BTS – Intro + Fake Love + IDOL (Melon Music Awards 2018 – MMA 2018). YouTube, 03 dez. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0j2Rypbrbwo>. Acesso em: 25 nov. 2025.